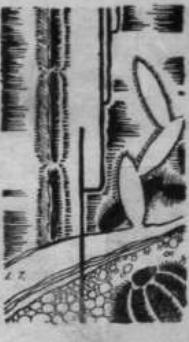




WORLD'S WIDE LIFE



"São os do Norte que vêm..."

LOBATO NA AMÉRICA

Artur Coelho

Quando Monteiro Lobato deixou o palco dos vivos pelos bastidores misteriosos da morte, muitos de seus amigos, principalmente aqueles que tinham convido com ele nos últimos tempos, surgiram logo nos jornais, trazendo cada qual a sua oferenda de dor, o seu tributo de saudade. Eu e muitos desses escritos, mandados por amigos que conheciam o afeto que me prendia a Lobato, e cá de longe, da América que nos via juntes, sofrí cedido a minha mágoa. Cabia-me dizer algo, eu bem sentia, porém não pude fazê-lo aquele dia.

Escritor tão do nosso agrado, rigorosamente sincero, e que tanto produziu, Lobato foi muito discutido, no começo, por causa da sua rebeldia incomprendida, tendo sido também um dos primeiros dos nossos a aparecer aqui em tradução inglesa, em muitos dos seus belos contos.

Já em 1922, falava dele, em capítulo especial, a "Brazilian Literature" de Isaac Goldberg, que foi ainda o tradutor de seus "Brazilian Tales". Goldberg iniciava esse capítulo traduzindo uma deliciosa carta que lhe mandara Lobato — missivista admirável — e cujos autores serviam para situá-lo, escaricadicamente, como o mais individual e dinâmico dos líderes da revolução que se dava nas lettras nacionais, e que, graças a ele, é praticamente a impressão das coisas impressas. Isto é, da ideia e da revista e do livro!

Depois, como attaché comercial, Lobato passou-se para cá. Infelizmente, Goldberg já havia prematuramente desaparecido. Não pude conhecer em pessoa o homem original e desprendido de vaidade, de quem falaria com tão justa simpatia. Escrivendo um artigo para o Brasil, em janeiro de 39, sobre o passamento de Isaac Goldberg, eu me referia a esse seu capítulo X, todo dedicado a Lobato:

"E não admira que assim se expressasse, concentrando nele — Lobato — a força dos modernos, porque, de fato, quem poderá tentar uma descrição desse quarto de parturiente — que era aquela época de após-guerra — com os primeiros vagidos das "lettras novas", o cheiro peculiar de alfazema, os banhos de asento, as sandálias feitas a copoço de coquimbo, e os votos fangidos ou não de meia-dúzia de co-madres, — quem poderá aludir a tais coisas, sem trazer à baila a atividade de mestre Lobato, verdadeira midízia da bebé-literatura-moderna, que hoje está mocinha? Os "Urupês" foram o gameiro em que lhe cortaram o umbigo e tomou o primeiro banho..."

Naquela época, estávamos longe dos românticos vitoriosos de hoje — os Zé Lina, Véritimo, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Amando Fontes, etc. Monteiro Lobato era, de peito, o jequitibá de galharia derramada, encorciado de semelhantes, cheio de ninhos, com cortiços de abelhas pelos olhos e saquinhos brincando de trapezóide de rama em rama. — Árvore memorial da qual seira literária, que olhava para as outras muito de cima, fazendo-lhes sombra..." Volvidos tantos anos, estas comparações, creio, ainda valem.

Lobato chegou, viu e gostou da América. Claro, se era sua antiga sweetheart! Lá estão na "Barca de Gleyre" as cartas entusiasmáticas que daqui mandou ao Rangel. Descobriu logo no rabin americano um primo legítimo do nosso sábio. Só faltou dizer, para Ianquizá-lo, que cantava em inglês. A América era aquilo — justamente o que ele esperava: uma resolvida de problemas, a roda número um do grande progresso. Não já havia sonhado tanto com ela, vendo-a de longe, a golpes de imaginação, quando escrevia "O Choque das Raças"? Ao contrário de tantos brasileiros que aqui chegam, de nariz no ar, apontando defeito em tudo, o Lobato não teve decepções: a sua admiração tornava-se agora mais categórica. Assim, enamorado da terra, não lhe procurava sendes — via só aquilo que lhe parecia interessante e que tivesse certa aplicação ao "caso brasileiro". Sim, porque conservar o Brasil — curar a nossa gente de dentro para fora, da alma sá a aproveitamento cumulativo das nossas "fabulosas riquezas inexoradas" — fôra sempre uma grande preocupação de Lobato.

Disse Shakespeare que até o demônio cita a Escritura, quando a citação lhe convém. Ora, sem querer competir com o anjo decaído, lá está na Bíblia — "A quem eu amo castigo e re-

preendo". Lobato amava extremamente o Brasil. Daí não lhe poupar a pele, fustigando-o sempre, para ver se o bicho tomava brios e encarava. Outro não foi o objetivo de suas campanhas. Primeiro, com a sede das nossas populações rurais; depois, pelo lado da economia — querendo salvar o Brasil pela industrialização do babaçu, do ferro, do petróleo...

Quando Lobato voltou ao Brasil, depois de uma ou quatro anos de ausência, levou consigo material para um livro projetado. Era o "América". João Ribeiro, ao noticiar o seu aparecimento, disse no *Jornal do Brasil*: "Monteiro Lobato escreverá sobre a América o livro que todos esperávamos dele..." Depois, entrando em comentários, disse que para ele, Ribeiro, a América de verdade tinha sido sempre a de lá, a grande América, retratada por Lobato. E já para o fim da crônica, fazendo suas certas queixas do autor, concluiu, se bem me recordo: "O Brasil tem um mundo de problemas a resolver... Quando os resolverá? Consola-se com uma coisa: como tem por deante de si a eternidade... espera".

Nesse livro, cheio de entusiasmo e de observações inusitadas, o autor de "Mr. Slang e o Brasil" veio redescobrir aqui o velho inglês da Tijuca, para com ele penetrar os escantinhos de Nova York. Recomeça então o diálogo crítico hâ anno interrompido.

Lobato viu aqui coisas realmente próprias dos olhos lobatianos. Ele sorriu-se interiormente, refletindo nos olhos pardos a satisfação que sentia. Escrivendo, disse da América o que ninguém ainda havia dito — porque o disse ao seu modo, com aquele pitoresco de expressão de que ele tinha o segredo. Descobriu um ângulo novo em cada coisa, tirando de tudo conclusões, senão sempre certas, engraçadas e lóbaticas. Sabia que estava diante das realizações de um povo preocupado com engendrar, "fazer", pôr de pé. O americano só entra em contemplação para ver se o que fez está bem; se funciona, se serve. Serviu? — Toca pra frente, vamos fazer outra coisa! Nada do feito contemplativo português, que os obriga a ficarem quatro séculos embasbacados diante do que fizeram num século de milagres! Lobato, exemplo raro de dinamismo no Brasil, adorava essa "toca pra frente", essa marche-marche das palpitacões ianques. Nova York, que ele viu num anjo de construções, mereceu-lhe o epíteto de "cidade dos picapaus", para dizer do repinique metálico dos martelos de ar comprimido. O chorro, esse reizinho da América, teve de um capítulo e tanto. O *gangster*, que a outros visitantes parecerá, com lógica, inexplicável selvageria, recebeu uma explicação lobatiana de marca: "produto de excesso de riqueza". Realmente, é o mesmo *gogetismo* dos outros agindo de pés para diante. As cidadezinhas americanas, em que uns bobaílhes brasileiros dizem ver uma standardização chocante, encantaram, merecidamente, o nosso Lobato, que verificou logo, desmentindo a observação daqueles, não haver duas casas iguais numa mesma rua — casas sótãs em seus gramados, ajiadinhadas, com espantosa ausência de muros e tapumes. Fez logo uma comparação com as casinholas das nossas cidades do "interior" — todas do mesmo feito! Sem gosto, sem conforto, índice irretorquível da nossa pobreza! E muros, cercas, fachadas por toda a parte! Herança portuguesa, observou justamente Mr. Slang pela boca de Lobato. Com efeito, o português andou por todos os círculos, mas só pensou nas colônias de fazer um tipo de casa — a casa porta-e-janeira, feia, escura, chata! Havia o tal estilo colonial, mas isso era só para senhores-de-engenho e ricaços...

E a mulher? A americana, com que têm topado tanto ilustre visitante, desde De-Tocqueville para cá, não escandalizou nem o Lobato. Achou-a linda, naturalíssima. Bateu-lhe palmas na questão marital... Riu-se de bom-humor. Com blague ou não, escreveu sobre ela o capítulo mais vistoso, mais original, que já lhe dedicou uma visitante. O nosso amigo Naylor, que esteve dez anos no Rio, traduziu quase todas essas páginas para o seu livro "The Glamour of Brazil", e em inglês ficaram ainda mais estuprantes. A linguagem é Mencken ou Bernard Shaw do melhor quilate.

Ora, Lobato nos deu no "América" suas impressões da terra do Tio Sam. Mas ninguém

ainda escreveu sobre Lobato na América. Vê-lo aqui, conversá-lo, ouvi-lo, e observar suas surpresas e reações ante as coisas americanas — é assunto que me parece interessante. E, sem dar a esta crônica nenhum senso de direção, ou de continuidade, quero expor a seguir algumas impressões das nossas andanças em Nova York.

A minha admiração por Lobato vem lá do começo. Estava eu no Amazonas, onde a sua



Monteiro Lobato e Artur Coelho em New York
(fotografia inédita — 1930)

chama me foi pegar. O homem acabava de surgi. Sem nunca ter ouvido falar do seu nome, comprei um dos cinco exemplares dos "Urupês" que subiram o rio-mar, isto antes de Ruyter feito a apresentação do Jeca no Senado. Exteriamente, era uma brochura como qualquer outra, com a gravura de "maté-pau" na capa amarela. Abri o livro casualmente, que me indicara Adérson Magalhães na livraria Palais Royal de Manaus. Abro-o no conto da "Peroba". Li algumas linhas e tudo me pareceu novo, interessante, diferente do que nos vinha do sul. Comprei o livro. Era um caso de *love at first sight...*

Depois, a fama de Lobato botou raízes pela terra tóida. Iamalhô que nem imbaúba no brejo. Já o destino atirou comigo para Nova York — e um dia, um amigo, Henrique Blunt, me deu a notícia de que Lobato estava na cidade. E ele próprio depois me apresentou. Mera apresentação, pois o conhecimento vinha de

longe. Nos primeiros meses de residência em Nova York, Lobato morava em Jackson Heights, bairro bonito para onde o levava o Blunt, seu vizinho. Eu morava na rua 19-Oeste: separavam-nos uma floresta de arranha-céus de muitas milhas de distância. Mesmo assim, Lobato visitou-nos algumas vezes. Mais tarde, outra viagem do acaso: passei-me para a rua 138 e Lobato veio morar na Broadway, à altura da rua 143. Vizinhos, portanto. Começam então as nossas caminhadas aos domingos. Saímos ai pelas dez da manhã e fomos geralmente de Broadway acima, ou pela beira do Hudson, a

ver a bela ponte de George Washington, que estava em processo de levantamento. Iamos lá todos as semanas. Era espantoso o progresso que se notava em sete dias de trabalho.

Muitas vezes chegávamos perto da ponte, e Lobato, que nunca perdêra a paciência dos *sketches* a lápis, sentava numa pedra na barranca do Hudson, e de caderno nos joelhos, fazia croqui da ponte ou de outros aspectos locais — como o Medical Center, que também estava em construção. Enquanto o lápis ia delineando sombras e contornos, corria a imaginação de mestre Lobato sobre assuntos seus, ou discutiamos coisas sótãs ou restos de histórias de outras caminhadas. As vezes, Lobato levava capítulos de contos infantis, para nos ler — como se deu com "Pena de Papagaio", "Pôs de Pêrimpimpim", etc.

Se Lobato "editado" é aquilo que até as crianças sabem — uma maravilha de escritor — o Lobato "fakudo", como eu o ouvia naquelas manhãs de sol, era um encanto. O codasquita dos "Urupês" tinha lances geniais. Tiveira eu tido a intuição de um Baswell, e houve tal quiprafado as tiradas espontâneas do nosso Dr. Jonhson, que interessantes cadernos não teriam ficado daquelas caminhadas e trilhas de purimpimpim", etc.

Lá estou como passageiro da "Barca de Gleyre" — anotando Lobato que nas nossas andanças tratávamos quasi sempre de invenções. De feito, estabelecímos como programa que cada um de nós levasse para discussão um invento qualquer. Dona Purezinha, quando eu ia buscar o marido para os passeios, mostrava curiosidade pelas "idéias", das quais já algumas, tendo ocorrido a outros ideiosos, tomaram forma e são hoje objetos de uso.

Certa manhã, ao entrar no apartamento, Lobato ainda não estava pronto. Falando com Dona Purezinha, quis elas saber que noiteira manhãs de sol, era um encanto. O codasquita dos "Urupês" tinha lances geniais. Tiveira eu tido a intuição de um Baswell, e houve tal quiprafado as tiradas espontâneas do nosso Dr. Jonhson, que interessantes cadernos não teriam ficado daquelas caminhadas e trilhas de purimpimpim", etc. Dona Purezinha riu-se, apresentando o óbice de que devia doer, ao que atalhei logo, com o entusiasmo de inventor cioso de invento. Disse-lhe que sim, haveria uma dorzinha, uma espécie de desconforto, como o de quem usa uma dentadura postica pela primeira vez. Depois, a gente esquece...

Na rua, expliquei o risco inventivo ao Lobato, que gostou da idéia. Ao voltarmos do passeio, disse-me Dona Purezinha que ficava pensando nos óculos sem aros, e de tanto imaginar como seriam, estava com os olhos desen-

teira. Na rua, expliquei o risco inventivo ao Lobato, que gostou da idéia. Ao voltarmos do passeio, disse-me Dona Purezinha que ficava pensando nos óculos sem aros, e de tanto imaginar como seriam, estava com os olhos desen-

teira. Uma das invenções bacanas de Lobato era um aeronáutico a prova de queda; isto é, no ato de cair virava parapéquias. Consistia de fivelagem mais ou menos convencional. As anas ficariam reduzidas a um só plano, ou asa dupla, sótã do corpo do aparelho, porém a elas ligada por seis seções de cabos de arame, três de cada lado. Cabos ou varões de duralumínio. O avião arrancaria de corrida sobre suas rodas, suspensa a asa dupla (no caso de varões, ela ficaria em ponte), como quem suspende um papagayo para o empinar, ele tomaria vento, e em pouco o aparelho estaria em vôo, levando a asa um pouco atrás de si. Parando porém

(Continua na 7a. pág.)

TÓPICOS

FLIT NA ACADEMIA



Jamais esperávamos que um escritor tão paixão quanto o jornalista Silvino Lopes fosse capaz de trocar a sua civilidade adumbrada pelo de um verdadeiro soldado do batalhão do "Flit". Pois isso aconteceu quando acadêmico, que não tem pressa de ser chamado de ilustre, saudou o ingresso do seu colega Gilberto Osório de Andrade na Academia Pernambucana de Letras. Quando o público acreditava nisso a entrada de Silvino Lopes de vassoura em punho, eis que o autor do "O homem bom" ingressa no recinto com uma bombinha de flit dentro de seu discurso e proclama uma "detetização" em regra nos maestros acadêmicos, penetrando em todos os escaninhos e meandros do holofote e nunca dando louvada catarroca de seus pares.

Depois de seu discurso, que, como "flit", mata sem fazer mal aos mortais circunstantes, a Academia tem que arranjar gente nova, nova no sentido de gente de talento, para preencher as inúmeras vagas agora existentes. Ou então exír no risco de fazer sessões como se fossem espíritas, mas nem isso será possível porquanto os que foram varridos pelo "flit sivinense" não poderão lá voltar nem em espírito porque a gente só se apresenta com o que passa.

O grito mesmo é perderem o acanhamento e publicarem um editorial:

"Renovação integral da Academia"
"Apareçam os candidatos".



PROUST E A PROVÍNCIA



O Alecrim Clube, com sede no Rio de Janeiro, tendo à frente Otávio Alencar, Bustáquio Duarte e Salles Coelho, vai colaborar ativamente no próximo número de "Nordeste" dedicado a "Proust e a província". Nele ficará estatada a importância que a província, como fonte de vida sensível, teve na obra de Marcel Proust.

Além da colaboração brasileira, publicaremos fotografias inéditas, recebidas diretamente da França, e ensaios de alguns franceses sobre a relação do sacerdócio de Cambrai com a literatura provincial. Um número assim será mais uma homenagem aos que trabalham nas distantes províncias brasileiras e que nem sempre chegam a ser conhecidos na metrópole. No Recife, já contamos com o apoio de Gastão de Holanda e Gláucio Veiga, dois proustianos que representam, com talento, o espírito da província de Duarte Coelho.

Edições das províncias

O Modernismo Brasileiro — edição "Região" — Recife, 1949. A revista "Região", depois de ter lançado o livro de poemas "O Rosto", de Guerra de Holland, acaba de publicar um livro de ensaios de Antônio França. "O modernismo brasileiro", onde o autor reuniu uma porção de artigos já publicados nos jornais recifenses e mais alguns estudos inéditos sobre o desenvolvimento da consciência democrática no país através das suas manifestações literárias e políticas.

Vê-se no sra. Antônio França um teórico do materialismo dialético que procura traçar paralelos entre a nossa evolução mental e nosso desenvolvimento econômico-político. "O Modernismo Brasileiro", embora tenha páginas muito elucidativas no terreno das trincas ideológicas, ressalta-se de uma apresentação literária mais apurada denotando a pressa com que foram escritos alguns capítulos, principalmente os primeiros e os últimos.

Com essa edição, a revista do sra. Edson Regis, firmou-se como a única editora de Pernambuco em atividade.

A viagem definitiva — contos de Eduardo Campos — Edições Clá-Portaleza, 1949

A revista "Clá", ao comemorar o seu primeiro aniversário, lançou também, em bom cuidado, uma edição, os contos do sra. Eduardo

Campos, um dos mais jovens fisionomistas do grupo cearense que Raquel de Queiroz linda dia dêsse elogio, sem falar no artigo de Lúcia Miguel Pereira que salientava a força desse movimento que já atravessa todas as fronteiras do país.

Nos contos do sra. Eduardo Campos sente-se o fisionomista do cotidiano com qualidades de ala classe para tão difícil gênero de ficção. Todes os contos da "A Viagem Definitiva" são modernos, muito embora nem todos mantenham o mesmo grau de emoção do primeiro que abre o volume e que deu título ao livro.

Não é demais insistir que, apesar da sobriedade de forma nos seus contos, a edição de "Clá" é um modelo de bom gosto tipográfico.



NOVA GERAÇÃO



Lédo Ivo
Editor: Regis, Arlindo Suassuna, na metrópole, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, em Pernambuco são espíritos jovens que já ultrapassaram as fronteiras dos exercícios literários e que já publicaram algo de definitivo para a cultura nacional. Vozes novas de um tempo novo, elas cantam as suas estrofes ou trazem os seus conceitos críticos com a segurança de quem sabe muito bem que a literatura não é uma brincadeira de mesa de café pequeno. Para a geração de Lédo Ivo e Raimundo Faoro as páginas de "Nordeste" estão sempre abertas.



AS EXPOSIÇÕES DA DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E CULTURA



A D.D.C. realiza exposições a de Shakespeare e a das irmãs Bronte e a de desenhos de Eros Gonçalves. No segundo dia Sindicato dos Empregados de Comércio de Pernambuco, diariamente o

povo lá compareceu para admirar as figuras pernambucanas de Eros Martim Gonçalves e a documentação foto-

gráfica a respeito da obra de Shakespeare e das Bronte. Mais uma vez a D.D.C. cumpre a sua finalidade levando ao conhecimento do povo as grandes realizações artísticas, não só da proficiência como também do universo.

UM NOVO ROMANCISTA

A publicação do romance "Ozé, Selvagem", do sra. José Condé, marca um avanço literário para as letras, permaneçam-nas. E quando limitamos esse acentuamento às nossas letras, a fazemos de modo para mais ressaltar a significação de aparecimento de um novo romancista, e dessa vez permaneçam-nos, pois (o) mundo se tem tanta feita de romancistas em Pernambuco.

Peles capítulos que a popular revista "O Cruzeiro" vem publicando, já podemos anunciar aos nossos leitores que Pernambuco possui agora um jovem romancista que muito claramente poderá fazer pra tradição de nossas letras no terreno um tanto pobre de flores.

"Nordeste" sonha em José Condé o romancista da nova geração de escritores e poetas pernambucanos.



ATIVIDADES TEATRAIS



Hermilo inaugura, neste número, uma nova seção de teatro a cargo do sra. Hermilo Borba Filho, um dos elementos de mais atuação no atual movimento teatral pernambucano. A iniciativa desta revista — que sempre divulgou com o maior relevo o nosso progresso na arte cênica — vem divulgar nos centros mais diversos do país a força de nossa contribuição para o teatro nacional.

Ainda agora temos a assinalar a passagem de Ziembinski entre nós, passagem que se vem caracterizando por uma atividade das mais construtivas. No Teatro de Amadores já ensaiou e levou à representação duas peças: "Nossa Cidade", Thornton Wild, e "Pais e Filhos", de George Bernard Shaw. Enquanto isso o Teatro do Estudante de Pernambuco representou a versão de Sofocles "Édipo Rei", com cenários do pintor Eros Gonçalves que muito tem ajudado o teatro pernambucano.

Por sua vez, o Teatro Universitário acaba de contratar Ziembinski para dar um curso de teatro. E o Teatro dos Bancários anuncia uma nova peça.

"Nordeste", que nunca esteve indiferente ao movimento teatral pernambucano, entregando a sua seção a Hermilo Borba Filho está certa de que prestará uma colaboração útil junta a esse saudável e vitorioso movimento.

★ ★ ★ . ★ ★ ★ . ★ ★ ★ . ★ ★ ★ . ★ ★ ★ . ★ ★ ★ . ★ ★ ★ . ★ ★ ★ .

NORDESTE

REVISTA DE CULTURA

Edited by the Empresa JORNAL DO COMÉRCIO S. A.

Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463

1.º andar — Recife — Pernambuco

REPRESENTANTES:

Hespanha (Barcelona) Calatrava de Melo, nelo Evans (Paris); Cleto Dias (Estados Unidos) (New York); Artur Coelho (Rio de Janeiro); José Condé São Paulo: Enio Silveira Alagoas: Silvio de Menezes Bahia (Salvador): Jota Soares Paraíba (João Pessoa): Gambarra Filho Rio Grande do Sul (Porto Alegre): Silvio Duncan Minas Gerais (Belo Horizonte): Lara Gonçalves Paraná (Curitiba): Dalton Trevizan Ceará (Fortaleza): José Edesio Albuquerque

Diretor: Esmaragdo Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema

Solicitamos permuta com as publicações congêneres.
Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de critica assinada.

Número avulso Cr\$ 4,00
Número atrasado Cr\$ 6,00

SUMÁRIO

ARTIGOS de Artur Coelho, José Bezerro, Gomes, Aderbal Jurema e J. C. Trewin

ESTUDO de Costa Porto

"LOS DIARIOS" DE UM ESQUIZO-FRÉNICO, apresentação de Guerra de Holanda

REPORTAGEM de Tilde Canti

CONTOS de Angela Delouche e J. Bandeira Costa

SONETOS de Carlos Moreira

SEÇÕES DE

TEATRO por Hermilo Borba Filho

ARTES PLÁSTICAS por Sergio Milliet

MÚSICA por Gastão de Holanda

XILOGRAVURAS, DESENHOS, AQUARELAS E ILUSTRAÇÕES de Ladjane, Eros Gonçalves, Carlos Thiré, Elezíer Xavier e Yllon Kerr

TÓPICOS — BIBLIOGRAFIA — REPORTAGENS

SALVADOR DA BAHIA

(Continuação da pag. 20)

A porta da biblioteca, com as almofadas finamente entalhadas, é encimada por um frontão onde está gravada a data de 1751.

Um dos artistas conhecidos como tendo trabalhado em talha da igreja e convento foi frei Luiz de Jesus (a grande de jardim) da jardim do convento são obra dele).

Em 1708 foi começada a magnífica igreja que existe hoje. Enfalcada e esculpida literalmente, onde um não sem ser trabalhado é raro, recoberta de branco ouro, exprime o espírito do barroco. A riqueza do jacarandá torneado, as figuras dos anjos em relevo e coloridos (Fig.II), o côro e o púlpito ricamente entalhados, fazem desta igreja uma das obras primas da arte colonial brasileira e o monumento religioso mais famoso no Brasil, pela riqueza artística de seu acabamento e paginação do barroco que reveste seu interior de ouro de lei. Toda essa riqueza e grandiosidade é encerrada por uma fachada relativamente modesta, principalmente ao lado da Igreja da Ordem 3.º de S. Francisco, que tem uma das fachadas mais trabalhadas do Brasil. Esta é toda recoberta de uma madeira escuro barroco onde já aparecem vestígios da decadência desse estilo. Sua construção foi começada em 1705 e muitas vezes reformada. Seu interior é menos rico, mais simples e menor que da igreja de Sto. Antônio (convento de S. Francisco). Uma das coisas que nos chamou a atenção foi uma báculo de azulejo português com o histórico da chegada de Dom João V; portanto bem mais recente que sua construção. Igualmente interessante seu portão colonial.

Onde hoje existe a Igreja da Conceição da Prada, foi construída a "capela dos marinheiros" pelos primeiros navegantes que portaram a Salvador. Em 1622, por doação da família Cavalcanti de Albuquerque, foi levantada a primeira capela para sede da freguesia. Entretanto só no S. XVIII a atual igreja foi construída; sabe-se que a fachada de pedra d'Alcântara chegou de Portugal em 1724; e supõe-se que seu telhado foi concluído em 1765. A igreja de uma só nave tem seu telhado recoberto por uma só pintura. Seus altares são esculturais em madeira recoberta de branco e ouro em um barroco mais diserto e mais fino que da igreja de Sto. Antônio. O telhado da igreja é em mármore colorido e formado desenhos no estilo das igrejas italianas do renascimento (principalmente Florença e Pisa). A capela das grades da comunhão, em bronze dourado, é notável! Na sacristia, além do esguicho esculpido em mármore, no estilo barroco mais puro existente na Bahia, há azulejos feitos sobre cerâmica com azul, branco e amarelo. Seus móveis são maravilhosos, principalmente uma mesa manuelina e uma cômoda D. João V. Seu estilo obedece mais à transição entre o renascimento e o barroco; ou por outra, à influência francesa, que maior do que a italiana. Esta é uma das igrejas interessantes da Bahia e fica logo atrás do mercado típico, na cidade baixa perto do porto.

Além dessas, há uma infinidade de outras igrejas quase todas com algum passado histórico, marcos que consolidaram o Brasil Colonial. Entre essas, há várias que são verdadeiras obras de arte.

A época mais rica da Bahia decorreu entre 1672 e 1691 quando passavam pelo porto as naus vindas da Índia. Foi a época das reconstruções depois da cidade ter se refetido da guerra com os holandeses.

Na Bahia sentimos fortemente o Brasil colonial.

(1) — Fernão Cardim — Tratado da Terra e Gente do Brasil — pg. 255.
(2) — Afonso de E. Tenay — Na Bahia Colonial — 1681.
(3) — Pedro Calmon — História do Brasil — tomo II — pg. 250/51.
(4) — A. Tomay — ep. cit. pg. 346.
(5) — P. Calmon — ep. cit. tomo I pg. 417.

Não se haviam passado dois decênios após a instituição do sistema das capitâncias hereditárias e a Corôa lusitana muda de rumos, encerrando o regime do governo centralizado, com sede na Bahia.

Fracassara a experiência dos donatários e fracassara, principalmente, porque se lhes traçara uma missão para cujo desempenho lhes faleciam os meios de toda natureza.

"Um vício constitucional minava o organismo, é a lição de Capistrano. Os donatários entravam para a empresa com recursos próprios ou emprestados: se os primeiros tempos corriam bem, a remuneração natural permitia-lhes continuarem com mais eficiência; no caso contrário, perdia-se todo o esforço... ou as capitâncias vegetavam mofinas" (Capítulos de História Colonial, pg. 50).

Aproveitando-se da morte de Francisco Peixoto, D. João "tomou posse da capitania de cada devoluta", para ali estabelecer uma organização mais vigorosa, criando um governo geral, "forte bastante para garantir a ordem interna e a concórdia entre os diversos centros da população". (idem).

Em meio, entretanto, à debacle generalizada, salvaram-se alguns pouquissimos núcleos e, entre eles, a capitania de Pernambuco, que passou a liderar o contingente fragilíssimo dos "raramentes" escapos ao "gurgite vasto" da desordem desbordada.

Sessenta léguas a partir da o"ryo santo Francisco, que hé do cabo de santo Agostinho para o sul", até alcançar o "ryo que certamente é redondo tôda a ylha de Tamaracan" ao qual el-Rei chamou "ryo santa Cruz e mandou que assy se nome", para o interior, "na mesma largura, pelo sertão e terras firme adentro, tanto quanto podere entrar e for de minhas conquistas", eis o trato territorial quinhonhido a Duarte Coelho, bastardo da ilustre casa dos Coelhos, cujo trono se ia prender em Pero Coelho, do conselho de Afonso IV, justificado em Santarém, como um dos envolvidos na morte de D. Inês de Castro, a que "depois de morta foy rainha".

Tendo recebido a carta de doação em 5 de setembro de 1534, presume-se que em comício de outubro do mesmo ano haja partido para sua capitania, onde chegou a 9 de março de 1535, conforme se depreende de um complicado documento descoberto por Jordão de Freitas na Torre do Tombo e em que se lê: "ho dito D". Vaz serva de bombardeiro de mayo da era de trinta e três anos até a esta de my e quynhetos e trinta e cinq", e q estamo q aquy chegou Duarte quelcho a esta fortaleza a nove dyas do mês de março da dyta hora".

Seu governo prolongou-se por cerca de 20 anos, até sua morte, sobre cujo local divergem os historiadores. Braamcamp Freire, nas águas de Jabotão, pretende haja Duarte Coelho morto em Olinda, contrariando, assim, a lição de Fr. Vicente, que o faz falecer em Lisboa, cíprio reborrada por documento valorosíssimo, registrado nesta apostilha de Capistrano, "História do Brasil" do frade cronista: "No livro manuscrito de Duarte Albuquerque Coelho, lê-se que o avô não levou os filhos quando partiu para a Europa, poucos dias sobreviveu à chegada à Lisboa, onde o chamaram el-Rei e foi enterrado na Igreja de S.João da Praça, no jazigo de D. Manuel de Moura, casado com uma irmã de D. Beatriz ou Brites de Albuquerque", a "D. Britatis", de alguns textos antigos.

Também há desacordo em relação à data. Jabotão e outros apontaram 7 de agosto de 1534 o que foi posto em dúvida por Varnhagen, baseado em argumento ponderável: de que o alvará de confirmação da doação, na pessoa do morgado, é de 10 de maio de 1534, e, deste modo, teria sido passado antes da morte do donatário.

A dúvida de Varnhagen impressionou Oliveira Lima e Rio Branco, os quais, para conciliar os fatos, adotaram soluções engenhosas: Paranhos preferindo 7 de agosto de 1533, o historiador pernambucano esqueirando-se pela expressão vaga "faleceu em princípio de 1534".

Estudos recentes, entretanto, parecem demonstrar que a contradição vislumbrada por Varnhagen não existe. O pesquisador de tantos méritos, cuja pertinácia beneditina tamanhos serviços prestou à elucidação do nosso passado, foi traído por um erro de cópia no texto que compusou: o alvará, que ele supõe ser de 10 de maio de 1534, é de 8 de novembro de 1539, sendo lícito, destarte, aceitar a data apontada por Jabotão.

São estes, entretanto, problemas de nenhum valor prático para os que se interessam por estudar a obra de colonização levada à término na Nova Lusitânia e são extintamente alguns destes aspectos que se visa a explicar nestas notas ligeiras.

Estabelecido que Pernambuco foi uma das poucas exceções ao fracasso geral do sistema idealizado por D. João III, fôrça é convir que o êxito da capitania do norte encontrou, em parte, elementos externos altamente favoráveis e que Capistrano sumaria neste quadro: "O porto de somenos capacidade bastava as pequenas embarcações. A vizinhança dos Tabajara (Tupiniquins) compensava as investidas constantes dos Potiguares (Tupinambás). Nas várzeas canavais e engenhos; a lavoura de mantimentos aproveitou os altos; pau-brasil existia no litoral e no sertão; e estando esta capitania, de todas a mais oriental, a menor distância do reino, aqui mais que alhures frequentavam os navios de além-mar e pros-

DUARTE COELHO, admirável afirmação de homem de Estado

Costa Porta

perava o comércio. Os mares piscosos traziam a fartura e alentavam a costagem; caravelões espantavam os franceses que, desde então, começavam a evitar aquelas paragens". (op. cit. pag. 47).

Tudo isso pesava, sem dúvida, mas também tudo isso existia, em maior ou menor dose, noutras capitâncias, o que, entretanto, não evitou mangrassem irremediavelmente, donde ser possível concluir que para o bom sucesso da Nova Lusitânia — nome depois superado pelo de Pernambuco — foi fator primordialismo a ação pessoal de Duarte Coelho.

O donatário é, na verdade, vulto singular de nossa história, em cuja galeria sáfras de grandes nomes, avulta com fulgor estranho, nem talvez o sobrepujando e raros podendo estacar, no mesmo grau, as qualidades que o extremaram, de dinamismo, zélo, equilíbrio e visão objetiva das coisas, constituindo-se, ainda hoje, um medeiro de que se podem abeirar tantos improvisados homens públicos, que se fantasmais de estadistas e de administradores.

O rei de Portugal não agira por palpite na escolha do dirigente da capitania, mas fixara-se em vassalo de comprado folha de serviços, segundo acentuam as palavras mesmas da carta de doação: "enguardando eu, diz o soberano, aos muitos serviços que Duarte Coelho a el-Rei, meu sór e padre... e a mym tem feitos, assy nêstas Reynos como nas partes da India, onde serjuo muito tempo e em muitas coisas de meu seruço, nas quases sempre de sy muy boa conta, avendo, como he rezio de lhe fazer assy, por os serviços que até que tem feitos, como por os que me no deante fará". Moldura que realça o perfil do donatário que se singularizava por um conjunto de qualidades naturais, avultando a lealdade ao rei e à pátria e austeridade, a energia, o espírito de ordem e disciplina, noção do dever e senso de responsabilidade, visão de conjunto e realismo, capacidade realizadora, entusiasmo e desassombro, tenacidade e vigor.

Aqueles fatores externos recenseados por Capistrano teriam, necessariamente, de influir no resultado da empresa, mas seria pueril imaginar que, por si só, bastassem para assegurar-lhe o triunfo e se este, afinal, foi logrado é que tiveram de ser postas a dura prova as qualidades mestras do administrador de larga visão que o donatário floreava nos seus feudos.

Desenhava-se, ingente na verdade, a tarefa que se lhe oferecia, desafiando a decisão de vencer a todo custo.

"Tudo era necessário", eis uma frase que reponta de uma das suas cartas a el-Rei e na sua singeleza se pode enxergar o sentido duplo, insinuado pelo contexto, de que havia um mundo de coisas a realizar, tudo estando por fazer e tendo de ser feito através de dificuldades de toda natureza.

Não era Duarte Coelho homem que se embrulhasse com fantasmas: retemperado nas lutas ásperas da expansão do imperialismo lusitano, sobravam-lhe energia e vigor para meter embros à empresa, sem recuar diante dos "pelygros" e das "fadygas", que se lhe deparavam. Mas também não vivia de sonhos e de

lirismo, adormecendo eufórico, à conquista dos primeiros louros.

Quase doze anos após sua chegada a Pernambuco, ainda se não sente encorajado a anotar resultados sólidos e na primeira carta a D. João III limita-se acentuar que "a causa está bem preencyplada, a Deus louvoures", não esquecendo, porém, de adiantar que ésta quase nada fôr abrido "com muito trabalho e araz fadiga, tamis quanta ho senhor Deus sa be" e sem esconder que "ha muitos encomyneantes e estorvos pera a coisa yr em crecimiento, como eu ho desejo, para servio de Deos e de V.A".

A função colonizadora era um pequeno mundo, em que o responsável precisava estar presente a tudo, animando, impulsionando, "levando pera dyante". Se o fulcro da calônia iria ser a cana de açúcar, não havia entretanto como esquecer todas as atividades subsidiárias que se entrosavam na vida dos canavieiros e cujo desenvolvimento reclamava as visitas do capitão. Na verdade, ao lado dos "que fazem enjunos daquaque, porque sâo poderosos pera yso", existiam igualmente os que "plantam mantiyments", "os que husam de pescar", os que "husam de navios que andem buscan mantiyments", "os mestres denjenhos", os "mestres daquueiros", "carpíteiros", "feirreiros", "pedreiros", "oleiros", "ofycyaeas de formas e synos pera os aquuerens", e a fim de arrastar toda esta gente, o donatário tinha de usar, inverter grandes capitâncias, supervisando os menores detalhes e curando de todos os problemas ligados à sua transplantação e fixação no novo mundo.

Chegando em Pernambuco em pleno esplendor da fase mercantista que entontecera a Europa postmedieval, é intuitivo também se deixasse Duarte Coelho empolgar pelo domínio do ouro e das riquezas que acalavam o mundo, a cabeca fervendo dos sonhos da India lendária e fabulosa, do Levante fantástico e maravilhoso, que enchia as vigílias do europeu, depois das narrações de "mil e uma noites" de Marco Polo, sendo sua paisagem sentimental e espiritual aquela do quadro de Garcia Rezen de:

"Tem robis, diamantes taes
Que não tem prêgo e contia
Esmeraldas muy reaes
Perlas de my gran valia
Espinhas e tem mais
Carbunclos, ametistas
Turquesas e crisolitas
Cafiras, olhos de gato
Yagongas, de tudo é trato
E outras mais q nam am ditas".

No caso do Brasil tais sonhos deveriam de ter um sentido mais de aposta, de salto de olhos vendados no escuro, porque desde o Império ningum fizera fé na terra descoberta.

Caminha, que se mostra um enamorado da suposta lha, não esconde a pobreza do cenário, uma deceção e um tom de cêpia no dourado da imaginação ebulfante da época: "a terra de cima (é) tôda prata, muito chã e muito ferrosos... Até agora não podemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra cosa ce me-

tal on ferro; nem lha vimos... agos são muitas. Em tal manéita é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-a nela tudo por bem das águas que tem... E que não bousse mais do que ter V.A. aquela pousada para esse na-vezão de Callefe, bastava".

Se isso, Águas, lugar de pouso, pau-brasil, rapapés, bugre — é tudo que oferece a mundo cabral no s ambicão dos portugueses.

Idéias novas, porém, começam de ganhar terreno, exaltadas pelos descobrimentos de riquezas minerais na América espanhola, crediando-se, assim, as regiões do Brasil, dentro do "dogma geográfico" de que o "Oriente esconde muita ouro e prata do que o Ocidente", concluindo mais tarde o autor dos "Diálogos": o Oriente é mais nobre que o Ocidente e portanto o Brasil mais opulento que o Peru".

De qualquer modo, vala arriscar, comprendendo-se, destarte, que o cuidado imediato de Duarte Coelho houvesse sido pensar na exploração de riquezas minerais, conforme se vê de sua primeira carta a el-Rei: "Quanto as coisas do ouro, nam deixo de enquerir e precurar sobre e negócio e cada dia se esquentam mais os novos".

Não era, entretanto, tarefa cômida esta de entrar em busca de mineração. O ouro, se existia, localizava-se no interior desconhecido, daí que logo pelo meu serão a dentro", onde se arriscava chegar a marcha de penetração que se amarrava, limida e vacilante, numa área de des lègues do litoral. Para além desta fronteira, demorava o mistério, com sua fascinação, mas, ao mesmo tempo, com o seu poder de esparvir e descorar com a incerteza emoliente em face dos perigos — a falta de meios de subsistência, a floresta agressiva, o borgue de flecha à espreita do reino — "três jerações de mu perversa e bestial gente e todos muito contrários uns doutros".

Para acometer com a aventura só se animaria o donatário se contasse com elementos amplos que garantissem o êxito da penetração — o receio de "fazer bacoryadas", como as do Rio da Prata e do Maranhão, que, além perder muita gente, "acabaram em grandes prejuízos" e com "pyor, que bê fycar a cosa danada", acrescendo, ainda, que Duarte Coelho só ficaria tranquilo se se pudesse pôr à frente de expedição e vendendo distante, os franceses entrariam, como de hábito, a praticar "rybaldras nas costas deguarneidas".

Todos estes fatores somados findam por fazê-lo deixar de lado os sonhos de ouro, aguardando melhor oportunidade, ou, para citar sua austera linguagem: "Por yso espero a ora do Senhor Deus, em o qual prazo a elle deos me cometa esta empreza e para santo serviço e da V.A.".

Enquanto não chega esta "hora de Deus" a que tantas vezes se refere, voltar-se para o que é mais imediato, aplicando os primeiros esforços no desenvolvimento da indústria da cana de açúcar, de tanto relevo no futuro da região.

Orinimária da Ásia, a cana de açúcar fôr trazida à Europa pelos árabes e cruzados nos finais da Idade Média, quando o produto constituiu gênero de comércio reputadíssimo vendido, nas farmácias, como medicina e figurando na lista dos presentes de reis, em cujos inventários aparece como, hoje, se arrolariam pedras preciosas.

Cultivada nas repúblicas italianas do Mediterrâneo e, mais tarde, na Espanha, tornou-se, ao longo dos séculos XV e XVI, quase que uma exclusividade de Portugal cuja produção insulal arrasou a indústria italiana e o desenvolvimento de sua cultura de tal modo descontou o comércio europeu, que D. Manuel seria forçado a limitar a exportação da Ilha da Madeira.

Parce provado que sua introdução na América se deve aos espanhóis, embora haja quem sustente seja a cana planta nativa, pelo menos em áreas do Mato Grosso e do México. De qualquer modo, entretanto, sua cultura regular no Brasil data das primeiras décadas do século XVI, não sendo acordes os historiadores no assimilar-lhe o centro de irradiação.

Uma opinião muito vulgarizada sustenta que seu verdadeiro iniciador foi Martim Afonso de Sousa, que, em 1535, fundou o Engenho do Governador, em São Vicente, seguindo-se-lhe igual iniciativa por parte dos Schetze, flamengos e dos genoveses Dorias, espalhando-se das peias demais Capitanias.

Capistrano de Abreu, indubitablemente o maior conhecedor de nosso passado, que, para él, não tinha segredos, registra este ponto de vista, acrescentando que "não deve ser muito exato", preferindo explicar o espraiamento da cana de açúcar através das feitorias. Naquela mancha, que lhe é peculiar, de resumir a história, com o acentuado "gosto de minúcias e com o "estilo-siegria" que, talvez, lhe caibam melhor do que a Joaquim Caetano, assim traçou o mestre cearense o quadro dos primeiros anos da colônia:

"Para facilitar os carregamentos, estabeleceram-se feitorias, de preferência em ilhas; deviam ser enigmas ou cérceas, próprias apenas para guardar os gêneros de resgates; algumas sementes de além-mar podiam ser plantadas à roda, e sólhos alguns animais de fácil reprodução... Uma feitoria conservou-se no Rio durante alguns anos até ser destruída pe-



Recife Velho — Aquarela de ELEZIER XAVIER

(Continua na pag. 18)

— 4 —
Corre que a sustância do seridoense vem da sustância da sua alimentação pesada e forte, com os seus pratos valorizados pela tradição, enriquecendo-lhe a mesa farta e hospitalária dos bons tempos.

O tutano do corredor do osso do mocotó, do cozinhar do boi gordo, batido ou escorrido, na mesa, com farinha e rapadura, é um dos pratos mais gabado pelo seridoense, que, tiro da pastoaria a carne e o leite, que lhe fartaam a alimentação, desde o povoamento.

A carne macia do gado erado e arrabudo, deu a carne de sol (carne seca ou carne de manta), tratada pela mão, boa dos seus marchantes (1).

Era comum se cevar a rês (2) com batata doce, amarrada pelo chifre à sombra de uma árvore (janeiro), deixado na vazante do roçado, na época da abundância da carne gorda, antes do mercenário da carne de corte, o aparecimento do touro zebú, de carne fibrosa e dura.

A carne deu também a panelada ou buchada, a linguiça e a paçoca, o sarapatel e o guizado, a costela assada e a gordura da farofa, a canja e o caldo, também de feijão.

Lembro ainda à carne das aves domésticas (caseiras), a da galinha (3), do perú e do guiné (ao lado das aves do mato (cavadas), a rolinha, arribaca, o nambú, com a das aquáticas (de-acúde), a marreca e o mergulhão, o paturi e a jacana, o socó e a galinha dágua, além das caças do mato, o peba e o tatú, o rabe e o mocó, o tucumã e o veado (raro), o maracajá e o tamanduá, o punaré e a tucaca, extraíndo-lhe a beixa, para perder a catinga (4).

O leite trouxe o queijo do seridó, o queijo fresco, o queijo de coelho, a farofa da rapa do tacho do queijo e o angu do leite do queijo, a coalhada fresca e escorrida, o sôro e a nata, a manteiga da terra (ou fresca), com o leite crú tomado ao pé da vaca, além do leite cozido ou fervido, para o leite com farinha, tapioca, batata, cuscuz, milho cozido, jerimum, pratos comuns à casa grande das fazendas seridoenses, em que se costumava dar de manhã aos meninos, em jejum, leite fervido, fervido com pedra de ferro, para o leite ficar mais forte, segundo a tradição local.

CARDÁPIO DE MESA SERIDOENSE

José Bezerra Gomes

Hi quem deseite a cabra e a ovelha, para o consumo caseiro, para o fabrico do queijo de coelho, em cujo condimento é empregado o couro do mocó. E o leite de jumenta, tido como o mais forte e sadio, serve para se dar aos fracos de peito, como muito medicinal.

A laboura de cereais lhe deu o milho e o feijão, a mandioca e o arroz. Do milho tiveram várias pratas. O milho assado e o milho cozido. A pomona e a canjica. O cuscuz e o munguá. A pipoca e o angu. Do feijão, a feijonda e o feijão verde, machucando-se também com a mão, antes de cozê-lo, processo que o seridoense chama de raposa (fazer raposa). Da mandioca, a farinha e a goma, a tapioca e o beiju, o pão e a farofa, a farinha com rapadura, rapada e o escaldido de farinha com leite, além do mingau e a papa. E do arroz, o arroz cozido e o arroz com leite. O arroz cozido e o arroz com carne (picada).

As vazantes lhe deram a

batata doce e a macaxeira, a melancia e o jerimum e o melão. A água das águas os peixes dágua doce, a traíra e a curimata, o cascudo e o cangati, a pescada e o piranha, a piraíba, o piava, a piauá e o cará, com o tucunaré, a pescada e o pirarucú (importados). E a revindica dos águas as fruteiras comuns à região, a pinha e a graviola, a jacá e a romã, o limão e a laranja, o mamão e o caju, a manga e a banana, o coqueiro e a goiaba.

Há também as frutas do mato, agrestes ou nativas, entre as quais o imbú e o maracujá, o juá e a quiriba, o trapiá e a melancia da prata, a ubáia e a ameixa braba, com as frutas de cardelo e feijão, xique-xique e catolé (o côco). E as ervas do mato com as plantas caseiras dão chás medicinais, a ervacidreira e o capim santo, o arruda e o ortelá, o alecrim

malva-rosa, com a batata de pulga e a cabeça de negro, além das raízes e cascas de pau, como angélica e o jucá.

Entre os refrescos ou ponches preparados pelo seridoense, estão o de maracujá e limão, graviola e caju, a propósito do qual recordo a quarta que faz época:

Vitalina, ó Vitalina, se ou fosse como tu, ia pra Serra Branca tomar ponche de caju...

As abelhas lhe dão mel de jandaira e tububa, amarela e rajada, arapuá e cupira, capuxu enxu, entre as mais correntes. Ao lado do mel de rapadura, o doce de côco, de imbú (5), de melancia, de batata, de goiaba, de laranja, caseiros, de assucar ou rapadura, com as gulodices, o puxa-puxa, o doce seco, o seguião, a raiva, a broa, a bolacha (6), o tareco, o suspiro, a cocada, o alfenim, o filhó.

o bolo pé de moleque, com o chorigo de sangue de porco.

O ovo também enriquece a mesa seridoense (7). Além do ovo frito e o cozinhado (duro), com a malassada e a fritada, do ovo batido, é muito apreciada pelo seridoense a cabeca de gallo.

Também estão ligadas à vida do seridoense as comidas brabas, de emergência, a que corre o retirante, premido pela seca e pela fome. O sôdoro e a mucuná (8), com a chamada farinha de pau, do bulho de macabira, além do café de manjeroba, correndo na credice popular que há quem come cobra, cortando-lhe um palmo a medir da cabeça e outro da ponta da cauda, partes que guardam o veneno.

Embora se veja através da mesa seridoense a mesa portuguesa do povoador, influenciada pelos pratos africanos e ameríndios, várias são as comidas, como imbutida, peculiares ao meio alimentício seridoense, onde a própria carne de manta, conhecida por carne do seridó, ganha em cheiro e a sabor a carne de charque.

O queijo de seridó também tem o seu processo e gosto peculiares, como a manteiga da terra, de uma bondade que, para o seridoense, vem da qualidade do leite do seu gado, qualidade que vem da rama seridoense com a ração do caroço de algodão mocó.

Na fertilidade das vazantes seridoenses, a batata e a melancia, o jerimum e o melão, prosperam ganhando tamanho e gosto, que não alcançaram nas várzeas do agreste, donde várias fruteiras foram transplantadas com vento gem.

Encarando o fator alimentício, de que a fortaleza do seridoense está na sua alimentação forte, vou buscá-la na abundância do leite, antes do leite desnatado no tempo em que o fazendeiro seridoense emprestava anualmente a cava-

da morador, uma vaca parida para o leite caseiro, quando o filho do agregado vinha receber uma cuia de leite, na porteira do curral da casa grande, para o leite das criancas.

E quando o rendeiro tinha passado a cultivar as hortas, que lhe dão o tomate e o pimentão, o alface e o couve, lado do quibio e do maracujá faz mais para vendê-las na rua, ao sertanejo da cidade, descrente ainda do valor alimentício da hortaliça, habituado ao dito de que quem come folha verde é cama-leão...

Depois que as moças seridoenses passaram a cursar a Escola Doméstica de Natal, os pratos cosmopolitas passaram a embelze a mesa seridoense, a que hoje são familiares o rostíste e o bife, a sopa e a macarrona, a que o matuto custava a se acostumar, apelidando engulhando e macacando de lonbriga...

A sobriedade da mesa sertaneja, por outro lado, orgulhosa do café e da água do pote, abriu lugar também para a cerveja e o vinho de mesa. Com exceção do alus, da cerveja preta, da gaseosa, bebida de moça, o velho seridoense se abstinha das bebidas que, no seu dizer, continham espírito, tocadas excepcionalmente, noite de festa ou dia de aniversário, entre as quais o cachaço e a genheba, com a cachaça do Brejo, misturada com mel de abelha, dando a meladinha ou cachimbo.

(1) marchante da mão boa é o da mão leve, o que não carrega no sal ao assar a carne, enquanto o da mão pesada é o que carrega no sal, para aumentar o peso da carne salgada, tornando-a embora salpresa... (2) a novilha maninha ou o boi castrado (3) costumando-se cevar pelo bico, com minhão, o capão e o perú, enchiçqueirados, para engordá-los. (4) chamuscando-a também no fogo de folha de catingueira. (5) também se fazendo a imbutida. (6) bolacha seca, por muitos anos vinda de Baixo, da Capital quando não havia padaria no seridó, em cujas cidades e vilas é feito hoje também o pão de trigo. (7) além do galinha, guiné, perua, o de ração, nos anos de postura. (8) lavada em nove águas, para perder o tóxico, segundo a tradição popular.



Entre os jornalistas brasileiros, da comitiva do Presidente Eurico Dutra, recebida na Casa Branca pelo Presidente Truman, encontravam-se o nosso companheiro Esmaraldo Marroquim, diretor de NORDESTE e diretor-secretário da Empresa JORNAL DO COMÉRCIO S. A. e Aníbal Fernandes, diretor do "Diário de Pernambuco".
(Foto no jardim da Casa Branca — U. S. A.)

The Great Western Of Railway Company Limited.

S E R V I Ç O S D E B A G A G E M

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dôbro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão distinguidas com o nome do recebedor e estação de destino, retirando dos volumes todos os disticos usados.

A falta de disticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Tomar o Trem em Movimento é Perigoso

“Los Diario” de Um Esquizofrênico

GUERRA DE HOLANDA

O "diário" de grande homem, escritor português, soldado ou cientista, é quase sempre uma atitude que ele toma, não tanto de acordo com sua própria "verdade", mas em face do julgamento de seus contemporâneos ou da posteridade. Quase sempre a valérdade e a preocupação de originalidade sacrificam o conteúdo humano que devia transparcer da experiência de cada um, levada para as intimas páginas de um caderno. A certeza de que a sua confidencial seria, mais cedo ou mais tarde, campo de análise da curiosidade pública, adulteria a spontaneidade e corrige o estilo do documento. Nesse caso, o que poderia ser uma ficha honestamente impressa da vida de um homem, converte-se de maneira preconcebida, em pose literária, em arquitetura de pensamentos ou de ideias, para agradar a inteligência ou a sensibilidade. Quando, porém, encontramos um "diário" sem aquele ar pretensioso de cosa feita, realizado à sombra de um anônimo de celi fransciscana, os elementos de sua configuração resultam de maneira evidente como fisionomias de forças psicológicas do autor e de detalhes surpreendentes do meio social em que ele vive. Diante de um documento assim, o psicólogo encontra um fértil material para ampliação de seus estudos, e até mesmo o leitor comum sente emoção e desejo de conhecê-lo.

"Apresentando, hoje, por isso, nesta revista, "os diários" do A.P., um esquizofrénico que esteve internado no Hospital de Alienados do Rio, durante seu momento de lucidez, a

Apresentamos, hoje, por isso, nesta revista, "los diario" de A.P., um esquizofrênico que esteve internado no Hospital de Alienados do Estado. Descrevemos os momentos de lucidez. A

"recebe. Aos 10 para 12 fui para Alagoa de Baixo, foi deixa-
soi Sertânia. História Doloro-
sa: De um homem que sofreu
uso tudo com Paciência, e ain-
da pede ao Pae eterno que lhe
de Paciência, para Sofrer ainda
muito mais, e porque elle diz as-
sim? porque acha que nada Sa-
tisfaz. Insoi foi em Alagoa de
Baixo, hoje é Sertânia. Elle
sabe o que faz. Primeiro trago.
Elle nunca foi para a escola
nunca? Foi, sim elle passou mu-
to tempo, mais nada aprendeu,
sim apenas fazer o bem esco-
lher a quem. Diga-me uma coi-
sa, finalmente. mulher o seu

Com 10 anos de Idade, elle já Sofia, sofria o que? Amarugras do seu próprio Corpo. E continuando sua vida triste, elle foi completando 12 anos. Então foi trabalhar, como butador daqui, nas turmas, iano foi em Alagoa de Batez, uma pequena Cidade. Depois passou a trabalhar, em uma Turma da picareta. Diga-se uma coisa, sera que elle trabalhava na picareta também? sim trabalhava. Elle trabalhava no bravo serviço, depois passou a trabalhar, por conta, delle, fez alguma construção? Qual que nada, elle trabalhava, cavando trés metros de terra, depois transportava-o. Diga-me uma coisa, como o parente consentia? Elle não consentia, mas elle tanto que insistiu, que foi trabalhar. Pobre de Papae, muitas vezes butou lágrimas com pena, então elle dizia não se importe Papae, eu o unico culpado, poriso Deus sou, finalmente, qualquer o seu curso? e apenas 3.º Ano primário. Completo? não incompleto. I como sabe de tanta coisa? Meus irmãos, para saber fazer bem, mostrar o caminho do bem, não precisa tanto estudo. Deus é quem fala por mim. Meus irmãos. Prosseguindo meus sofrimentos, eu quero continuar. Fui menino de rua, uns trés ou sete anos, não lembro bem. Eu saia pelas esquinas, a jogar dinheiro, brincava de Artistas, levava tapa dos outros meninos, terminava saindo correndo, isso me aconteceu muito tempo, até que me bataram o nome de Maricota. Seu nome, é este mesmo? Não chamo-me Amaro. Nos Hotelis, eu passando os meninos começavam a chamar Maricota então, muitos dos viajantes me chamavam também. I você não se importava não? As vezes eu começava a chorar, Maricota a poucos, eu ia brincar; Nem me importava nornore não. De

Obrigado pela
Cooperação

— A economia é, todos o sabem, a base da prosperidade... Mas, no caso, quando a Senhora poupa a eletricidade está concorrendo para o bem de todos. Não é fácil, neste após guerra, ampliar qualquer instalação geradora. O mundo ainda não retomou o equilíbrio anterior. Quando chegará esse dia?

Há tantos fatores a considerar em nosso setor! O financiamento, agora tão difícil de obter, é um deles. Economise, minha Senhora, tanto quanto puder, a eletricidade, concorrendo para que o seu uso fique equilibrado! É o caso de "um por todos, todos por um" — exclama "Sen" Kilowatt, o criado elétrico.

P. escrevem, no próprio hospital, treze páginas de um caderno, contando a "história dolorosa" de sua vida, com tanta ortografia de alfabeto. Infelizmente, como seria bem fácil de se esperar, o seu "diário" ficou inconcluso. Assim como ficaram incompletas certas das páginas da vida desse que: "nasceu em Jabotabé, su bairro da Ribeira do Recife: Padre que lhe batizou Padre Cremasco Leão", conforme se lê no verso da primeira capa do caderno. Na última folha, com letras grandes e ligeiramente desenhadas, A.P. confessa com ressentimento: "Ahorreceram-me sem causa, Jesus rei do mundo". Nota-se aí, com muita frequência, em todas as páginas de seu "diário", a preocupação religiosa, a alma torturada pela ideia de Deus e da Eternidade, e uma espécie de pastor pregando a "verdade" e conciliando-nos ao bem, de tal maneira mediocre e repetido, que torna desinteressante longo trecho de suas declarações. Mas, se estro se sente psicologico, ao contrário servirá de melhor seara para o estudo. E acresce que o diário do "apóstolo afro-americano" que vai reproduzido aqui "após verbo ipsius litteris" reúne um apêndice que behet "leite da ternura humana", e em muitos trechos, chega a ser dolorosamente triste e comovedor. Comovedor, como piora se é a descrição daquela cena ocorrida na casa comercial de Oliveira Filho, n.º 306, no Páteo do Paraiso, ainda no ano de 1839.

logo me dizendo. Quem andava feito um maluque de rai, eu disse sempre destas coisas, eu disse destas coisas não papai. O senhor tem que ver se a culpa I fui logo me deitar, minutos depois já estava dormindo, e sonhei com Nossa Senhor, ele me chamando. Eu me acordei as 6 horas e quando fui malhamento as 7½, eu fui para Casa do delegado. Deu 8 horas, 8 e meia 9 horas, ele foi chegar as 5 e meia; Assim que foi olhando para mim foi logo dizendo o rapaz já estás aqui também? eu disse não senhor. Nisto ia chegando, e foi logo me dizendo, Amaro me perdoe, que eu achei a carteira no fim do baú de mudeza. Eu no momento procurei tudo e não achei, por isso peço-lhe mil desculpas. Nisso saíndo sem bastos e foi logo



Xilogravura de LADJANE. A jovem pintora pernambucana vai ilustrar o livro de poemas de Darcy Damasceno, "Fabula Serena" — edições Orfeu — Rio, 1949.

quiz, então fiquei conformado. Cheguei a ver aquela chuva do dia 7 de Setembro de 1939 aqui em Recife. Disseram que causou escândalo, não, não foi escândalo, escândalo estava avenindo meus irmãos, entre os namorados e até mulheres casadas. Deus que estava vendo tantas misérias, mandou aquela gran- de chuva para que o povo tivesse o seu poder, qual que nada. Noventa por cento estava fazendo pouco. Mais Deus que tem todo poder, vai mostrar a essa gente que não lhe tem e não conhece o seu poder. Meus irmãos o tempo está se aprofundando e voçes ouçam as minhas palavras, porque Deus não quer que chame pelo seu nome na ultima hora. Quando vierem tremores na terra, não abram as bocas para dizerem é Deus me Va-ia, não não adianta. Comprendam que Deus é tão bom que ainda escolhe um filho no mundo para dizer a verdade dos que tem. Há meus irmãos, no mundo inteiro tem muito pouco, e pode terem milhares se quiserem. Há meus irmãos, se soubessem como o outro mundo é; e como? não é mundo, é o Paraíso do discanso. Se soubessem pediam perdão a Deus, e não mais pecavam. E continuando minha História triste, fui um matuto que diziam que fazia vergonha, mas pelo menos meus irmãos nunca seduzi mulher de irmão nenhum ou filha de Ninguem. isso foi em 1939, no mez de outubro. Depois fui para o rio doce, depois muito banho de mar, depoisapanhei uma sezo, passei 42 quarenta e dois dias em cima de uma cama. Perdeu al guns quilos? não opens 3 kilos. Diga-me uma coisa, será que elle recuperou? Elle é tão magro, Palido, sim mais tarde elle estava forte e corido. De-

Segundo Trago — *Já fui carregador de bolsas e finalmente de tudo. Muitas e muitas vezes me acordei de madrugada para ir as portas dos hotéis, ver se tinha bolça para carregar. Algumas mulheres nem acordavam. Muitas vezes me encontravam minhas irmãs, me contravam com uma bolça ou pacote na cabeça, e eu passava nem ligava. I assim foram se passando o tempo.*

3º Trago — *I com a idade de dizesete anos, eu vim para Recife pernambuco, isso foi no Congresso Eucarístico; Eu vim no dia 1º de Setembro e meu irmão Sebastião tinha morrido na véspera de minha vinda. Po-brizinho já estava cego. Eu sempre pedi a Deus para contrá-lo, com vida, mas, elle não me ouviu.*

4º Trago — *É a verdade A verdade. Meus irmãos, os que tem dinheiro, este é Deus que faz o imprestimo. Se elle prestar conta, quer dizer, que gozou aqui na Terra, também gozará na terra de Jesus; E como este pode prestar conta certa a Deus? Como? Fazendo o bem, sendo caritativo, socorrendo os seus irmãos que não tem*

e ainda acham que não é nada. O Jesus Nem que Vós descessou de cera para dizer a verdade, tinha muita gente que duvidava. Povo, compreendam que Deus quer fazer a salvação do mundo, e não querem porque?

5º Trago — *No Páteo do Paraiso, n.º 306. Diga-me uma coisa, elle trabalhava em escritório? Não apenas trabalhava na embalagem; quer dizer que gozou muito? Não, levou uma vila amarrugada, trabalhava discascando cebola, muitas e muitas vezes, elle chorava muito, porque trabalhava muito? Não, era o suor da cebola. Trabalhei também limpando sacos de cimento, me melava todo, induricía o cabelo, e assim elle passou um ano, ou menos ou mais, não, lembre bem. I saiu porque? Era preguiçoso? Qual que nadia, saiu cansado, e depois foi para Cama. Passou muito tempo? Não apenas 6 dias.*

**COOPERATIVA
BANCO DO NORDESTE
LIMITADA**

Sede : RUA DO IMPERADOR N.º 310
Enderéço Telegráfico : "BANORDESTE" — Telefone : 6260

RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS
Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada
em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM
Presidente

WALDEMAR CARDOSO
Gerente

"PERNAMBUCO AUTOVIÁRIA LTDA."

A "Pernambuco Autoviária Limitada" completa, hoje, o seu quinto aniversário de funcionamento.

No dia 24 de junho de 1944 — quando irrealizável a obtenção de maquinários, não somente pelo seu muito elevado custo, mas, principalmente, pela sua carência nos mercados nacionais e na impossibilidade do seu envio pelos créditos estrangeiros — naquele dia transitavam no Recife os dezessete primeiros ônibus de nossa propriedade.

Há cinco anos, numa época em que o nosso tradicional serviço de transportes coletivos estava em franca degeneração e completa falência, por motivos de violada natureza que nos estabeleceram a guerra nigeriana e levaram ao estado mais agudo, surgiu a "Pernambuco Autoviária Limitada".

Está na memória de todos a imensurável dificuldade de transporte que atingira, impiedosamente, essa capital. As estradas cheias de pedras e cumaruíbas de caçanquinhas para as fábricas, para os escritórios, para as Repartições Pùblicas, para as escolas distantes, onde chegavam extenuados, desprovidos da necessária energia física ou mental de produção.

Pela sua avassaladora dimensão, pelas enormes dificuldades que se lhe apresentavam, era uma tarefa arriscada, essa, todavia vencida e tanta, outras milagres de doar a capital pernambucana com serviço de ônibus especializado no seu desenvolvimento urbano e no seu sempre crescente volume da sua população. O cursado compromisso não podia ser iniciativa livre e arbitrária, mas é lhe que se confeream a serena e exigente jurídico, que assumiram a forma inegável de um contrato celebrado entre a Prefeitura Municipal e a "Pernambuco Autoviária Limitada" — contrato perfeitamente lógico e lícito, resultado da concorrência pública que fôr a validade.

Cinco anos! A história da "Pernambuco Autoviária Limitada" é, em verdade, a história seu frágua duma luta extrema, desigual e quase desanimadora contra toda uma série de fatores adversos, criados pelas que cresceram as vidas influências pela invasão sobre o progresso da Empresa, pelas que se empunharam a resistência à impotência e à culpa... O público recifense, sempre no nosso lado, tão prevenido dessa luta desventurada do Despacho contra o México, mureada, até mesmo, pelas insultos — continuo e ativamente revolvidos —, pelas ameaças reprimidas à força do Direito e da Justiça. As divergências pressionaram, a insídia, a inveja, a calúnia, nada podem contra a marcha invicta da "Pernambuco Autoviária Limitada" — relevada a imodéstia — patrimônio invadidor de Pernambuco.

Agredida, a defesa da "Pernambuco Autoviária Limitada" não é preciso que da mesma a faça. Essa defesa se encontra na vasta resenha de suas próprias atividades, no papel cada vez mais importante e mais essencial que desempenha na vida recifense. Tranquilizam-nos — e encorajam-nos — estes convicções: — ondúles que colocam acima e além das próprias conveniências o respeitável interesse da coletividade reconhecem e aplaudem o rendimento honesto e fecundo, para a serventia pública, da "Pernambuco Autoviária Limitada", empresa genuinamente pernambucana, isso que a torna razão do nosso orgulho, cônscios estamos da sua, modelar organização.

Cinco anos de funcionamento completo, hoje, a "Pernambuco Autoviária Limitada". Resta-nos, no cumprimento de profundo dever de gratidão, agradecer a todos quanto nos têm ajudado com o seu apoio e cooperação, muito necessitado no público contemporâneo.

(Ass.) VIRGILIO DE MENEZES
Presidente da "Pernambuco Autoviária Limitada"

O Desânimo leva o Homem ao fracasso... ... mas, a perseverança o conduz ao triunfo!

A FAVORITA CASA LOTÉRICA

RUA NOVA, 303 — FONES: 6903 - 6919 — RECIFE
MATRIZ: AV. RANGEL PESTANA, 1206 - SÃO PAULO

Pagamento imediato dos prêmios

**A LOTERIA DO ESTADO DE
PERNAMBUCO
É A VOSSA ESPERANCA!**

— Quem não arrisca, não petisca

Extrações semanais

Tecelagem de Seda e de Algodão de Pernambuco S. A.

RUA VISCONDE DE SUASSUNA, 393

RECIFE — PERNAMBUCO
FÁBRICA DE TECIDOS DE SEDA

TELEFONES: — Diretoria: 2288 - 3333 — Geral: 2031

A única do Norte do País. Especialista dos belíssimos "RAYÔES" e famoso "ESTAMPADOS DERBY"
FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO



Variadíssimos tipos de tecidos em algodão mercerizado
RAJON, UACIMA, CARRAPICHO E LINHO

Os mais perfeitos BRINS

ARTIGOS PARA HOMENS E SENHORAS

Exportamos para todos os Estados do Brasil e para os países da América do Sul e América Central

Mantemos um serviço de Assistência Social para os nossos operários e seus filhos, proporcionando-lhes Conforto, Educação e Higiene

**MONTE DE
OURO**
**SUA CASA
PREDILETA**
RUA 1º DE MARÇO

A FEDERAL
O popular Estabelecimento Lotérico da Cidade
A MAIOR na distribuição de Prêmios
Lotéricos aos pernambucanos

Praça do Mercado, 210 - Fone: 6272

RECIFE - PERNAMBUCO

Conto de J. BANDEIRA COSTA

Ilustração de LADJANE

Procurava a saúde batendo no ventre. As pontas dos dedos tocavam a região abdominal, por cima do pijama, e o contacto ar-rancava um som cavo, desanimador.

— Doutor!... O senhor acha que isso seja melhora? (tornava a bater, agora com mais força).

Deixava que él se falasse, gatasse palavras, e se punha a ouvir numa aparente e beatífica solidicidade, olhando com uma simpatia e irrestrita fé para a sua boca por onde saía um turbilhão de argumentos científicos que iam perdendo, de dia para dia, pelo convencional e pelo lógico, a força persuasiva que era a razão mesma da subsistência da medicina. E quando se sentia só, outra vez, na solidão da sala ampla e deserta, punha-se falando consigo mesmo, quasi alto, num desabafo:

— Melhora coisa nenhuma!

Pontilhava a melancolia lembrando episódios que, tinha certeza, estavam sucedendo, lá fora, na rua clara, por cima do calçamento quente, pelas bondes. Hoje, terça-feira...

Ficou esperando que o carriinha tocasse o quarto de hora. Tocou, dali a pedacinho. Doze minutos quinze. A porta terminava. Letícia estava se levantando da cadeira, metendo nas gavetas uma escrivaninha, e a pequena abertura do decote acabara por abrir-se, deixando ver, lá dentro, através da combinação decotada, o princípio do baixo re-lêvo do busto empinado.

Sempre que os seus olhos caiam sobre a filha, em casa, no café perto da manhã, tinha um orgulho especial para aquele arrebatamento do seu colo. Nos seus cálculos paternais, estava ali uma prova evidente de que continuavam intangíveis... Pelo menos aquela fôrça a criação que recebera. Se se desviaisse, depois, porque já estava moça; se resolvesse tomar por outros caminhos, não tinha culpa. Desde pequena que ia à igreja com a mãe, nasciamos nos domingos a tarde, primeira comunhão muito bem feita, com todas as explicações domésticas decoradas de como portar-se desde o confissório até a mesa da comunhão. A mãe mesmo é que lhe lembrava uns pecados. Era desobediente... A religião era um freio, reconhecia. Mesmo assim, além do freio havia a brida das observações repisadas. A Laura, em casa, estava sempre alertando...

O corredor do corredor interrompeu-lhe os pensamentos, batendo um molho de chaves de frotões, primeiro o pedacinho de arranjo musical, depois as badaladas. Umas... duas...

Curioso. Curiosa e interessante. Deixou menino que observava aquilo: não batia três pancadas. No dia que batesse o mundo a casbária...

Aliás nessa questão de fim de mundo, tinha o seu ponto de vis-

o motor, o corpo do avião, por gravidade, pendente para o centro, ficando a asa, agora bem sobre o aparelho, a lhe servir de paráquedas.

Lobato não se abalou a tirar paciente, mas, confessou, a idéia me pareceu uma santo-dumonizada de primeira.

Outra "invenção" que teve curso posteriormente é de natureza social. Não sei se foi contribuição minha ou de Lobato. Consta-se que o grande entrave social de nossos dias provém de um érro básico que há relacionado com o meio circulante. Ou melhor dito, com o "ouro", que é a sua base de garantia. E o trouble máximo da coisa está em que tudo na vida tem um princípio e um fim. Nasce, cresce, definhá e morre. Mas o ouro tem permanência eterna ou quasi eterna. Ponha-se um dólar num banco, a render juros, e se não houver crise perpétua (o que é impossível) ou revolução que transtorne tudo, esse dólar acabará, no correr dos anos, resacumulando juros, chemando a si toda a riqueza do país. Tudo depende de estabilidade e tempo. Havia, pois, para eliminar esse érro social, que determinar por lei a idade do ouro! Desta forma, o meio circulante, o dinheiro, teria uma "vida" de tantos anos, e depois, concluído esse término, seria moeda morta, confiável como metal pelo governo. As companhias e empresas comerciais, para que continuassem, capitalisticamente, a auferir seus lucros legais, teriam que ter "capitais de várias idades". Os novos, auferindo lucros completos de capital "menino"; outros, mais idosos, com lucros proporcionais à idade e meiores; e, por fim, os capitais caducos, que já não auferiam lucro algum, eram capitais mortos, que passavam as mãos do governo. Por esse sistema (a prova de "comunismo") o Tesouro Nacional teria completo controle sobre o capital-ouro, elemento de exploração do trabalho e da riqueza.

Pensando melhor, acho que a idéia foi mesmo contribuição minha. Recordo-me de que Lobato lhe opôs uma porção de sérios tropeços quando a discutimos, e antes que nossas ilustres pernas se cansassem da caminhada, a história foi dada por esquecida.

Disse antes que isso teve curso posterior, e teve. Vários anos depois, com Lobato há muito de volta ao Brasil, um dia recebi dele uma carta gorda. O envelope buchudo e dentro estava, bem dobradinha, uma página do *Estado de São Paulo*, com um artigo: "A Moeda Reversível" que era exatamente nossa velha história da idade do ouro! Lobato enqueçava todos os "contras" gromykescos apresentados durante nossa discussão peripatética e vinha agora com a coisa remastigada e editada, sugerindo-me até

que já fazia aquilo automaticamente, quasi inteiramente voltada para a classe.

Deitado como estava, via-a mesmo, punhando a blusa de seda num repetido agitamento, para olhar em seguida o decote, fazendo uma papadinha, procurando compor-se porque, na posição em que estivera todo o tempo, amachucando os seios na gaveta semi-aberta, a pequena abertura do decote acabara por abrir-se, deixando ver, lá dentro, através da combinação decotada, o princípio do baixo relêvo do busto empinado.

Sempre que os seus olhos

caiam sobre a filha, em casa, no café perto da manhã, tinha um orgulho especial para aquele arrebatamento do seu colo. Nos seus cálculos paternais, estava ali uma prova evidente de que continuavam intangíveis... Pelo menos aquela fôrça a criação que recebera. Se se desviaisse, depois, porque já estava moça; se resolvesse tomar por outros caminhos, não tinha culpa.

Decerto era a doença, aquela posição, obrigado a ficar o dia inteiro de papo para o ar. Comeava mesmo a ter medo de dizer as Escrituras. Por um momento estivera dialogando consigo mesmo que não havia razão para as suas hesitações. O esencial era crer em Deus. Acreditava. Também não era absurdo pensar assim, porque, afinal, estava acreditando no fogareiro do inferno. Não. Nesse ponto a Igreja não tinha razão. A Laura podia zangar-se, fincar os cotovelos na mesa, falar toda a refeição, demonstrar a sua crença com o subido abundante dos exemplos. Não se convencia. Deus não era pai? Não era? Ela, Laura, seria capaz de atirar a Letícia numa fogueira somente porque não lhe fazia todos os gestos? (Estava ali um argumento batata). Não botava? O mais que podia fazer era dar-lhe um castigo que a fizesse sentir intimamente. Ali, sim, estava o caminho mais certo.

Nesse ponto, aliás, estava com Alan Kardes. Os espíritos ficavam no Espaço. Precisavam ser doutrinados, alguns. A reincarnação era uma coisa indiscutível. A provação servia para purificar...

— Ficam é no Espaço, minha

— ...

uma tradução em inglês, pois o artigo fôrça muito comentado por todos esses Brasília.

— Qual, Lobato, não serve! — escrevi-lhe.

— E não é praticável por isso e isto, e mais isto — e fui enumerando os mesmos contras que ele antes me opusera. Melhor é o sistema que vêem têni ai — o de deixar como está, sem querer saber como fica...

— E não mais se falou em moeda reversível.

...
— Lobato, disse-lhe eu, logo que nos pussemos a caminho, num lindo domingo de primavera. Sabe você a quanto montam, em dólares, as ostras que os gourmets e outros bons comedores devoram por ano, em Nova York e outros pontos da costa-Atlântica americana?

— Falas de "oysters" ou ostras? — perguntou, pondo o terno em inglês, para fazer croadiço.

— De outras, homem. Essa bivalve que deu ao dicionário o nome "ostracismo" e pelos quais se paga, nos bons restaurantes, 1 dólar por meia-dúzia.

— Ah! Não tenho a menor idéia.

— Pois, bem, é negócios que orga por muitos milhões de dólares. E daria para mais ainda, se os criadores de ostras não tivessem que esperar de 6 a 8 anos para que crescam; isto é, criem tamanho e casca, que não rende nada.

— Aonde queres chegar, Coelho de uma figura?

— Ao lógico: à criação de ostras sem casca!

— Interessante... Mas, how?

— De maneira muito simples, disse eu.

Montava-se um pavilhão-vivero junto ao mar.

Em baterias de uma espécie de armário, cada qual com muitas gavetinhas ou tabuleiros de certa profundidade, seriam colocados em série milhares de copinhos de vidro, com tampa, no centro do qual haveria um orifício para dar entrada a um tubo do sistema geral de renovação da água e distribuição de alimento às ostras-bebés, que seriam depositadas nos copinhos em estado de larva, ao saírem do ovo. Como é sabido (o Lobato ouviendo, e as ostras que são perseguidas por dezenas de crustáceos que as devoram, criam a casca ou concha, de nenhuma utilidade comercial, para sua proteção e morada.

Ora, pelo meu sistema, as senhoras

ostras, ao se darem conta de si, ver-se-iam perfeitamente protegidas, bem cuidadas e alimentadas.

Não creio que fôsssem tão idiotas (apesar do ditado, "bôbo como uma ostra") que não empregassem todas as energias, que hoje usam em fazer casca, numa função mais natural e produtiva — crescer e engordar! Mais tarde, decorridos alguns meses ou um ano — em vez de 8, como agora — as ostras estariam em ponto para o mercado. Nos restaurantes, os gulosos ostrívoros, ao receberem do garçom os copinhos cheios delas, teriam apenas que lhes suspender as tampas e enfilar-lhes aquêle pequeno tridente apropriado. Um banho no molho de suco de tomate e... pronto, engulir-las!

Lobato soltou uma daquelas suas risadas gostosias.

— Olha, Coelho: a idéia não está ruim. Vale "money"!... Só resta é saber se as ostras cooperariam com o seu negócio!

— E ai morreu a grande empresa: como consultar as ostras?

...
— Disse acima que Lobato não teve decepções em Nova York. Mas teve algumas. A primeira foi logo uma semana depois da chegada. Dona Purezinha trouxe com a família uma preta cozinheira, que não me recordo o nome. Sei que era preta mesmo, de cabelos carapinha, alta e feia como uma macaca. Mrs. Blunt (a quem ele se refere na "Barca"), vendo a preta a servir o breakfast à família, e notando-lhe o espumado da cabeleira encarrapichada, teve uma idéia:

— Lobato, disse, estendendo-lhe a mão: dé-me cinco dólares...

— Para que, Mrs. Blunt?

— Logo Gênero! Dê-mos!

Lobato entregou-lhe o dinheiro e saiu de

pois para o Consulado. Ao voltar à noite, estavam já sentados para o jantar, com Mrs. Blunt presente — para apreciar o efeito — quando entra a preta com uma terrina de sopa... Estava outra! Bem arranjada, de cabelos estirados e penteados à última moda do Harlem!

— Mas, quem é esta? — perguntou Lobato espantado — enquanto Mrs. Blunt e Dona Purezinha riem-se à socapa.

— Lembra-se dos cinco dólares desta ma-

nhã? — perguntou Mrs. Blunt. Ai está, fizeram o milagre. Levava-a a um cabeleiro de cér, no Harlot, e voltou assim.

Lobato ficou de queixo caido. — Mas, meu



filha... Inferno coisa nenhuma! Inferno...
Ia dizer que o Inferno era cá em baixo, Inferno era na repartição, Inferno era o mundo! Mas era uma pena. Naquela noite estava que era uma beleza, sentindo facilidade de expressar-se, gozando para convencer, mas Letícia, que fôrça desde a tardinha à rua, mandar cobrir uns botões, estava voltando exatamente quando ele estava nas suas preleções. Engoliu o resto da frase, a contragosto. Tinha a sua religião mas, para a filha, preferia que ficasse por lá mesmo, com a mãe. Não incomodava, mas reconhecia que era uma necessidade, pois não. Tendo por dever de consciência contar tudo ao padre, deserto, faziam o possível para não praticar certas qualidades de pecado...

Meu-sou-e outa vez na cama, para descansar da posição. O sol quente, por fora da janela, iluminava as copas apuradas dos fios da sua erma. Aquela hora, sabia perfeitamente que a filha já estava entrando na igreja. Ajoelhava-se, punxava o vestido para cobrir melhor o lagarto da perna. Ia abrir o livro...

...
Leticia Carvalho estava entrando evidentemente, na igreja, mas não sem ter ficado um pedacinho segurando a grade, à espera de qualquer coisa que não veio. E quando entrou foi profundamente desapontada. Se ele não podia ou resolvera não ir, não era nenhuma demais que mandasse dizer.

Naquele manhã que acabara de fíndar, preocupada com a promessa da matinée, dera uma aula aligeirada, ruimzinha, pau mesmo. Ele ficava esperando-a, do outro lado da rua, em frente ao grupo. Como não sabiam do namoro, em casa, era forçada a aproveitar aqueles retalhos de regressos para a casa. No entanto ficava atordoada, olhando para os cantos quando ele enten-

dia de pôr o braço no espaldar da cadeira. Então se via na contingência de fazer todo itinerário retesada, sem coragem de encostar-se temendo que as suas costas tocassem aquela manga de paletó. Em casa todos confiavam cegamente. Não queria desapontar. Mas os dias foram passando. Já lhe segurava a mão. E há dois dias acertaram para o cinema.

Elle ficou no ar, um instante, sem resposta. Não. No outro dia não podiam ir. Ir visitar o pai. Foi então que se lembrou das visitações de São Francisco. Acercavam todo. Fez o resto da viagem calculando o que diria para despedir-se de quase todos a tarde. Mas lembrou, edo, que havia as conferências da Semana da Pátria. Otimo! "Pois vou na terça-feira".

Nem se lembrou que contrataria com Adelaide para umas compras. Quando, depois do almoço, a amiga foi procurá-la, dona

Laura ficou espantada. Raramente se esquecia assim, um compromisso. Deixava dito, desde a manhã, que quando saísse da igreja voltaria para as conferências...

— Não; não fui mal. Diga que venho amanhã.

Dona Laura ficou tranquila.

Não gostava que a filha saísse para compras. O que acontecerá fôr magnifico...

Estava pensando nisso, quando a filha com os botões, quando a filha comegava a dobrar o primeiro jantar. Acercavam todo. Fez o resto da viagem calculando o que diria para despedir-se de quase todos a tarde. Mas lembrou, edo, que havia as conferências da Semana da Pátria. Otimo! "Pois vou na terça-feira".

Elle na memória, por entre as palavras da resa, volteava-se como fazendo um fundo musical, um pedacinho de partitura inconfundível: o perluário da "News of the Day", 20th Century Fox...

Deus, exclamou, — como eu estava, atrasado? Pus isto no "Choque das Raças" para o ano 2.000 — e está já aqui!

Realmente, tendo escrito aquele livro well-siano muito antes de vir aos Estados Unidos, Lobato viria para o ano 2000 uma tamanha proliferação dos negros americanos, que por esse tempo estava a ponto de eleger um presidente "colorado". Um branco, assustado com esse perigo, inventaria o alisamento do cabelo dos pretos, e assim, atraindo-os para o mágico tratamento, desfazia-lhe a carapinha, sim, mas a droga os imunizava surpreendentemente, para a produção dos novos eleitores. Dessa forma eliminaria-se o perigo negro na América.

Lobato riu-se muito com a decepção. Todos gozaram a piada, inclusive a preta, que estava um Pompadour de sete costados!

...
Duas ou três vezes por semana, Lobato, de volta do Consulado, costumava subir ao nosso apartamento para dois dedos de prosa, de caminho para casa, que ficava adiante. Geralmente estávamos jantando. Ele sentava-se num sofá, perto da mesa, e, enquanto esperava o café, dava-nos notícia de alguma novidade, comercial ou não, que lhe andasse a fervilhar por dentro.

Certa noite, entrou, sentou-se e foi logo nos dizendo:

— Sabem? estou about de fazer um milhão de dólares! — exclamou, metendo na frase um terno inglês, como sempre fazia.

— Um milhão, Lobato? Em quê?

— um milhão, com milho! Na grifa, milho é sinônimo de dinheiro, não é? Até nisso de certo. Já escrevi umas cartas a alguns fabricantes, e se a idéia pegar, faço a minha independência!

— Go ahead, tell us... disse minha senhora, que começava a ter curiosidade pelo assunto.

— Muito simplesmente — disse ele radiante — relatando a nossa cangica, para vendê-la aos americanos. Ah, vai ser um tiro, Coelho!

Minha mulher, que já conhecia a cangica paulista, que certa vez Dona Purezinha lhe dera a experimentar, foi à cozinha de onde voltou com um pratinho de qualquer coisa, que deu a Lobato para provar.

— Ué! Onde a senhora achou isto, Mrs. Katherine? — perguntou, admirado, depois de provar a coisa.

— Vem em lata. Chama-se "Sweet Corn"

— milho verde — e já vem com crème, açucar e tudo... Gosta?

— Mas, é ótima cangica! exclamou. Es-tupenda!

— Só acho uma coisa ruim: Fez-me perder um milhão de dólares!

(Continua na pag. 8)

Desgôsto

A telha de vidro de seu quarto deixou atraçar a primeira claridade da aurora. Era o dia vinte-e-sete de abril. Um vinte-e-sete de abril indiferente, tão semelhante ao dia anterior, como, possivelmente, seria idêntico ao vinte e oito. Aquela raio de luz, cedendo através da baixa e empoeirada telha de vidro, fez com que ele, a contragosto, entabrisse os olhos. Foi quase um piscar, de tão rápido, pois ele não dormira toda a noite, preferiu ainda merendar no seu mundo interior. Quando nos acostumamos à penumbra, qualquer luz nos ahorrece, por isto ele puxou o lençol para a cabeça e permaneceu deitado. Queria esquecer o que era, onde estava, não sentir sob si a espessura da cama, ou pressentir, bem próximo, a prisão das paredes. Tinham passado a noite não adormecido, entretanto, não queria de todo acordar... Continuar imerso nesse mundo só seu feito de mil fragmentos esparsos, dispersos, longínquos e tão transparentes que ele muitas vezes os recolhia-lhos hesitava em acreditar que um dia haviam sido sua própria carne ou se meras espumas de sabão. Era preciso, se ele queria sobreviver, era preciso recolhê-los um a um, carinhosamente, cuidadosamente unindo-os, por mais pequenos ou insignificantes que parecessem. Mas o raio de sol, (agora já se podia dizer um calido e forte raio de sol) atraçando o tecido da coberta, atingiu-o em chão na face, brincalhão e travesso como uma criança que quisesse despertar o pai. Com um impeto ele se descolou. (Havia sempre impeto em suas atitudes!) Com o olhar quis abraçar todo o quarto, mas seus olhos se detiveram no espaço escuro da porta. Começou a pensar: e se esta porta de mansinho se abrisse... "Bem, meu caro" — dizia para si mesmo interrompendo o pensamento — "quando deixarás, enfim, de ser romântico?" Entretanto o desejo do milagre era mais forte que ele, e, mau-grado seu, continuou acariciando o louco desejo de ver a porta entreabrir-se e deixar que... Seu espírito crítico não o deixava divergir e contrariar: "terias primeiro que ouvir a sua voz e o toque de seus dedos" — e essa imagem lhe fez tão violenta que ele julgou ouvir a amada voz pronunciar seu nome com

RAIO DE SOL

conto de *Angela Delouche*



Ilustração de Eros Gonçalves

LOBATO NA AMÉRICA

(Continuação da pag. 7)

Sim. Desta vez, a deceção lhe custaria uma fortuna.

Uma noite, Lobato e Dona Purezinha tinham vindo ao nosso apartamento, como faziam de vez em quando, para conversar. Eram visitas à brasileira, que Lobato aproveitava para treinar o inglês. As vezes, estava ele a meio de uma conversa como minha senhora, e de súbito parava:

— Coelho, como se diz "abafei a banca" em inglês?

— Pois, não se diz, homem! Faz-se um rodelo.

Mas, nessa noite, comemorava-se em todos a América o cinquentenário da Lâmpada de incandescência. Os jornais do dia tinham feito longos históricos da maravilhosa invenção de Edison. E às 9, como parte do jubileu, o próprio Edison, já muito velhinho, ia falar num broadcast para todo o país.

Chegou a hora, e nós nos acercámos do rádio, para ouvirmos o campeão mundial dos inventores, que falou pouco, com voz cansada. No entanto, ouvimos-lo com muita emoção.

Terminada a fala, virou-se Lobato para mim:

— Imagine, Coelho, se o Edison tivesse vivido há dois mil anos e tivesse lá naquelas tempos inventado a lâmpada elétrica! Que de transformações não teria causado! Em primeiro lugar, na religião...

— Como, Lobato?

— Pois não vê? Toda religião vem de medo e o medo é filho unigênito do escuro. A lâmpada, destruidora do escuro, eliminaria o medo, e sem medo ninguém se pegaria com os santos!

— E certo! Você tem tóda a razão!

Na sua função no Consulado, Lobato não cochilava. Foi o único afechado, que todos confiavam, o cargo a sério. Eram cartas a fabricantes de coisas que pudessem interessar o Brasil, eram visitas a fábricas, notícias para os jornais daqui sobre coisas brasileiras, tudo. E todos os mesmos escrevia para o Itamaraty um grande relatório, com os resultados de suas pesquisas em assuntos comerciais.

Descobriu Lobato o fabricante de estufas desidratadoras de legumes e fôr visitar o laboratório, onde a firma tinha os aparelhos em demonstração.

Toquando lá em casa, uma noite, ele nos descrevia essa visita:

— Imagine, Mrs. Katharine (ele sempre temia o Mrs. por Dona) que ontém comi uma salada de alface que havia sido colhida há oito

a ternura que só ela sabia ter; de um salto pulou da cama e encarou a porta. Oh! tristeza! Nem mesmo o fantasma de sua alucinação o guardava do outro lado. O sol já conquistava parte do dia e a claridade não permitia mais sonhar. Ele reconheceu com amargura a estrutura do antigo salão, e juntou à janela a cadeira de palha onde se sentara na véspera, tendo ao pé livros e jornais que ele negligenciara ao anotar. "Maluco!" — exclamou, quase com ódio, e voltando para o quarto, da um ponta-pé tão violento na porta que ele pareceu tremer de dor. Imediatamente descolou o som da mágoa que o gemido da porta pareceu infundir ao tocar no portal. "PERSISTÊNCIA DA DOR — pensou ele — até nas colas!" essa era a sua habitual atmosfera. Com um gesto abatido, deixou-se sair sobre a cama e afundou o rosto no travesseiro. Chorava? Oh! se tu pudesses penetrar no íntimo desse coração, verias que a ternura de seus pensamentos é tão intensa que seria capaz de fazer com que desabrochasse em rosas os túmulos botões. Chorava? Sim. O choro é também uma forma de cantiga e u' maneira diferente de fazer pulsar o coração. E onde há lágrimas e tristeza de amor a poesia brinca de fada como nesses encantadores postais de natal europeu.

Ele chorou suave naquela manhã de abril, trancado no seu quarto. E apesar do raio de sol, insistente e implacável, adormeceu. O sono que não via, durante a noite de angústia, fechava de manso, agora, os seus olhos cansados. Adormeceu e sonhou. Sonhou que estava sozinho, caminhando sobre um campo vasto, coberto de verde erva. E, curioso, neve caia sobre sua cabeça descorada, seus ombros de mansinho, trinca fininha. Mas, agora, já não era neve e sim penas de passarinhos azuis, roxas, vagarosas e leves, transparentes, quase imperceptíveis, como farfias em sonho. E ele caminhava sobre o campo, pisando com delícia as florinhas anônimas — tema da sua predileção — os olhos divagando no céu amplo à procura da estrelinha que primeiro se acende quando a tarde cai. E só havia dentro desse lugar para a sereia, a paz, e mansidão. E de mãos dadas à ternura, caminhava quase sem tocar o chão, ia

to é, começava a elevar-se e se transformava em pásseos. Um pásseio ágil que circulou num voo amplo, o campo, e se dirigiu à cidade. E foi pousar, — imaginou onde foi pousar — num pateoquinha de casa pobre de subúrbio onde morava um menino cego que a madrasta condenava a ficar sozinho no quintal. E depois que alegrou o pobreiro que logo cessou de chorar alou voo, chilreando a valsa 13 a mesma que Chopin mandou escrever, mas, nesse instante, se sentou de novo sobre o campo. E seu coração há pouco dilatado de amor, se confrange, agora, ao ver a erva ressequida sob a torrente de liz no campo ensolarado. Queimado e estéril, o campo brilhava em alegre desespere. Urubus tritinhos, tangidos assustados das cumíneiras das casas de arrabida, vinham pousar, briguentos na carcassa de um pobre jumento que um dono cruel fizera morrer de trabalhar. Moscas e urubus disputavam aquele corpo cansado, conquistado pela morte, miserável corpo cuja vida nada trouxera de bom senso a solidão das noites estreladas. Sim, porque quem pensou

agora, para que quebre, não ésses coquilhos mexicanos, mas o nosso rijo babaçu, que há no Brasil quantidades fenomenais, terá feito sua fortuna.

O americano abriu-se num sorriso prometedor.

— Só nos Estados do Maranhão e Piauí, prosseguiu Lobato, há verdadeiras florestas de babaçu. E do Pará para dentro há territórios enormes, cobertos dessa palmeira, que produz, em média, de 800 a 2.000 cobs por p. A amendoa é de grande utilidade industrial, para a extração de crème e óleos finos; e a casca, usada como combustível, substitui o melhor coque inglês. Mas, o descascamento do babaçu — frisou Lobato com tristeza — é todo feito a mão, a goliás de maceta sobre o gume de um machado preso pelos pés dos caboclos. Daí não poderemos aumentar a exportação desse raro produto... Repito, modifique a sua máquina, para quebrar babaçu, e ficará milionária!

O inventor prontificou-se a modificar a máquina. Não faltava mais! Para se fazer milionário ele a modificará dez vezes! Precisava, entretanto, de umas amostras do caco, para lhe conhecer a rigidez, o tamanho, a natureza do corke.

Lobato telegrafou imediatamente, pedindo uns sacos de babaçu para esse mister, e logo que chegaram, foi os despachou para o inventor, que se pôs a trabalhar na coisa.

Passado algum tempo, durante o qual se trocaram muitas cartas entre Lobato e o inventor, certo dia recebeu o nosso amigo um croqui final da máquina, tal como estava sendo construída, pois o homem tal como o problema "babaçu" como completamente resolvido.

Constava, a máquina, principalmente, de um grande tambor de aço, havendo na periferia do mesmo umas seções ou facetas planas com uma série de cavidades ovaladas ou "camas" onde deviam pousar os babaçus, separadamente, cada vez que o tambor fizesse uma parada na sua marcha intermitente. A alimentação era feita por gravidade, automaticamente, de um depósito distribuidor, colocado no alto, no qual de despejava um saco de cacos de uma vez. A máquina estava sempre em movimento: vinha o tambor e parava um instante; o distribuidor fazia os cacos cair em suas "camas"; vinha agora uma peça de ferro e os sujeitava em posição; e logo uma pesada mandibula de aço, provista de punas ou garfões também de aço, caía sobre os cacos — quebrando-os com grande uniformidade, para não estragar as amêndoas.

Isto feito, o tambor eraacionado uma faceta para a frente, derramando as nozes para um lado e as cascas para outro. E assim prosseguia em operação constante. Em oito horas de trabalho, sendo atendida uma bateria de várias máquinas por um só homem, a produção de babaçu descascado seria enorme!

Estava de fato resolvido o grande problema!

A famosa "hard nut to crack" achára por fim quem a reduzisse a frangalhos! Podia-se fazer já a demonstração a público da máquina...

E um dia, reunido um grupo de brasileiros e americanos a quem Lobato interessava no assunto, lá se foram todos para New Jersey, onde o inventor os esperava.

O homem tinha a máquina pronta para demonstrá-la. Lobato e sua comitiva examinaram o engenhometiculoso. Estava tudo em ordem, apetrechado, completo. Ia dar-se por final, com vitória cabal, o insolível problema babaçú!

— Vamos! Pode começar!

O homem despejou o saco de cacos no distribuidor da máquina, e puxando uma alavanca, pô-la em marcha. Todos os olhos se arregalaram. Viram o tambor girar, parar, e receber, como devia, sua série de cacos, cada um em seu lugar. Al veio a mandíbula destada — prrrr! prrrr! trrrrr! — britando os babaçus... E girando, girando, com tremendo choques e ruídos interinos seguiram a operação... Mas quando os presentes correram à cuba receptora das amêndoas, para colher as primeiras que saíram — começou a sair pedaços de máquina! As punas da mandíbula — em vez das nozes!

— Um fiasco danado, confessou-me depois o Lobato.

O gênio ianque, vencido pelo babaçu do Maranhão, não se conformou com aquilo. Prometeu melhorar a máquina, retemperar os garfões, mas e Lobato, já triste com o avanço da revolução vanguardista, que ia vencendo o governo, não se interessou mais pelo caso. E até hoje, segundo creio, o babaçu ainda é quebrado a mão...

Pouco tempo depois, Lobato estava de volta para o Brasil. Encaixotou livros, rádio e outras coisas caseiras. Sobrava-lhe o piano, que não queria levar. Ofereceu-me. "Não, thanks!" Já tínhamos um. Lobato entregou-o por fim ao preto ascensorista do apartamento, que o chamava doctor Lobato, o qual ficou saltando de contente.

Depois da partida, quando aos domingos eu saia a passear, sucedia, às vezes, passando pela casa, onde morava Lobato, ver o preto à porta. Reconhecia-me e perguntava sempre pelo meu velho amigo.

— Nice man, doctor Lobato! — dizia num sorriso cheio de dentes.

E eu, que aguava perambulava, sozinho, repetia a frase — nice man!

(Nova York: abril, 1949)

— "Que solissimo, Amigo, que solissimo!"

Depois ficou pensativo, deslizando os companheiros perguntando-lhe em que está pensando. Entãoolveu, assustado, de sua divagação.

— "Eu? Pensando? Mas, ao contrário, estava dispensando..."

E ria, ria, ria, e fazia rir, a cara feliz mascarada.

Os afazeres do dia, a marcha monótona das horas (o seu religioso estático: oito horas menos dez, "como seria isto em inglês, my love?") marcando sempre a querida hora-antiga, a hora que não voltou mais e que nunca mais partiu, os minutos, macerando, cada átomo de seu dia como um éio a mais, prendendo-o, correndo-o ao Passado. O seu vinte-e-sete voltando e ele embriagado de lembranças, querendo ser o centro do volteio, chorando e rindo, zombando da Morte e exclamando:

"Vida, Vida de minha vida, onde estás? Onde vão te pensamento? Talvez já nem saibas que te amo... Estás comigo na brisa que sopra em mim a suavidade de seu bafejo. Vejo-te no fundo de todas as paisagens que contemplo. Sinto-te em todas as emoções que me sacodem a alma. O voo leve dos pássaros lembra-me a suavidade de teus modos gentis, a rápida carícia de teus olhos passando por mim. É mais do que minha companheira: é a avassaladora presença de todos os instantes".

Mas o Tempo, invisível e inconfundível caminhando, inconsumindo o dia e polindo as arestas de seu entusiasmo. Abatia-o a tristeza sem fim do milagre da porta que não veio e "oh! Amor, porque somente tuas palavras sabem de cõr o caminho de minha casa? Tenho medo de me escravizar na nervosidade — dessa letra miúda, não quero traduzir-te, chorarei, te afirmo e disse: "Puxa! como dormi!" E agora era preciso levantar-se, enfrentar um novo dia... ele está indeciso. Preguiça? Não Medo. Sabes, por acaso, o mistério e o desespere de um novo tempo? Por fim se resolve. Entendo que se prepara uma voz lhe segreda: "O melhor é fazer de Palhaço. Fazer da Vida um Circo e dar cambalhotas e rir e fazer rir. Tudo sem sentido. A cara falsificada e feliz, sempre representando. O melhor e mesmo ser Palhaço. Sofre, mas não tem tempo de parar na vida verdadeira, no sofrimento sem intervalo. E os instantes no caimento! E o seu dia (era um vinte-e-sete de abril) o seu dia dia de palhaço. Disse coisas idiotas a torto e a direito. Como fosse um dia muuito quente de sol fortíssimo, ele exibia, em largos gestos:

(Continua na pag. 10)

tambor eraacionado uma faceta para a frente, derramando as nozes para um lado e as cascas para outro. E assim prosseguia em operação constante. Em oito horas de trabalho, sendo atendida uma bateria de várias máquinas por um só homem, a produção de babaçu descascado seria enorme!

Estava de fato resolvido o grande problema! A famosa "hard nut to crack" achára por fim quem a reduzisse a frangalhos! Podia-se fazer já a demonstração a público da máquina...

E um dia, reunido um grupo de brasileiros e americanos a quem Lobato interessava no assunto, lá se foram todos para New Jersey, onde o inventor os esperava.

O homem tinha a máquina pronta para demonstrá-la. Lobato e sua comitiva examinaram o engenhometiculoso. Estava tudo em ordem, apetrechado, completo. Ia dar-se por final, com vitória cabal, o insolível problema babaçú!

— Vamos! Pode começar!

O homem despejou o saco de cacos no distribuidor da máquina, e puxando uma alavanca, pô-la em marcha. Todos os olhos se arregalaram. Viram o tambor girar, parar, e receber, como devia, sua série de cacos, cada um em seu lugar. Al veio a mandíbula destada — prrrr! prrrr! trrrrr! — britando os babaçus... E girando, girando, com tremendo choques e ruídos interinos seguiram a operação... Mas quando os presentes correram à cuba receptora das amêndoas, para colher as primeiras que saíram — começou a sair pedaços de máquina! As punas da mandíbula — em vez das nozes!

— Um fiasco danado, confessou-me depois o Lobato.

O gênio ianque, vencido pelo babaçu do Maranhão, não se conformou com aquilo. Prometeu melhorar a máquina, retemperar os garfões, mas e Lobato, já triste com o avanço da revolução vanguardista, que ia vencendo o governo, não se interessou mais pelo caso. E até hoje, segundo creio, o babaçu ainda é quebrado a mão...

Pouco tempo depois, Lobato estava de volta para o Brasil. Encaixotou livros, rádio e outras coisas caseiras. Sobrava-lhe o piano, que não queria levar. Ofereceu-me. "Não, thanks!" Já tínhamos um. Lobato entregou-o por fim ao preto ascensorista do apartamento, que o chamava doctor Lobato, o qual ficou saltando de contente.

Depois da partida, quando aos domingos eu saia a passear, sucedia, às vezes, passando pela casa, onde morava Lobato, ver o preto à porta. Reconhecia-me e perguntava sempre pelo meu velho amigo.

— Nice man, doctor Lobato! — dizia num sorriso cheio de dentes.

E eu, que aguava perambulava, sozinho, repetia a frase — nice man!

Província Literária

ADERBAL JUREMA

PELA DIGNIDADE DA PROFISSAO

Ainda um dia desses, numa rápida entrevista a um jornal do Rio, tivemos ocasião de lamentar a ausência de críticos literários em nossos suplementos que procuram suprir essa deficiência com as notícias redacionais sem caráter de apreciação crítica.

Numa fasa como a atual das nossas letras não se justifica esse claro porquanto a crítica sempre foi, quando erudita e honesta, um elemento criador na literatura. Embora Croce, no seu livro sobre estética, chegue a afirmar que o crítico é um criador falhado, — romancista ou poeta fracassado —, não se pode prescindir desse elemento na evolução das idéias estéticas de um povo. Entre nós, a crítica exercida com a dignidade intelectual de um Alvaro Lins, um Luiz Delgado, um Antônio Cândido, um Wilson Martins, para citar somente a geração que veio após Tristão de Athayde, precisa recuperar o seu lugar no sol. Na claridade tropical da literatura provinciana podemos apontar as várias tendências que estão dando rumo aos caminhos do espírito de província dos nossos escritores mais jovens.

Se constatamos certo marfinismo em algumas revistas dos novos, num alheamento não-romântico da vida social brasileira, devemos penetrar-lhes as causas primeiras a fim de que possamos mostrar a essa juventude literária o cerne do êrro em que muitos dos jovens poetas e ensaístas estão incorrendo. Não adianta recriminar aqui a velha e hoje prosaica polêmica entre arte pela arte e arte social. Basta somente que todos nós, velhos e novos escritores, tenhamos sempre na lembrança o conceito de José Veríssimo, de que a literatura não é um desporto e sim o exercício viril da inteligência. Viril, no seu sentido absoluto de nunca fugir da verdade de que deve ser a flama do intelectual. Verdade de um ou de outro, mas que em sua consciência de homem é a SUA verdade.

Ao mesmo tempo que, guardando fidelidade à SUA verdade, ele procura com o seu poder de expressão transmitir ao público as suas meditações ou o drama de sua sensibilidade, não deve esquecer, também, que o trabalho intelectual exige sangue, suor e lágrimas. Sonrente através do sofrimento na criação e do amor à verdade que ele defende poderá o homem de letres da província ou da metrópole atingir uma posição de dignidade, e de respeito.

O ESPÍRITO DE PROVÍNCIA

O que a província tem de mais saudável para o escritor é o aspecto anti-burocrático da produção literária, o intelectual. Por força das circunstâncias, vai, aos poucos se transformando em um "fazedor" de artigos, com produção em série para os suplementos e as revistas, numa autêntica burocracia do espírito que é a negação de toda a aventura, toda a audácia e criação no seu sentido mais genuinamente intelectual. Nos Estados Unidos encosta-se, hoje, uma reação contra a burocracia da inteligência tão ao gosto dos que se acostumaram aos sucessos imediatos e que passam a fabricar suas novelas e seus romances sob encomenda para tal público ou para determinados produtos cinematográficos.

Já o sr. Archibald MacLeish, poeta e escritor ianque, disse certa vez que o intelectual era uma classe à parte. Na província, graças a Deus, o intelectual continua a ser um homem como os outros, com atividades comuns aos seus companheiros de bonde ou de "ônibus". Daí o discurso do jovem estudioso de sociologia de Campina Grande, sr. Lopes de Andrade, por ocasião de sua posse na Academia Paraibana de Letras, ser um reflexo de todo esse saudável sentimento provinciano do homem de letras que não faz literatura de encomenda ou à hora determinada como quem assina o ponto na reunião. As idéias do sr. Lopes de Andrade são preocupações de um escritor que faz da literatura, como queria o velho crítico José Veríssimo, um exercício viril de inteligência. E não é sem grave emoção que fala na autonomia das províncias brasileiras em relação à metrópole, no que elas têm de inegável e virgem para a literatura nacional. Por isso o seu discurso deve ser lido e meditado pelas gerações mais novas com o interesse que faz jus quem ama a literatura e os problemas sociais com um amor de adolescente e não com o velho e rabujento hábito de ser ilustrado. O seu amor é às letras, à palavra no seu dom e na sua força de exprimir o pensamento. Quando um escritor usa a palavra com amor, tudo o que escreve tem a força e o imprevisto de uma mensagem, não acontecendo o mesmo com os que escrevem somente pela necessidade de fazer um artigo.

Não se venha dizer pensar que advogamos uma espécie de sibaritismo literário, porque antes, somos pela valorização absoluta do trabalho intelectual que não pode estar sujeito a nenhuma bu-

rocracia de "Copyright" e nem tampouco a proverbial gratuidade de serviços tão comum na província. Precisamos pagar a produção intelectual por um tão alto preço que não seja preciso ao escritor se transformar em um funcionário público das letras.

OS GRUPOS

Eduardo Campos, na sua entrevista para o "Diário de Pernambuco", aludiu, de início, aos grupos literários do Recife, citando os intelectuais que se congregam nas páginas do suplemento daquele jornal, o pessoal de "Nordeste", "Região", "Resenha Literária" e do suplemento do "Jornal do Comércio". Suponho que o "conteur" cearense não teve a intenção de fazer uma catalogação rígida das várias tendências ideológicas que informam alguns aglomerados de província, cuja melhor dessas supostos grupos, por quanto não me consta, que nenhum deles tenha conseguido reunir as características. Para que possamos admitir a existência das mais denunciativas de um movimento definido em grupo literário é preciso, antes de mais nada, que os seus componentes estejam identificados por uma idéia mestra e que haja entre elas, uma completa afinidade de tempo e momento. Nenhum dos supostos grupos citados pelo escritor cearense apresenta essas características, antes, pelo contrário, são colaboradores os mais heterogêneos possíveis. O que impõe o escritor, no Recife, para essa ou aquela publicação é a simpática pessoal pela orientação da revista ou do suplemento, orientação que mais no sentido estético e sentimental do

que história de grupos literários, é, sem dúvida, o Teatro do Estudante de Pernambuco que possui um ideal comum a todos os seus componentes.

Neste velho burgo de Duarte Coelho, os grupos ainda estão por se formar, o que não acontece no Rio Grande do Norte, por exemplo, como grupo de pesquisadores folclóricos de Câmara Cascudo, do qual podemos citar, de passagem, nomes como Hélio Galvão, Oswaldo Lamartine e Veríssimo de Melo.

No Paraná, Dalton Trevisan, quasi sotinho, da fisionomia de grupo ao movimento literário de "Joaquim" e, no Rio Grande do Sul, o pessoal de "Quixote" escolheram um "slogan" — vamos fazer uma barbaridade — para fazer alguma coisa de comum entre elas.

Provável será que, no futuro, os grupos surjam entre nós, como hoje já podemos aperceber, no domínio da história e da sociologia, o grupo de pesquisadores pernambucanos que obedece à orientação e ao estímulo de sempre jovem mestre Gilberto Freyre.

Muitos são os caminhos para os grupos literários e sociais e estas considerações não nos impedem, porém, de salientarmos o esforço e a vivacidade com que os diretores dos suplementos locais estão ajudando a formação de uma consciência literária sadiamente provinciana na terra de Nabuco.

A A.B.D.E. E AS LETRAS

A Associação Brasileira de Escritores anuncia no cartaz, nas primeiras páginas dos verperintos,



Waldemar Lopes, Aderbal Jurema, Waldemar Cavalcanti, M. Diógenes Júnior e Eaul Lima, num sessão do I.B.G.E. no Rio. O t. e os 3 últimos emigraram do nordeste para a metrópole, onde continuam a ser legítimos homens de letras da província

que no filosófico. Se se quisesse descer a míncias, poder-se-ia falar também das igrejinhas tão comuns nas províncias e nas portas de fábrica do interior. Igrejinhas que são verdadeiras catedrais de publicidade organizada, na metrópole. No mais, a literatura recifense continua no mesmo estado ideológico de há dez anos atrás. Comportamento gráu dez para os poetas plácidos e gráu cito para os sonetistas impiedados, sem falar nos raros críticos e ensaios que a vida cotidiana cada vez mais os afasta da coluna do jornal ou das páginas das revistas.

Esqueceu-se o sr. Eduardo Campos de citar o Teatro do Estudante de Pernambuco como grupo, este justamente o mais homogêneo e que oferece todas as características de movimento renovador desde as suas pronunciadas tendências lorquinianas até o seu audacioso "slogan" de levar o teatro ao povo. Também em "Resenha Literária" o grupinho diretor está tentando, através de suas seções editoriais, fixar uma tendência esquerdistas. Quanto ao primeiro grupo já podemos afirmar que ficará como um traço em negrito na história do teatro pernambucano e quanto ao segundo, ainda é cedo para prognósticos...

A velha Escola do Recife tinha, na verdade, características de um grupo literário com idéias comuns que por muito tempo influíram nas gerações que sucederam a Tobias e a Sílvia Romero. O choque entre os partidários do racionalismo germânico do mestre de Escada e o romantismo castro-aleviano define precisamente os grupos em antagonismo nos corredores da Faculdade de Direito e nas torrinhas do Teatro Santa Isabel, o que não ocorre, agora, entre os chamados grupos dos suplementos que, se degradarem, vivem imaginando moinhos fantásticos, como o nunca assas louvado don Quixote de la Mancha.

Daí o ar de espanto de alguns escritores que nos visitam, quando verificam a não existência dos propósitos grupos que vivem precariamente na imaginação de certos intelectuais na intimidade. O que há de mais definido nes-

seis "manchettes": Eleições que seriam normais em uma verdadeira sociedade de intelectuais na ABDE foi um Deus nos açoada. E muito pior do que as eleições, a posse da nova diretoria culminou com tabelões, insultos e tudo o mais que não ficaria bem em nenhuma sociedade do mundo, muito menos numa associação de homens de letras! E já que falámos em homens de letras, vamos dizer com franqueza que até hoje a ABDE não tem correspondido à sua finalidade. Ao invés de se preocupar, de princípio, com a situação de desamparo do intelectual brasileiro, a ABDE tem vivido de lançar protestos quando não na mais absoluta passacaxe funcional.

Há uma guerra na China, uma revolução na Bolívia, um congresso político em Paris, e a Associação Brasileira de Escritores comparece logo com o seu manifesto tronitante. Para que descer a coisas do cotidiano como o salário, os direitos autorais e outras bobagens se o mundo poderá mudar de rumo com o lançamento do seu manifesto bem escrito?

Antes de ser uma sociedade profissional, a ABDE quis ser uma associação de política partidária. Os grupos se degladiavam em torno de suas bandeiras ideológicas e esqueciam o principal: a situação de miséria do escritor brasileiro que tem de fazer ginâsticas em outras profissões para poder viver. Agora ressendem-se as esperanças de que a ABDE retome a sua finalidade com a eleição do sr. Afonso Arinos para a presidência. Já está em tempo de ser uma sociedade de união e defesa da classe, dos que possuem o poder de expressão como única arma de luta por um lugar ao sol neste mundo desumanizado. Todo escritor, seja qual for a sua orientação político-partidária, deveria ingressar na ABDE com a consciência de intelectual e nunca com a ideia de homem de partido. Somente assim poderia servir à inteligência, ao invés de servir-se dela para propaganda de suas convicções políticas. Só assim a ABDE seria uma verdadeira sociedade de homens de letras e não um grêmio político onde todo mundo a trôco de dez cruzeiros mensais recebe o pomposo título de escritor... (Nota: a confusão, agora, é geral...)

LETRAS PARAIBANAS

Em meio à movimentação dos suplementos literários da Metrópole e das províncias, a Paraíba estava como que esperando uma oportunidade para entrar de vez. E é o que ocorre diante do primeiro número do "Correio das Artes", suplemento literário do "A Unify" que obedece à orientação do poeta Edson Regis, atual secretário desse tradicional matutino paraibano.

Numa feição de esfumado, um tanto parecido com o "Letras e Artes" do Rio, o "Correio das Artes" apareceu com uma força intelectual capaz de retomar a estrada das boas revistas da Paraíba, a começar pela velha e sempre lembrada "Era Nova".

A colaboração dos mais jovens escritores locais é um índice bem denunciativo de que a Paraíba não estava de todo ausente ao movimento literário nacional. O que faltava era, justamente, um veículo publicitário para os novos talentos da terra de Lins do Rêgo, talentos jovens e audaciosos que estavam embaixados de atração gráfica. Graças ao novo suplemento eis que surgiu Hamilton Pequeno comentando o romance de Mário Donato, Péricles Leal falando das Artes Plásticas em sua terra, Carlos Romero num conto cheio de poesia e muitos outros que conseguimos identificar se são jovens escritores da terra ou de outras províncias.

Notel, no entanto, a ausência de alguns escritores mais velhos que, vez por outra, compõem as páginas da boa revista da Academia Paraibana de Letras, podendo lembrar de olívia nomes como Celso Mariz, Sérgio Nóbrega, João Lélis e o velho e arguto ensaísta Alvaro de Carvalho.

A propósito de velhos e novos escritores tem surgido por aí afora uma porção de comentários confusos que repetem sempre os desgajados argumentos da Semana de Arte Moderna, de São Paulo. Na verdade, a pureza das idéias estéticas sempre foram conservadas pelos escritores mais jovens. São fies, na audácia dos vinte anos, os batedores dos caminhos das letras e das artes. Os velhos escritores nem sempre podem acompanhá-los nessa espécie de marcha batida para o futuro. Mas não se deve esquecer que esses caminhos não dão novos. Nove é o conteúdo humano que eles trazem dentro de sua alma de bandeirante.

No panorama atual da literatura brasileira os bandeirantes do sul, com "Quixote" e "Cis", estão compreendendo que a luta não é de geração contra geração. Daí a esperança de que todos se unam não contra alguém ou alguma coisa e sim a favor do desenvolvimento da nossa consciência literária capaz de penetrar nos problemas danados do tempo, como diria o nunca esquecido amigo Mário de Andrade.

E "Correio das Artes", na Paraíba, pelo jeito do primeiro número, será a flama da inteligência de todas as idades na terra que deu um Borges da Fonseca, para falar somente em um nome ligado ao movimento social mais comentado do momento: a Rebeldia Piauiense.

POESIA E VIDA

Na verdade não se pode exigir do poeta uma inspiração dirigida como querem certos ditadores de modas literárias. Mas, também, num tempo como o nosso, os poetas não podem viver esfumado com os pés no vazio e a imaginação nas estrelas. A sua sensibilidade tem que reagir diante do quotidiano como aconteceu a um Castro Alves, por exemplo. Daí o grande poema do sr. Mauro Mota na revista "Cis", se não me engano, sobre a passagem dos americanos pelo Recife e as suas consequências sentimentais.

Um poema desses, saído das mãos da Elegias, indica as grandes possibilidades que se possa de nos dar coisas ainda mais significativas sobre a vida da sua cidade.

A poesia não pode ficar indiferente ao dia-a-dia, porque ela é, sem dúvida, a vida na sua vivência e ternura como a entendem todas as grandes vozes da poesia universal desde François Villon a Walt Whitman. Muitos cantares estão aí, no ar, esperando que as antenas dos nossos jovens poetas saibam captá-los para as suas expansões líricas. Depende somente do poeta não se fechar em tóres de merlin, sobre preparadas e — nas pegadas do conselho de Bilar — cantar as coisas triviais que são as mais ricas de elemento poético na sua humildade franciscana. E cantá-las com vozes mágicas sem se importar com o espanto e a incomprensão dos acomodatícios, des águas-de-flor-de-laranja do dia-a-dia. Assim pensamos porque se a poesia continua nesse marcha-marche de mansinhas-terminadas igualzinha à literatura de salão residida ao som da Dalla.

E preciso coragem de cantar, de cantar tão alto como as cigarras dos enclíptos, embora corramos o perigo de estourar pelas costas.

Mas quem foi que disse que poeta não mor-

FALAM OS NOVOS

COMPRENSAO DO HOMEM che de artigo — Jornal do Comércio — Recife, 5-6-49

Se o homem valesse para a sociedade pelas virtudes de suas relações secretas todas a moral dominante valeria este triste da necessidade de se levantar um sistema histórico completamente novo e essencialmente instintivo. Não podem argumentar os filósofos da história e os sociólogos que tal atitude representaria um reflexo do existencialismo. Pense que não. Mesmo o existencialismo não constitui uma concepção integral. Era voltar ao estado primitivo e realizar a existência em que elas influissem as inquições de cultura. O homem havia de participar da natureza como um ser bruto. Caisse o sistema configurações da personalidade porque a personalidade seria em si mesma em essência e em forma. Estariam extintas as grandes lutas do seu espírito: o conflito entre o bem e o mal. O campo das relações espontâneas estaria delimitado numa integração profunda com as funções normais. Daí em diante a formação antropológica e histórica da cultura poderia ser encionada as teorias freudianas. Mas isso seria absurdo...

(Jonas Ferreira Lima — Tre-

OS MALABARISTAS DES-
TE PLANETA

O sujeito que mora nos serões recusados. Nós, povoados distantes que enfatizamos o povo e estatística oficial botam o apelido de cidades, obrigados pelas necessidades administrativas e também porque éas já se comparam com a avançada idade de duzentos anos de fundação é a sede municipal, onde, geralmente, um juiz, um prefeito e um delegado de polícia se chocam mutuamente, sob uma avalanche de fúxicos populares, que bastam para medir o nosso atraso socioeconómico de quinhentos anos. Sabendo ele ler e escrever sempre lhe resta uma colha a fazer, como resultado da cultura das propriedades do espírito: mandar buscar pelo serviço de reembolso livros nas capitais e assinar alguns jornais e revistas, para ir acompanhando a marcha do mundo. Para ir tornando conhecimento dos malabaristas desse planeta."

(Ottacilio Dantas Cartaxo — Trecho de artigo — Jornal do Comércio, Recife, 15-5-49)

REVISTAS & SUPLEMENTOS

— Continuam a sair, em todo Brasil, as revistas literárias "Sul" (Santa Catarina), "Orfeu", "Revista Branca", "Cronos" (Distrito Federal), "Quixote" (Rio Grande do Sul), "Cia" (Ceará), "CADERNO da Bahia" (Bahia), "Epoca" (Sergipe), "Resenha Literária", "Repôs", "Conto-ponto", "Presença" (Pernambuco), "Joaquim" (Paraíba) e muitas outras ainda pouco conhecidas.

— Os suplementos como "Letras e Artes" (do Rio) e "Correio das Artes" (da Paraíba) vêm mantendo o seu caráter de caderno literário, sem esquecermos os suplementos locais como o do "Diário de Pernambuco", "Jornal do Comércio" e "Folha da Manhã" e os maiores do Rio, como o do "Correio da Manhã", do "Diário de Notícias", do "Diário Carioca" e outros. A destacar também a bem orientada seção literária do sul. Tulo Hostilio Montenegro no jornal "O Mundo".

Tarília na sua simplicidade cemeava ideias. Queria um retorno ao Brasil na sua ternura primitiva. A flecha antropofágica indicava nova direção.

— Vamos deixar a nossa pré-história. Trazer alguma coisa desse fundo imenso atávico. Carter analisou temáticos. Remexer raízes de raça com um pensamento de palaciano. Deste re-encontro com a nossa coisas, nascem elmas criadoras, poderemos atingir uma nova estrutura de ideias Solidárias com as origens. Fazer um Brasil à nossa semelhança, de encadeamentos profundos.

O homem da caverna se repete. Vamos reunir uma geração Fazer o nosso "Contrato social". A mocidade está desencantada, perdendo tempo num gnobismo cultural. Secou a alma no cartesianismo. Pra que Roma? Temos mistério em casa. A terra grávida. Vozes nos acompanham de longe. Arte não precisa de explicação.

(Raul Bopó — Trecho de artigo — Correio da Manhã — Rio, 25-5-49).

ASCIENSO NA BERLINDA — "Quanto ao caso do artigo ab-



Ilustração de ILLEU KERR do livro "O DESERTO E OS NÚMEROS", de EDSON REGIS, edições Orfeu, 1949.

O LIVRO do MÊS

★★ O ROMANCE BRASILEIRO ATUAL ★★

José Lins do Rêgo, numa entrevista aprofundada, declara que a atual geração é fraquinha em matéria de livros de ficção, no que estou de acordo, pois nunca mais tivemos uma novidade em romance. O próprio "best-seller" de 48, "Presença de Anita", de Mário Donato, é um livro que deixa muito a desejar como romance deante do qual já se publicou na França há mais de dez anos passados.

Esta mesma chave nos utilizamos para abrir este assunto, em torno da tradição e do estilo, de Proust.

Inigável que Marcel Proust é um autor difícil. Não tanto como Joyce, claro. A leitura do "Ulisses" transforma-se, quase sempre, num sweater agitado.

O leitor, mesmo cavaleiro e mestre do dicionário, é convidado a fazer todas as esforças de inteligência, desde ir ao chão, ou melhor, a tirar o livro no fundo da estante.

Já Proust é menos agitado. Ressarcido. Ou, como queria Huxley, em "Contraponto": um onanista de assuntos.

(Glauco Veiga — Trecho de artigo — Diário de Pernambuco — 12-6-49)

entanto, nas histórias do sr. José Mauro um ar de reportagem de pamphlet que não consegue imprimir uma atmosfera mais densa e segura aos seus personagens. Por tudo isso não é saudável o estado atual de ficcionismo brasileiro que está se limitando a reportagens ou a imitações passionais do já usado romance francês.

Deante da força de vida

de um pouco jovem como o

sr. José Mauro um ar de

reportagem de pamphlet que

deixa muito a desejar como

romance deante do qual já

se publicou na França há

mais de dez anos passados.

Tecnicamente bem construído, o romance do sr. Mário Donato não traz nada de novo para a ficção

de maior força entrever, num pessimismo doentio quando explora a vida

mórbida de dois séres que

nem sabem mesmo se o amor

é aquilo que eles praticam.

No mais, temos os livros do

sr. José Mauro de Vasconcelos, sem dúvida

os nomes novíssimos da

brasileira e incorre, a meu

atual geração de ficcionistas

nacionais. Sente-se, no

FALAM OS POETAS

DEPOIMENTO SOBRE A ANTRÓPOFAGIA

Chefe do movimento foi Tarílio. Olvaldo ia na frente: aquele veracidade e agressivo, aquele gênero social de São Paulo. Por elemento de resistência. Foi a Antropofagia no cártila, com um ura técnicas de valorização.

Tarília na sua simplicidade cemeava ideias. Queria um retorno ao Brasil na sua ternura primitiva. A flecha antropofágica indicava nova direção.

— Vamos deixar a nossa pré-história. Trazer alguma coisa desse fundo imenso atávico. Carter analisou temáticos. Remexer raízes de raça com um pensamento de palaciano. Deste re-encontro com a nossa coisas, nascem elmas criadoras, poderemos atingir uma nova estrutura de ideias Solidárias com as origens. Fazer um Brasil à nossa semelhança, de encadeamentos profundos.

O homem da caverna se repete. Vamos reunir uma geração Fazer o nosso "Contrato social". A mocidade está desencantada, perdendo tempo num gnobismo cultural. Secou a alma no cartesianismo. Pra que Roma? Temos mistério em casa. A terra grávida. Vozes nos acompanham de longe. Arte não precisa de explicação.

(Raul Bopó — Trecho de artigo — Correio da Manhã — Rio, 25-5-49).

ASCIENSO NA BERLINDA — "Quanto ao caso do artigo ab-

bre o Ascenso é certo que eu sou de ironia, porém que era o que você diz que é, não percebi nem ninguém percebe que não estou com a pulga atrás da orelha. Achéi o artigo ruim, por que não bastou pra descobrir que é de pandeiro. Tudo nisso é que naquele dia você tinha es-

creva artigos ruins. Julguei que naquele dia você tinha es-

rito um tanto.

NOTA DE M. B.

Refere-se a um artigo sobre Ascenso Ferreira publicado em "O Jornal". Deveria sair com a assinatura de Esmoraldino Góymar, literato inventado por Gilberto Freire, no tempo em que Rodrigo M. F. de Andrade dirigia a "Revista do Brasil". Então quando um de nós quis escrever em estilo moçárabe, usava o pseudônimo. No caso do meu artigo, porém, só Chateaubriand não usava o mesmo nome. Fiquei encalhado desse nome, quando vi assimilado as bárgas do artigo, que em São Paulo foi tomado só pé da letra por Mario e demais amigos meus sem sombra de desconfiança que fosse uma brincadeira.

(Trecho de carta de Mario de Andrade a Manuel Bandeira, com curiosa explicação desse último — "A Manhã", Rio, 22-5-49).

FALAM OS EDITORES

JOSE NO EGITO de Thomas Mann

tismo de "Comédia sertaneja".

Este volume encerra a parte mais propriamente novelística da tetralogia bíblica de Thomas Mann. Completo em si mesmo, forma entretanto um todo orgânico com os dois que o precedem: "José e seus Irmãos" e "O Jovem José", e com o que se seguirá: "João, o Provedor".

JOSE NO EGITO é sobre todo uma história de amor em que se aprofunda o drama pungente da paixão da mulher de Putifar pelo jovem hebreu. Toda a civilização do Egito do tempo dos Faraós serve de fundo a este quadro dramático".

(Trecho da abertura do livro JOSE NO EGITO — Thomas Mann — Editora Globo — Pôrto Alegre, 1949).

ESTÓRIA DE JOÃO D'AREIA, de Julio Rodrigues de Souza

"O escritor Julio Rodrigues de Souza, que lançou com grande éxito "Aventuras de José do Farol", publica um novo livro

"Estória de João D'Areia".

E mais uma contribuição para a sua obra literária, rica de regionalismo e de pitoresco asbor brasileiro que já mereceu o ba-

stante pouco cheia dos nossos definitivos.

Vive à minha mesa de cabeceira, nessas últimas noites, o

"Triângulo de Polícarpo Quaresma", num belo volume encadernado, distribuído pelo "Livro do Mês". Mercídia exumação, senhores literatos da ultíssima formada — Kafka, Proust, joyces sub-tropicais preferidos nos

prelos pela prioridade inesperada dessa alma de outro mundo das nossas noites.

"Echo de crônica de Henrique Pochettino abra do livro

RECORDAÇÕES DO ESCHEVÃO ISAIAS CAMINHA — Lima Barreto — Editora Mérito S. A. — Rio, 1949".

★

RAIO DE SOL

(Continuação da pag. 8)

Onde está a Poesia que Deus soprou em nosso ser no instante da criação? Onde? Onde?

O raio de sol tinha sumido. O cenário era todo sombrio, es-
pasmado sombras amigas que nos re-
pousavam os olhos escondendo as nossas magas.

Em gestos cariáticos ele saúda os compa-
nhoneiros e vai se retirando (To-
dos lhe batem palmas, palmas, elogiam, aplaudem).

Oh! mas quem o viu fora do círculo nos

breves instantes do es-
camarim, percebia que sua vida não pas-
sava de uma sombra a quem ti-
vessem arrebatado o corpo, de

tuma força contra a própria

força que o impulsiona de um

crescente desequilíbrio entre de-
ses e realizações. Não havia

para sua própria alma, em to-
do o milagre da Creação, se-
não a imagem do esquecimento

total de Deus. Que pensaria ele

se o final do dia?

Ele? Oh! sim, também vacilava, e quan-
tas vezes não se sentia tenso e

trêmulo de pavor nessas oca-
sões acontecia olhar para o céu

(digo acontecia porque ga-
ranto que era sem querer) e ver

as estrelas se lembrava da

luz de uns certos olhos, e

toda a Poesia do crepusculo se

concentrava nela, tomando a

forma de seu ser. "Sim" — di-
zia para o interlocutor invisível

— tu verás, seré o marinheiro

curado e não o miserável nau-

fragro, tu verás! E em frê-
mitos ele vibrava como o som puro
e único tal como saiu das mãos

de Deus no instante em que criu a música. E então... silê-
ncio... esperei... estou ouvindo

desta melodia que vem che-
gando! Estas notas que sur-
gem de leste e de sul, que so-
bem que envolvem? E uma sin-
fonia, é?

"Sinfonia das almas dos pas-
sarinhas" dos pobresitos passa-
rinhos cujos ninhos a ventania

desfez, dos implunes e inocentes
bicharacos, agora libertos

do próprio corpo, voando, inde-
pendentes, com outras asas, e

vomit e cantam e são inimigos
e são felizes. E uma sinfonia

que os ouvidos comuns ainda
não sabem nem podem ouvir

é uma misteriosa sinfonia que re-
vive coisas de Espanha como

Albeniz cantou, que nos joga
em jardins de templos chineses

com montanhas nórdicas da
branca Escandinávia, é uma

sinfonia feita do suor do ven-
to nos verdes canaviais de Per-
nambuco, de Pernambuco cou-
rado pelo encantamento dos pau-
darcos floridos.

Ele tem a caheira descoberta
e estende os braços como a que-
rer ampliar os limites de suas
emoções. Se tu o pudesses ver,
perceberias então que há só-
bre a Terra o Amor que não
conhece fronteiras.

Naquele instante
cigarros magrisíssimos
anunciavam com ironia
a persistência

do VERÃO.

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

LITERATURA — LIVROS ESCOLARES, TÉCNICOS E CIENTÍFICOS

Livraria da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DA IMPERATRIZ, 43 — TELEFONE 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

RECIFE

PERNAMBUCO



I

NA BRUMA UM GESTO, FLAUTA, FRIOS INTENSO,
PORTO DA MADRUGADA CLAREANDO.
SOMBRAIS EM BRANCOS MARES SE ALONGANDO,
PARA O SONO. QUE VEM, PERDÃO IMENSO.

DE TURIBULOS RASOS, FINO INCENSO
AO CORPO DA MULHER QUE ESTIVE AMANDO
VERDE LENÇOL, CAI NA NUDEZ, VELANDO
O ÚTIMO AFAGO QUE FICOU SUSPENSO.

A MARSELHESA VOU CANTAR A VIDA
E NA AUSÊNCIA DE DEUS E DO PECADO,
QUERO, NEUTRAL, PARTIR PARA A VENTURA,

MAS, DEANTE DA FACE POSSUIDA,
VONTADE DE CORRER E ESTAR DEITADO,
PLENO DE TÉDIO E CHEIO DE TERNURA.

II

PELO MESMO CAMINHO VOU PASSANDO,
PERDENDO AO LARGO A IMENSIDÃO DO MUNDO.
AI QUEM ME DERA SER UM VAGABUNDO
EM CADA CAIS O CORAÇÃO DEIXANDO.

O ESTRANHO MAR, EM FRAGEIS NAUS SIN-
GRANDO,
ATE QUE UM DIA, QUANDO MORIBUNDO,
JOGADO EM SUAS ÁGUAS, FOSSE AO FUNDO
EM SEU LOUVOR O MEU AMOR CANTANDO.

AI DE MIM, COM UM ÚNICO ROTEIRO.
OUÇO APENAS NO MAR CONSTANTEMENTE
E NÃO POSSO FUGIR DO CATIVEIRO.

OLHANDO O CÉU, NO ALBOR DAS ALVORADAS,
TENTO EM VOO ALCANÇAR A LUZ NASCENTE
E NÃO POSSO VOAR DE ASAS CORTADAS.

V

LÚCIDO ESTOU, AO HOMEM INDORMIDO
SÓ A CANTIGA A FACE NA ALVORADA,
DENSOS PASSOS FICADOS PELA ESTRADA,
NO CAMINHO DO MAR EMPREENDIDO.

AGORA E NUNCA MAIS O ACONTECIDO,
NEM AQUELA MULHER POR MIM AMADO.
SÓ A CANTIGA A FACE NA ALVORADA,
NA MEMÓRIA O QUE FOI ESTA PERDIDO.

LÚCIDO DESCEREI DA QUEDA AO MÉDO,
LÁ NO MASTRO A BANDEIRA ENVELHECIDA,
LEVO NA BOCA A NOITE ANIQUILADA.

OUTROS SE AGITEM, PERMANEÇO QUEDO,
SOB O SIGNO OCULTO DA PARTIDA,
SÓ A CANTIGA A FACE NA ALVORADA.

ESSA TARDE DUROU UMA AÇUCENA,
OS TEUS LÁBIOS PERDERAM-SE ENTREABER-
TOS,
NAS ARESTAS DA PEDRA ENEGRECIDA
ESTENDI MEU DESEJO INCANDESCENTE.

TUAS MÃOS MODULAVAM PASSARINHOS,
OS TUS PEITOS CAMINHOS E GUITARRAS,
MAS A TARDE DUROU UMA AÇUCENA
DEIXANDO TUAS FACES PRESENTIDAS.

EU PERDI, ESSA TARDE, UMA CANTIGA,
TODO O OURO DO MAR FUGIU DA VISTA,
CONTEMPLEI-TE NO TEMPO E NAS ARAGENS.

ENTRE MIM E TEU SEXO, NEVOEIRO,
MUITO LVE TEU CORPO ESMAEIA
NESSA TARDE DE FLOR E O TEU SILENCIO.

VI

EM TEUS OLHOS DE PAUSA, TEMPO E ESPERA
AS IMAGENS E AS SOMBRAIS REFLETIDAS,
DENSO E O CÉU, DENSA A MANHÃ E HÁ FORMAS
SUBMARINAS PELA RUA ANTIGA.

PELO RIO E NAS PONTES SONOLENTAS
VAGO CINZENTO E ENTRE OS MEUS CABELOS,
CANTA LIGEIRO UM VENTO FRIOS E FINO,
QUE VAI PASSAR NAS TORRES DAS IGREJAS.

ROÇAR, DE LEVE, PELOS VELHOS SINOS
E VOLTAR PARA O MAR DE ONDE PROVEIU,
LEVANDO ESTA CANÇÃO CANTADA A ESMO.

NESSA MANHÃ DE TÉDIO E BRUMA, QUERO
QUEDAR-ME AQUI, JUNTO AO TEU CORPO, MUDO
E SER IMAGEM NOS TEUS OLHOS TERNOS.

Sonetos de Carlos Moreira



GASOLINA
LAVAGENS
LUBRIFICAÇÃO
SERVIÇO
VULCANIZAÇÃO
ASSISTÊNCIA

Aberto a qualquer hora do dia ou da noite !

Aqui deixamos a nossa lembrança a todos os automobilistas: já estamos em pleno serviço !
Sim — e bem aparelhados para assegurar-lhes sempre o melhor serviço.

POSTO
STUDEBAKER

Armando de Souza Leão

AV. HERCULANO BANDEIRA, 65 (No local do antigo Leblon)

PINA — RECIFE

No melhor ponto da Praia do Pina para servir toda a cidade do Recife!



← Esta garantia também para você !

Artes Plásticas



Igreja de Santa Cruz (Recife) desenho de CARLOS THIENE

DIARIO DE VIAGEM

EXPOSIÇÕES

SERGIO MILLIET

Desde a exposição "Brazil Built" no Museu de Arte Moderna de Nova York, pode-se afirmar que a arquitetura é o *posto* melhor instrumento de propaganda cultural. Ainda há pouco em Paris a exposição organizada pelo Ministério de Educação alcançou brilhante êxito e uma crítica elogiosa em todos os jornais. As realizações de Oscar Niemeyer, Jorge Machado Moreira, Eduardo Reidy, Carlos Frederico Ferreira e outros entusiasmaram a crítica francesa. Em "Arte", o sr. Gilles Delafont assinala originalidade das nossas concepções e seu justo funcionalismo. E fecha seu comentário com uma referência especial aos jardins de Burle Marx, "espantosos jardins (étonnantes) de um gosto e de uma sobriedade admiráveis nos seus contornos 'très étudiés'".

Nossa pintura é menos bem compreendida. Portinari foi julgado com uma severidade excessiva e alguma injustiça. Apareceram os críticos de Paris às semelhanças de estilo (Picasso principalmente) e esqueceram a contribuição brasileira, o enriquecimento humano trazido ao formalismo moderno. Fala-se ainda de Di Cavalcanti, ausente há tanto tempo, e de Tarsila que deixou boa recordação. Mas Cícero Dias tem seus fãs e como trabalha com vontade, e não se mostra enavidado com seu êxito, irá longe sem dúvida. Veremos o que fará Segall em janeiro próximo, já reservado para a sua exposição no Museu da serra Presidente Wilson.

O grande sucesso artístico da temporada é a exposição que, sob o título de "Peintres maîtres de la peinture abstraite", apresenta a Galeria Maeght na rua de Messine e que abrange a produção de alguns pintores modernos de 1910 a 1940. Divide-se em duas partes a serem apresentadas uma depois da outra, a pri-

meira (ora em exposição) englobando as "pesquisas preliminares" e a segunda as telas declaradamente abstracionistas.

Como se sabe, é das pesquisas do subismo, do orfismo, do simultaneismo e até das glucubrações dadaistas que nasceu a concepção abstrata das artes plásticas. A pintura pela pintura é como pintura foi somente que vingou a terra fértil dos primeiros trabalhos de Braque, Picasso, Delaunay, Léger, Picabia. Só trinta anos depois entretanto se começa a perceber com clareza a ligação entre as mencionadas escolas e as soluções ortodoxas atuais. E as exposições dadaistas, tanto de telas como de ideias, agora é que se iniciam em larga escala, oficialmente por assim dizer. O público não teve até hoje uma noção precisa da evolução da pintura moderna, muito embora o esforço, nesse sentido, do Museu de Arte Moderna de Nova York mereça ser realçado. Ora, esse esclarecimento do público talvez constitua o fim principal da presente exposição, patrocinada pelo Museu de Grenoble, o Museu de Louvre, o Ministério da Educação Nacional e Belas Artes, etc., e organizada com a colaboração de inúmeros colecionadores franceses e estrangeiros.

Para o amador de pintura moderna e para o crítico, vale o conjunto sobretudo pela oportunidade que lhes dá de verem obras há muito fora do mercado, telas de Picasso ou Braque da fase cinzenta, tão raramente visíveis e das quais não existem reproduções coloridas. Além esta primeira exposição é dominada pelas qualidades plásticas do velho Braque e pela elegância irrequieta de Picasso. Os dois maiores pintores do século XX (ao



Boccia o "jovem" Giacchini (50 a.) reúne um conjunto por demais decorativo de suas últimas telas. Giacchini evolui no momento para um neo-abstracionismo, discreto no desenho, e ousado no colorido, mas muito perto ainda aos motivos e à linguagem de Picasso. Nem sempre a composição é inteiramente feliz; salva o entretanto um gosto seguro no jogo dos vermelhos, pretos e amarelos, tons predominantes em suas telas.

X X X

Na "Orangerie" exposição de pastéis franceses em especial do século XVIII, com bellissimos retratos de La Tour e Perronneau, ambos de primeira grandeza e disputando numa rivalidade positiva o título de primeiro pastelista da Europa. A técnica do pastel transforma-se por completo no século XIX e pode-se então admirar o movimento nervoso de Degas ou a harmonia de valores de Manet. Quanto aos contemporâneos, não há como negar a decadência. A não ser a sensibilidade mística de Chagall e uma

ou outra solução feliz de Matisse, nada de grande.

No "Petit Parais" duas exposições notáveis. A gravura contemporânea de um lado, e de outro as obras primas dos mestres franceses (com a colaboração do Louvre). Como muito bem diz Vallery-Radot no prefácio do catálogo da mostra internacional de gravuras, ela resulta "de uma imensa necessidade" de retomada de contactos. Treze países participam da exposição. Como de costume o Brasil brilha pela ausência. De um modo geral a qualidade é boa sem ser transcendente, mas há exceções, entre as quais Adja Yunkers, norteamericana, que expõe uma xilogravura em cores, de grande sensibilidade. Georges Braque com duas litografias coloridas (8 e 7 cores) no seu estilo habitual, sensuais e sólidas, e Carlos Gonzales, expressionista uruguai que sacrifica um pouco a técnica ao assunto mas interessa pela sua força e sua decisão. E não se esqueça Morandi, o mestre italiano, que consegue manter na

água forte o mesmo espírito de seus óleos.

Quanto à exposição de obras primas dos mestres franceses, não podia ser mais completa com um número relativamente reduzido de telas. Mas os trabalhos foram muito bem relacionados e o conjunto abrange desde os primitivos até os post-impressionistas. Apesar dos ótimos Cézanne e de um maravilhoso Pissarro, é ainda entre os primitivos e no século desolto que encontramos as mais belas obras. Fouquet, Clouet, Watteau, Perronneau é sobretudo Chardin (uma natureza morta que Morandi viu por certo dominava a exposição. Mas a deliciosa paisagem de David (que esteve em São Paulo com "Cem anos de pintura francesa") salva do esquecimento o período 1780-1830. Delacroix menos "pintado" do que se imagina comumente. Ve Géricault com uma força e uma consciência pictórica que só em Corot e Courbet desabrocham novamente.

"O Estado de São Paulo" — 8-6-49.



Cais — Xilogravura de LADJANE

lado de Rouault e possivelmente Morandi) redescobriram a pintura, tirando o máximo partido das lições de Cézanne, e de tal modo a entenderem em sua essência que pouco diferem um do outro nesse período heróico, sendo difícilmente identificá-lhes os quadros sem atentar para as assinaturas. Só mediante uma lenta e cuidadosa análise pode-se distinguir, pela matéria talvez a pelas graduações dos cinzas, a sensibilidade equilibrada de Braque da agressividade brilhante de Picasso.

Ao lado dos dois grandes há que mencionar Delaunay (Robert e Sônia), cujas pesquisas são sem dúvida o que então (1911-1914) se fazia de mais depurado e o ponto de partida de mais de um abstracionista conhecido. Entre outras obras desse pintor figura a ilustração "Prose dans le Transsibérien" de Blaise Cendrars (Sônia Delaunay), que se encontra também entre as raridades da Biblioteca Municipal, e alguns estudos para a famosa "Torre Eiffel" (Robert Delaunay), cujo exemplar mais conhecido pertence à pintora brasileira Tarsila do Amaral. Mencionam-se igualmente os primeiros Kandinsky, muito românticos mas já sugerindo o caminho seguido mais tarde, os primeiros Mondrian, suaves e em nada precursores de sua "geometria" posterior, as realizações ainda um pouco elementares de Magritte, os tormentos de Picabia.

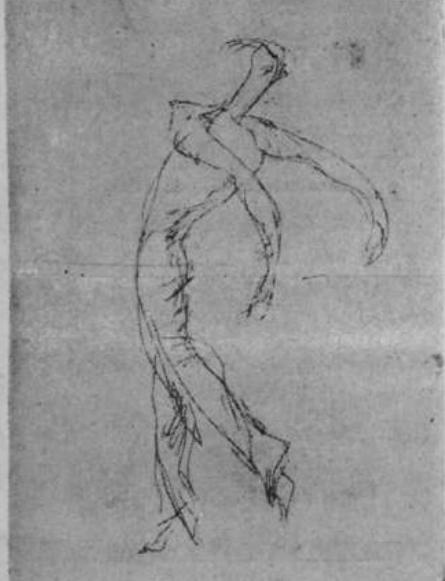
Algumas dízimas pintores, como Braque e Picasso não se fixaram no abstracionismo, antes evoluíram para um figurativismo fantástico; outros não foram além do cubismo. Quanto aos escultores, à exceção de Brancusi e Laurens, não há o que aportar à admiração do público. Veremos na segunda exposição se alguma coisa de valioso se apresenta. E louve-se o catálogo excelente, e verdadeiramente "Mise au point" do abstracionismo, apesar de excessivamente literário.

X X X

Em outra galeria (Rua de la



Rainha de Maracatu — Aquarela de ELEZIER XAVIER que vai expor no Rio de Janeiro, no mês de julho corrente



Desenho de EROS GONCALVES

Usina Santa Terezinha S. A.

Diretor-presidente: José Pessoa de Queiroz — Vice-presidente: Fernando Pessoa de Queiroz

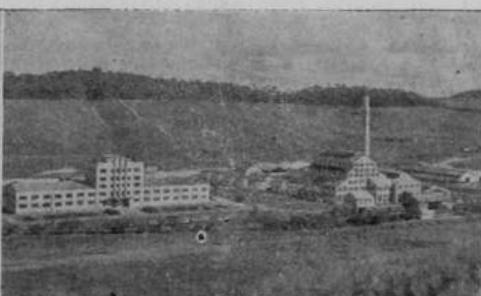
Diretor-técnico: dr. José Adolfo Pessoa de Queiroz e diretor-secretário: dr. Edgar Pessoa de Queiroz

A Usina Santa Terezinha S. A., está localizada no município de Água Preta, Estado de Pernambuco, estendendo as suas propriedades agrícolas pelo Estado de Alagoas, margeando o fertilíssimo vale do rio Jaquié.

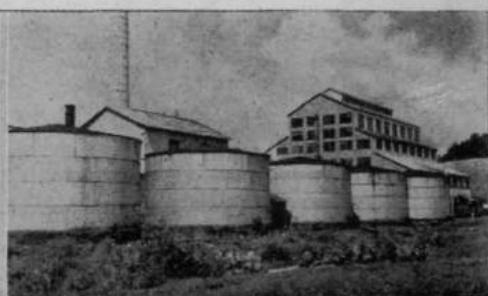
É, sem favor, uma das mais modernas usinas de açúcar do Brasil e, embora, uma das mais jovens, apresenta uma sadias orientação no que se relaciona com a assistência ao trabalhador rural. Mais eloquente do que as palavras são as fotografias que colhemos por ocasião de nossa visita a esse moderno parque agro-industrial que o dinamismo construtor de José Pessoa de Queiroz criou na zona da mata pernambucana e que estampamos nesta página.



Casas de operários.



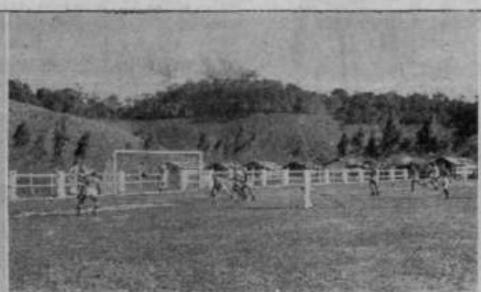
Conjunto da usina e destilaria, vendendo-se ao fundo plantações nos morros.



Depósito de álcool.



Alunos do Grupo escolar da usina.



Campo de esporte do operariado



Dancing para o operariado



Grupo escolar e residências de funcionários.



Construção de um posto médico, em um conjunto de 12 iguais em diversos engenhos.



Matadouro modelo da usina.



Ponte construída sobre o rio Una, na estrada de ferro da usina.



Tunel próprio da estrada de ferro da usina.



Campo de aviação.

Teatro



Máscara trágica — EROS GONÇALVES

Hermilo Borba Filho

spectador, mas integrante do espetáculo, uma das partes da religião cênica, tornando efetivas aquelas palavras de Pierre-Alim Touchard: "l'apelle tension diomysianque cet état où le spectateur se sent lié au destin des personnages si intimement qu'il perd conscience que ce destin n'est pas le sien".

2 — Na verdade a alegria plena na apreciação de uma arte não se deve apenas a um estudo de graça, porém requer um longo colívo de conhecimentos a respeito dessa arte. E aqui chegamos ao ponto de estarmos qual seja a verdadeira tarefa de um crítico. Clayton Hamilton, em seu livro "The theory of the theatre", diz: "When a bad play is produced, it would be better to review it in some such terms as these: — 'Last evening a play called Crime, by John Smith, was produced at Brown's Theatre, with Mary Jones in the leading role. The audience seemed to like her (or seemed not to). There is nothing in it that requires critical consideration'. Assim vemos por um caminho errado, porque antes de tudo o crítico deve estar em paz consigo mesmo e agindo da maneira indicada pelo teórico americano ele citaria fugindo à sua função.

Alan Reynolds Thompson soluciona o problema da crítica dramática pondo-nos diante de três perguntas que agem como testes sobre a capacidade do profissional ou do intelectual que deseja cooperar com a arte teatral, estas perguntas não sendo mais do que aquelas que, em outro sentido, já teria feito Goethe. Elas: "Que pretendem os autores fazer? Foi ele bem sucedido fazendo isto? A primeira dessas perguntas exige do crítico uma identidade absoluta com a obra e o pensamento do autor, tarefa das mais difíceis quando nos lembramos que, às vezes, os intérpretes descobrem intenções que nunca passaram pela mente dos autores, mesmo porque estes últimos são muito reservados no que diz respeito ao significado das suas "obras", a não ser o caso de um Bernard Shaw, por exemplo, cujos prefácios longos superam as próprias peças pela qualidade e pela quantidade de páginas. A própria peça ainda é a melhor fonte para descobrirmos as intenções do autor.

A segunda e terceira perguntas envolvem uma questão que escapa ao domínio do próprio autor e que se projeta sobre a relação do público e círculos, então, no domínio do individual, pois não podemos garantir que o nosso ponto de vista é o da maioria e nos tempos que correm o que verificamos é que o maior número de pessoas é quem decide o êxito comercial de uma peça, sem levar em conta os seus méritos intrínsecos.

3 — A opinião alheia não é o único obstáculo que o crítico deve afastar para julgar uma peça, mas também a "mise-en-scène" que não é o trabalho de um dramaturgo, apesar de ser muito importante. No entanto estamos falando do drama em si e os elementos a ele estranhos não devem entrar em linha de conta. Por isso torna-se tão difícil julgar uma peça que não conhecemos de leitura, pois que ela "vestida" no palco com o cenário, as roupas, as luzes, o movimento toma um aspecto que, por vezes, torna-se diferente da intenção do autor, principalmente com o presumido direito do regisseur ou diretor do espetáculo de interpretar a seu modo o drama que lhe confiam. Mas isto já é outra história.

4 — A mais importante qualidade moral que se exige de um crítico é a facultade do desinteresse. Ele deve sempre contar a verdade tal qual a vê, pela simples razão de que é assim que ele vê a verdade e não se deixar influenciar por opiniões posteriores. Mas é muito difícil ser desinteressado. Certos críticos, por exemplo, têm hábito de julgar certas peças de



Cena da peça "Edipo-Rei", de Sofocles representada pelo Teatro do Estudante de Pernambuco

Sejas tu bendito e por tanta dedicação o céu seja para contigo mais benigno do que foi para mim. Onde estais, filhos, minhas filhas? Vinde a estas minhas irmãs da vossa a quem deveis, ó filhas, a cegueira do vosso pai, que, sem nada ver nem saber gerou os filhos no mesmo ventre de onde nasceu. Choro, minhas filhas, que que não me é dado olhar vossa rota, no conto de triste vida que os homens têm de preparar-vos. A que reuniões poderíeis comparecer, a que festas poderíeis assisti-los, sem voltar chorando para casa?"

E quando estiverdes na idade do casamento, qual será o homem filhas minhas, que se aventure a chamar sobre si mesmo as culpas e censuras com que todos deshonrarão vosso nome e o nome dos vossos pais? Não estão aqui juntas todos os males que serão lançados ao vosso rosto? E quem oussará a vossa miséria? Ninguém, minhas filhas, ninguém. Irremediavelmente órfas e abandonadas, tereis de arrastar uma vida sem esperança. Mas é filho de Meleagro. Creon, ouve-me! Já sei o seu único pain, perdendo estando os verdadeiros, não permitas que vivam em pobreza, ilhas que são tuas sobrinhas e não consintas que andem mendigas e solitárias pelo mundo. Tem piedade, vendo-as tão jovens ainda e sem outro apôsento a teu. Dá-me tua mão e promete isto, homem generoso. E a vós, minhas filhas, muita

coisa teria a dizer, se já tivesseis a compreensão dos homens. Porém sejam estas vossas preces, ó minhas filhas: que o céu vos conceda viver na moderação e gozar de sorte mais feliz do que a do pai que vos deu o céu.

A fotografia acima ilustra o texto da lamentação de Edipo, na tragédia de Sofocles, "Edipo-Rei", escrita 4340 anos antes de Cristo, que se encena largamente pela primeira vez no Brasil pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, com um sucesso artístico dos mais significativos que o Recife já viu. A tradução é de Hermilo Borba Filho e Eros Gonçalves, sendo os versos do Coro adaptados pelo poeta José Laurindo de Melo.

"Edipo-Rei" marcou o inicio da nova fase do Teatro do Estudante de Pernambuco no se propor representar no Santa Isabel e com entradas pagas, sentindo-se desbordado da luta que manteve durante três anos, desamparado e levando o teatro ao povo com um repertório onde figuram os nomes de Sennacherib, Tchekov, Garcia Lorca, Ibsen e o pernambucano Ariano Suassuna.

A tragédia grega foi louvada por toda a imprensa do Recife, que exergou na encenação um largo passo dado em favor da cultura dramática de uma cidade que se coloca ao lado das mais importantes do Brasil pelo movimento renovador teatral. Dirigida por Hermilo Borba Filho, contou com a colaboração do pintor e cenógrafo Eros Gonçalves, que se encarregou do cenário, trajes e máscaras do Coro, no passo que Silviano Gomes Lins trouxe a dos efeitos de luz.

"Edipo-Rei" foi apresentada ao público sob os auspícios da Diretoria de Documentação e Cultura e da Fábrica Fratelli Vita, com a seguinte distribuição: EDIPO — GENIVALDO WANDERLEY; SACERDOTE — LUIS ESPINDOLA; SUPLICANTES — MARIA TEREZA LEAL, DULCE DE HOLANDA CAVALCANTI, FRANCISCO SEPULVEDA, LUIS ALBERTO GONCALVES PEREIRA, MOACIR L'AMOUR, ERNANI CERDEIRA; CREON — MARCO AURELIO BORBA; CORIFEA — CLAUDIO WANDERLEY; CORO — WALMYR MARINHO, RUBEM GUIMARAES, MICHAEL SAVA, NIKOLOFF, ALBERTO FALCÃO, JOSE AJURICABA, MAIRI, MARIA, ABRAHAO GELFOND, LUPERICO GOMES, FERREIRAS — GASTÃO DE HOLANDA; O MENINO — GILBERTO BORBA; JOCASTA — ANA CANEN; PRIMEIRO MENSAGEIRO — MILTON PERSIVO; PASTOR — EPIFACIO GADELHA; SEGUNDO MENSAGEIRO — JOSE GUIMARAES SOBRINHO; ANTIGONA — DANIIRA SEPULVEDA; ISMÉNIA — DULCE SEPULVEDA; SERVAS — ALAIDE PORTUGAL; MARIA TEREZA LEAL.

GALERIA

DUSE

Só a encontrei em só a última das suas peças. Mas já a havia visto representar Ibsen e d'Annunzio, "Casa de bonecas" e a "Gioconda" e a "Filha de Jairo, no teatro de l'Œuvre, de Lugné-Poe. Uma dona estatua que durante muito tempo não passava de uma estatua, quando esta-

(Continua na pag. 16)



Esta é uma das cenas da peça de Thornton Wilder, "Nossa cidade" ("Our town"), que marcou o início das atividades do Teatro de Amadores de Pernambuco durante o corrente ano, desta vez dirigido pelo ensaísta polonês Ziembinski. Não resta dúvida que a peça americana provocou um dos maiores debates teatrais de que já se tem notícia no Recife, pelo revolucionarismo de sua técnica, toda ela baseada no jogo de luz e sombras, isto no que diz respeito à carpintaria propriamente dita, porque quanto ao texto, o drama de Wilder é de uma simplicidade de tom e de atmosfera capazes de provocar um estado poético raras vezes conseguido no palco. O elenco dos "Amadores" portou-se da maneira a mais inspecável, dirigido por esse grande homem de teatro que é Ziembinski, responsável, sem nenhum dúvida, por alguns dos maiores êxitos que já vistos no Brasil. Dono de uma sólida cultura dramática, conhecedor profundo de todos os segredos da arte dramática, Ziembinski confirmou, como ator e diretor, da peça, o renome de que goza.

Como principais figuras de "Nossa cidade", apareceram: Dina Rosa Borges de Oliveira, Adelmar de Oliveira, Valdemar de Oliveira, Alfredo de Oliveira, Reinaldo de Oliveira, Alderico Costa, Vicentina Freitas do Amaral, Oscar Cunha Barreto, Norma Correia Lima, Sebastião Conceição, Mário Barros, Antônio Brito Miguel, além de outros em pequenos papéis ou co-
-o comparsas.

cordo com aquilo que eles chamam "os nossos valores", em lugar de julgarem, apenas, as suas qualidades como obra de arte. O destino crítico se contrapõe à influência dos responsáveis pelas peças representadas ou editadas, cujo tema é: "O que o público deseja". Se o público sempre deseja o melhor não haveria trabalho para os críticos. Mas infelizmente assim não sucede.

5 — O crítico necessita de uma coisa das mais importantes: o conhecimento do mundo. Ele precisa estar em contacto com o verdadeiro mundo e não buscar o seu aprendizado apenas nos livros ou no silêncio do seu quarto de estudo, pois a vida pode fazer-lhe compreender os motivos pelos quais deve simpaticar com a luta dos personagens de uma peça. Deve aplicar o seu contacto de vida à arte, tendo sempre em vista que "toda a arte é uma deformação". Deve fugir do exame superficial e dirigir-se ao coração da obra, medindo-lhe a pulsação, trazendo-a viva nas mãos e tratá-la com uma forte dose de compreensão, e mais absoluta possivel, na certeza de que examina um organismo e uma coisa digna do maior respeito. Pode ser que o autor possua um estilo dramático seguro, mas que os seus caracteres sejam banalizados; que a fatura da peça conteinha hesitações, mas que o conteúdo tenha atingido, por vezes, alturas significativas. O trabalho do crítico é muito complexo e difícil. Não basta, apenas, o conhecimento técnico, o teatro, a intimidade com as obras e a vida dos autores. É preciso, antes de mais nada, que ele também possua pelo menos o instinto poético para julgar semelhantes e que seja isento de mal da inveja, podendo colocar a obra dramática no seu justo lugar, sem desejar impor modificações. A obra deve ser julgada como é. O crítico deve ser o defensor e promotor da cultura, satisfeita com a tarefa que é a de levar ao conhecimento público as qualidades artísticas daquilo que estuda. E surgem as três dificuldades fundamentais para os estudiosos do drama: o ponto de vista dos estetas de que a peça seria um trabalho de "arte pura"; o ponto de vista do homem de negócios de que a peça seria uma simples distração capaz de produzir dinheiro e o ponto de vista do moralista de que a peça deve trazer em si uma lição capaz de interessá-lo.

6 — Pidamos nuncular poucas épocas do

(Continua na pag. 16)



ELEONORA DUSE

Vida teatral na Grã-Bretanha

J. C. Trewin

(Especial para "Nordeste")

Uma nova peça de J. B. Priestley é sempre interessante. Nenhum dos teatrólogos britânicos atuais é mais versátil ou diz mais coisas que valem ser ouvidas no teatro. Sua última peça, "The Linden Tree", foi considerada por muitos críticos como sua melhor produção, e, desde então, novas representações de "Eden End" aumentaram-lhe o prestígio. No dia da estréia de "Home Is Tomorrow", o público estava preso de grande expectativa. Ficou, porém, desmortecido, concordando que, como outras vezes, Priestley tinha muitas ideias sobre o tema, mas lamentando que desta vez o autor perdesse seu domínio do gênero.

Priestley apresenta na peça, um organismo que denomina "Unuto", abreviatura de "United Nations Undeveloped Territories Organization". A finalidade da UNUTO é desenvolver regiões atrasadas como a Ilha de Corabana, no sul das Antilhas, onde se passa a ação. Corabana tem sido apenas um ponto no mapa, mas a Unuto espera levar ali a educação mais conveniente para adultos. O administrador britânico, Sir Edward Fortrose — desempenhado magistralmente por Leslie Banks — é um liberal convencido. Mas tem de resolver muitos problemas, o mais grave dos quais é o líder revolucionário local, homem extremamente violento chamado Vezabar, que acaba de regressar a Corabana, no início da peça. A ação não progrediu muito, que já Sir Edward percebe que os grandes interesses internacionais têm os olhos fitos em determinadas jazidas minerais em Corabana, e que o trabalho da Unuto possivelmente será obstado. Aliás, Sir Edward tem preocupações domésticas, além das políticas. Sua esposa, que odeia Corabana



Cena de "A conversação do capitão Brassbound", de Shaw

em nada se interessa pelos ideais da Unuto, tenciona abandonar o marido em troca de um moço deprimível da Califórnia.

Priestley desenvolve na peça uma questão geral — é a Unuto útil ou não para Corabana? — e uma outra, relativamente secundária, a vida privada do administrador. E entram as duas com grande habilidade. A peça atinge o auge dramático quando Vezabar, o revolucionário, mata Sir Edward e acredita ter dessa maneira destruído a Unuto em Corabana. No entanto, outro administrador chega de Washington: um funcionário finlandês disposto a tudo enfrentar a obra tem de ir adiante.

A peça, com seu enredo promissor e o diálogo prenhe de ideias, parece apresentar o Priestley dos melhores dias. No entanto, não é. Em primeiro lugar, o teatrólogo que criou tantos personagens com calor e

humanidade, fracassou na tarefa de dar vida a alguns déstes. Falam, mas não passam de fantoches. Não acreditamos que continuem a viver quando saem do palco. Referimo-nos especialmente a um médico tcheco, um erudito chinês e um francês erante. Todos têm muito que dizer, mas algumas das cenas não passam de verborragia barulhenta. Boa parte do diálogo, coisa também estranha em Priestley, parece destinada mais a ser lida do que ouvida. Ainda a peça carece do senso do humor próprio do autor. Pode é, sem dúvida, avivar qualquer discussão, mas esta peça é decididamente monótona. "Home Is Tomorrow" parece ter matéria para um bom romance e seria interessante vê-la nessa forma. No palco certamente provocará discussões, se bem que haja desapontado a muitos o pouco tempo que ficou no cartaz.

As outras grandes representações deste período consistiram em peças de Congreve, Ibsen, Bridie e Bernard Shaw. O elenco do Old Vic escolheu "The Way of the World" de Congreve, comédia da última fase do período da Restauração — foi escrita em 1700 — e cujo éxito depende do brilho e do espírito dos diálogos. Apesar da compilação do enredo, a comédia vive pela vitalidade do diálogo. No New Theatre, Dame Edith Evans representa admiravelmente o espírito da Restauração, especialmente no papel da decadente, mas ainda vigorosa Lady Wishfort. Dame Edith tem ligações especiais com "The Way of the World". Há 24 anos, na mais famosa representação moderna da peça, apareceu no papel do volátil Millamant, que tem algumas das qualidades mais finas das personagens de Congreve. Aquela atuação, repetida em representações posteriores, transformou-se em padrão. Era um tanto estranho vermos há pouco Dame Edith Evans no papel de Lady Wishfort e uma atriz mais jovem e



Cena de "The Way of the World", de William Congreve

não à altura do papel — encarando Millamant.

A representação do teatro de Shaw coube à peça "Captain Brassbound's Conversion", uma das comédias menos conhecidas, mas que alguns críticos muito desejavam ver. O descalço com que foi tratada é inexplicável. A ação é muito mais rápida do que na maioria das peças "shawianas" do gênero. Tem enredo não muito convincente, mas de complexidade estranha em Shaw, e, ainda Lady Cicely Waynflete, uma das personagens mais representáveis do dramaturgo. Lady Cicely é o tipo de mulher encantadora, sempre popular no palco. Mas poucos autores encontraram coisas tão interessantes para ela dizer, como é o caso de Shaw nesta engracadíssima comédia. A ação passa-se em Marrocos. Lady Cicely é apriçada por um alegre e inoperante bando de saltadeiros. Os espectadores desfeitam-se com o trabalho de Flora Robson. Antigamente, a presença desta exímia atriz caracterizava drama qualquer peça. Mais agora, na peças de Lady Cicely, desempenhada com a máxima habilidade um papel principal de uma comédia típica. Foi esta uma surpresa para muitos, mas não para os que lhe recordam a atuação na peça de O. Wilde "The Importance of Being Earnest" há um ano, no Old Vic.



Cena de "Home is Tomorrow", de J. B. Priestley.

Notas Sobre a Crítica Dramática

(Continuação da pag. 15)

drama onde o ideal de arte pura era a primicia maior e para recuarmos até o início do teatro devemos assinalar a era dos gregos. Passando para Roma, o teatro sob esse ponto de vista perdeu as suas características, para voltar a um estado semelhante na Idade-Média quando o ponto se desviou para os ideias religiosas, porém. De lá para cá os fins pouco contaram na concepção do drama, até que surgiu a noção moderna do espetáculo, já no séc. XIX, quando o teatro se desviou para os ideias dezenove e com ela vieram os interesses comerciais, trazendo uma série de fatores que desviaram o drama de suas finalidades essenciais, com a exploração do "soh", entradas pagas, atores remunerados, uma maior necessidade de apresentar encenações que se valorizassem para que continuasse imutável a lei da oferta e da procura. Claro que os de primeiros linhas se conservaram fiéis aos ideias mais altas do teatro. No entanto, o próprio mecanismo das associações que se propõem a representar os dramas desses idealistas têm de lançar mão de recursos a que chamamos propriamente de comerciais, aliados ao bom teatro. O que dizer, então, desses mesmos interesses comerciais aliados ao mau teatro? Procurar-se vestir o espetáculo de um dourado que não afugenta o público, antes o chame, como necessidade financeira para a sobrevivência da arte. Caimos, dessa forma, na compreensão exata do sentido utilitário da arte, encarado o ponto de vista do ganha-pão. Impossível iluminar-se o artista dramático a uma essência pura da arte dramática, mesmo quando pensa estar agindo honestamente. Lope de Vega foi o mais prodigioso produtor de peças. Calculasse que escreveu entre 1.800 a 2.400 e ele mesmo declarava que escrevia de acordo com os desejos da multidão que lhe satisfazia financeiramente a tarefa. Molière agiu da mesma maneira e assim agiu Shakespeare que pouco valor dava às suas peças como arte. A profissão de dramaturgo é uma profissão tão honesta quanto qualquer outra, mas isso implica numa transformação da arte em dinheiro necessário para primeira no homem.

7 — "Other arts may succeed though the admiration of scattered individuals. A play must win a crowd all at once. If it goes over their heads it will fail financially. If it lowers itself to their bad tastes it will fail artistically. Hence to be both successful and artistic it must win audiences without yielding to their bad tastes. This is a hard thing to do, and only a dramatist who his business is likely to succeed in doing it." (Thompson) — "The anatomy of drama".

8 — No mesmo mal do "dinheiro para viver" cai o crítico profissional. A luta pela sobrevivência é cada vez maior e na pressa da coluna diária no barulho da redação, nas mil interferências, o homem que se volta para a arte dramática e procura examiná-la, parece, às vezes, desorientado. E está mesmo. Vários interesses entram em choque e a tendência humana para não desagrada, a "necessidade de guardar as conveniências,

GALERIA

(Continuação da pag. 15)

va no palco. Um resto pálido, quase quadrado, sob os cabelos negros, rasgado por dois olhos maiores ainda. Uma voz áspera.

E de repente, no momento patético, a estatua palpita e viva. Os olhos se abrem, ontemavam. A voz adquiriu tonalidade diversa, ontemadava, o espírito e os corações. E então a emoção se tornava indescrevível.

Como se a Venus de Milo se animasse de repente.

Foi em casa do pianista Giorgio Levi, em Veneza, onde se abriu a oportunidade de ouvir tocar Scarlatti, que se encantou.

O músico me havia dito: "Ela tem momentos de avaliação. Sofre constantemente da mesma dor, a recordação de coisas para quem encorajaram um traço especial, com criados de luvas brancas, quando ele velo romper... Será que essa recordação ainda a perseguem?"

Vi entrar no estúdio uma mulher muito simples, com um vestido de seda preta cujas calças estavam só nos pés, gordos e pequenos. Os cabelos negros tinham, sobre a testa, uma faixa quase prateada.

Percebeu que eu observava essa mecha de cabelos:

— Flama já congelada de um coração preso a extinguir-se, disse ela, flama que se parece com a que costumava pintar sobre as uras.

— A fim de fazê-la sorrir, Giorgio contou a história de uma pequena atriz que pretendia ser a sua segunda Duse, mas que as companhias haviam acusado de "a Treze"...

Nenhuma resposta.

— Querida filha, se dezois dominar assim,

pediu Levi. Você acaba ficando feia.

— Feia?... Sou feia quando é preciso...

A Duse endireitou-se, com um gesto brusco dos dois dedos, libertou os cabelos a fronte luminosa; os olhos se tornaram maiores;

NOTÍCIAS RÁPIDAS

1 — Em conti-

nuação à sua tem-

presa de 1949,

sob a direção de

Ziembiński, o Te-

atro de Amadores

de Pernambuco es-

tava montando a

comédia de Ber-

nard Shaw, "País

e filhos", numa

tradução de Gui-

lherme Figueiredo.

7 — O ator Bar-

reto Júnior inaugu-

rará, dentro de um

mês, o seu Teatro de Emer-

gência Almare,

construída pelo sr.

Ademar Costa Car-

valho, com um re-

pertório de peças

ligeiras.

R. M. Júnior

10 — Retomou as

atividades o

Teatro Operário,

iniciativa do Ser-

"Mas o teatro não é em si nem um bem nem um mal. Ele é o reflexo, o espelho, a expressão sensível de um fato psicológico pouco discutível, tão irrefutavelmente hostil a qualquer sinal de moralidade quanto o sono é instinto da conservação ou as leis da associação das ideias".

"E é este sentimento da embriaguez, visto pela própria pessoa — e não de fora — que deve recriar o teatro, sentimento psicológicamente idêntico ao da exaltação religiosa ou passional que tem sua origem na consciência de um ato ou deputado".

"O que faz a atmosfera trágica não é a peça, é o espectador; o que conta não são os personagens em si, os seus atos, mas as suas relações com o espectador".

"No dia onde fôr comumente admitido que certa pobreza e certa obscuridade asseguram uma liberdade real, independência, mais forte do que pode dar o dinheiro ou a posição social, a condição ideal do personagem trágico tornará-se a pobreza — não por traição ou cobiça, que em si é atraiu mais a catástrofe do que a riqueza. Elpidio Câmara, que respondeu a um ator que havendo sido encantado a identificar-se com a comédia, respondeu: 'A gota d'água'".

"A ação é o movimento orgânico pela qual uma situação — na tragédia — ou um caráter — na comédia — nasce, se desenvolve e chega ao fim. A intriga é a introdução dos acontecimentos no meio dos quais esta ação se desenvolve".

"Porque o teatro tem verosimilhança".

(PIERRE-AIME TOU-

CHARD — "DIONYSOS".

2 — Consta que o Teatro Universitário, também dirigido pelo polonês Ziembiński, cogita de lançar, em primeira vez no Brasil, a peça de Jean-Paul Sartre, o criador do existencialismo, "Les mains sales".

Ariano

3 — O Teatro do Estudante de

Pernambuco já bo-

tou em ensaios o

misterioso de Ari-

ano Suassuna, "O

homem de barro", cujo tema de uma grande beleza poé-

tica é baseado na

história de Caim e

Abel.

Barréto

4 — O Teatro

dos Bancários, sob

a orientação de

Aldérico Costa, en-

saiu, no momento,

uma peça brasileira

da autoria do sr.

Raimundo de

Magalhães Júnior

5 — Fala-se na

vinda de várias

companhias profis-

sionais de teatro

para ocuparem o

Santa Isabel, entre

as quais a de Ira-

cema de Alencar e repre-

sentada pela Policia.

— E bela quando quero!... disse ela, ne-

sa ela, nessa atitude.

Por um instante, pareceu iluminar todo o

atelier.

Em seguida, recuou em sua melancolia.

Depois do concerto, levou-a até seu palácio,

esse Palazzo Doria, onde mais tarde morou Ré-

sia e que d'Annunzio descreveu: "curvado co-

mo uma cortina descrepita, sobre o peso de suas

jóias, tão inclinado era sobre as águas e so-

brearregado de espigas, carmínas, armas de

toda espécie.

Na gôndola, conduzida por dois remadores

negros, a Duse não pronunciou uma palavra, a

não ser para me agradecer.

E como se lhe dissesse: "Até à vista!"

— Oh adeus, murmurou ela.

(Michel Georges-Michel — GENS

THEATRE).

Eros

Eros

Música

Gastão de Holanda

O Bom Gôsto Musical

Uma coisa é saber o que significa uma escala por tons inteiros, uma escala atonal, uma escala frequente e outra coisa é sentir a beleza dessa ou daquela escala dentro de um trecho musical. Entre essas duas situações — a de conhecer teoricamente uma partitura e a de gostar de uma partitura porque ela agrada aos ouvidos — vai um mundo de considerações. Em geral, o professor de piano, aquele sujeito acostumado a repetir diante do seu instrumento por milhares de vezes as mesmas lições, calcado em corpo e espírito pelos do-re-mi, jamais aceitaria que um leigo descurra mediocridade na obra de um Liszt. Na sua opinião, todo aquele que ignora tempos e compassos não está apto para julgar uma sonata do abbe François Litz.

E a educação musical quasi que não passa, para professora de conservatório, da repetição sistemática de trechos musicais, impressos em pausas.

Não há dúvida que é preciso ensinar-se a teoria. Transmitir-se a outros o seu grito da técnica, o capricho da invenção. Essa parte técnica é mais do que certa: é necessária. Mas se torna incompleta se vem só, se aparece num diante dos nossos olhos, como um problema algébrico. Ela é cultivada por uma minoria que se especiaiza no profundo de transmitir a outros uma mensagem, formada por um esqueleto fundido em convenções, regras, normas e artesanato, do qual surge uma obra de arte que chegará ao alcance de todos, impregnada por alguma coisa de eterno e de agradável. Esse aglomerado de notas, deve ser executado e interpretado. Executado enquanto transmite com fidelidade o texto musical. E interpretado quando, quem o executa, procura fazê-

lo com personalidade, sem deitar a natureza da mensagem. Porque, como disse Mário de Andrade, "o que se atua no Intérprete é o lado Virtuoso, o lado malabarístico, que desvaloriza a obra de arte, faz caçar o gênio criador e deseduca o público." E acrescenta: "O mal inútil não seria enorme se o Intérprete fosse apenas o intérprete, isto é, se limitasse a um papel subalterno e virtuosíssimo de revelador, de explicador da obra de arte".

Essa revelação da obra de arte exige dignidade, ou melhor, honestidade. Não se admite que o intermediário entre o autor e o público se perca em falsas conjecturas. Como não é de bom augúrio que o profissional — no importante capítulo da educação do povo — exerça sobre este mal influência por causa do mau influenciado na escolha do seu repertório.

Ficamos, nessa altura, entre estes três princípios: o do conhecimento técnico da obra musical, o da honestidade na interpretação da mesma e, em último o do bom gôsto na escolha do que se vai difundir.

Sobre esse último ponto que procuramos desenvolver este Ribeiro crítico. Públucos e intérpretes travam, freqüentemente, relações das mais estranhas. Relações esquisitas onde se encontra como elo principal ora o bom gôsto, ora (há-las!) o pésimo gôsto.

A nosso ver — sem que vã nessa afirmação — fatalidade de um oráculo — o bom gôsto supera o conhecimento técnico ou teórico quando queremos tratar de educação musical. Infelizmente, nos recitais que se realizam no Recife assistimos com a maior e mais acauteladora das tristezas Im provisões de Schubert que se sucedem às sonatas de Beethoven. Uma tuberculosa e desgastada valsa de Chopin arrancar mais aplausos do público do que uma Chaconne

de Haendel ou uma toccata de Bach! E, quando o concertista anuncia como extra a inconsequência de uma Polonaise Gigante o susurro de gôzo no platéu assemelha-se aos efeitos de Fúrias helénicas.

Não sabemos se isso faz parte do metier como uma de testável concessão ao público, ou se se trata de um abandono do bom gôsto. Essa mistura é péssima. Só interessa, naturalmente, aos estudantes de conservatório, que precisam conhecer tudo, que estão obrigados a passar todos os gêneros, a se identificar com o espírito de todas as escolas.

Mas no momento da mensagem, na ocasião da escolha a coisa muda de aspecto. Exige-se — desde que os intermediários estejam suficientemente aptos para difundir a boa música — exige-se deles o bom gôsto. Pianistas, cantores, regentes de orquestra, violinistas, não têm o direito de difundir a música ruim eximindo-se de uma explicação necessária. Seria o ideal se dissessem no ocasião:

— Toco isso especialmente para aqueles que não têm bom gôsto.

Isto impedia que o público tomasse conciência daquilo que não presta, que é feito somente para impressionar os ouvidos, e, aos poucos, fosse educando a sensibilidade a ponto de perceber que uma valsa melancólica de Tchaikovsky não pode ser ouvida depois de um Prokofieff. Educar o público a ponto de este poder gritar "não queremos isso!" da mesma forma que se berra "bravo!" ou "bis!" é tão necessário quanto ler o D. Quixote de la Mancha...

Pode-se falar de bom gôsto musical como se fala de bom gôsto literário. Tudo indica o apuro de uma sensibilidade. A mistura do bom e do mau, em arte, é o mesmo que, em religião, servir a Deus e ao



Aeschbacher

RECITAIS



Isaac Stern

Desta vez o tempo não nos permite fazer uma apreciação mais detalhada sobre os últimos recitais realizados no Recife. Entretanto, podemos destacar os dois concertos do pianista suíço Adriano Aeschbacher, contratado pela Sociedade de Cultura Musical.

No primeiro concerto salientamos a Chaconne em sol, maior, de Haendel e a Sonata op. 31, n.º 2 de Beethoven. Nos outros números do programa, predominou o mau gôsto de que tanto falamos acima. Schubert, com os seus pálidos Improvisos e Musorgski com os seus soporíferos Quadros de uma exposição.

Da segunda vez, os sócios da Cultura foram mais beneficiados pelos deuses. As quatro sonatas de Beethoven que ouvimos, formaram um programa à altura das platéas mais exigentes. E executadas por um artista de grande valor que tem a perfeita compreensão da obra do mestre de Bonn. As sonatas op. 2, n.º 3 e op. 26 têm uma contextualização de estudo, estudo transcendental onde se aproveita menos o temerariamente arrebatado de Beethoven do que a meditação, o equilíbrio e a técnica. Na primeira, o equilíbrio de pesquisa e a disciplina predominam sobre a liberdade do gênio criador. Aeschbacher — o grande discípulo de Artur Schnabel — sente isso tão bem quanto a atmosfera que estátio impregnadas as outras duas sonatas, o op. 81 ("Les Adieux") e o op. 57 ("Appassionata"). Ai já estamos deante de um Beethoven que se deixa levar pela violência das paixões e marcar pelo estigma do sofrimento. Não se trata propriamente de impressionismo porque Beethoven sempre esteve acima de todos os lamentos. Mas em estas sonatas, particularmente, encontra equidistantes de dois pontos de sua inesaurível obra: do que estavam as suas composições com a intuição do gênio, e do que, através do amadurecimento, lhe induziu a escrever as sonatas tecnicamente

mais perfeitas de toda a história da música.

Como um Borovski especializou-se em Bach sentimos que é este o caminho de Aeschbacher em relação a Beethoven. O opus 57 tão medianamente compreendido por um Sandor no recital anterior da Cultura (apesar de ser um ótimo intérprete de Bach), o diálogo entre um homem e a eternidade. Por outro lado o jovem pianista suíço soube afastar daquela sonata o aspecto de "peça de resistência" do que outros artistas não souberam libertar-se. A vertiginosidade da sonata op. 57, deve ser limpida e arrebatadora sem ser, entretanto, estropiada. O que quer dizer que é essencial o equilíbrio entre os temas que traduzem a fragilidade do homem e o destino que se abate sobre ele em forma de acordes esmagadoras.

Romain Rolland publicou em *Les grandes époques créatrices* um formidável estudo sobre esta obra de Beethoven. Em crônicas posteriores mostraremos a necessidade de divulgação de trabalhos dessa natureza.

Nas 176a e 177a festas de arte da Sociedade de Cultura Musical de Pernambuco ouvimos o violinista Isaac Stern. Grande cartaz no estrangeiro, cachet altíssimo, acompanhador próprio, Salva-se quando toca Prokofieff, Cesare Frank, Brahms, ou Mozart. Mas depois contra sua inteligência quando inclui no repertório uma Sinfonia Espanhola de Lalo. Ou então, quando dá como extra "aquilo" que nos recusamos a ouvir, não por uma atitude de orgulho, mas por um religioso respeito aos mestres que tomavam parte no programa. Porque o ilustre Isaac Stern não compra um violino melhor?

com o hábito de procurar para a vida uma alegria, podemos, muito bem, prescindir da tensão e aceitar a música tal qual se aceita um poema. O detalhe técnico virá depois, apenas para completar a formação e aprofundá-la. O hábito de ouvir, ouvir bem e sob uma orientação inteligente é que desenvolve o bom gôsto e, simultaneamente, destrói a falsa emoção que despertam as composições bombásticas. — GASTÃO DE HOLANDA.

Usina Monte Alegre S. A.

Açúcar e Alcool

Escritório

Rua João Suassuna, N.º 9



TELEGRAMAS

MONTALEGRE



JOÃO PESSOA - PARAHIBA - BRASIL

CAIXA DE CRÉDITO MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(Criada Pelo Decreto Estadual N.º 161, de 20 de Agosto de 1938)

End. Teleg. — "CREDOMIL"

TELEFONE, 9401, — CAIXA POSTAL, 649

AVENIDA RIO BRANCO, 23 — Recife - Pernambuco

*

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

*

Paga as melhores taxas de juros a seus depositantes

C/C. de Movimento (retiradas livres)	4% a. a.
C/C. Populares (limite de Cr\$ 30.000,00, com cheques)	6% a. a.
C/C. com Aviso Prévio (avisos de 10, 20, 20, dias para retiradas até 30, 60 e 100% sobre o saldo da conta)	6% a. a.

*

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

De 6 meses	6½% a. a.
De 12 meses	7% a. a.

DUARTE COELHO

(Continuação da 2a. pag.)

los naturais... (e) entre as plantações abandonadas entraria a cana de açúcar, encontrada por Fernão Magalhães em 1519". (op.cit.)

Ora, parece certo que em Igarapé houve, desde os primeiros anos, não uma feitoria, mas "uma sucessão delas", da frase de Oliveira Lima. Pelo menos os companheiros de Dias de Sóis, ou fizeram escala em Santo Agostinho, encontraram uma feitoria em 1516, seguindo-se outras, fundadas por Cristóvão Jacques, em 1419 ou 1522 e 1528.

Em derredor destes núcleos primitivos seria razoável, dentro da tese de Capristano, se houvesse iniciado a cultura da cana, vindos as mudas diretamente da Ilha da Madeira.

Como quer que seja — e o debate tem um sentido meramente bizantino, viesse da Madeira ou de São Vicente, fosse trazido por Pero Ca-Capico, apontado como um dos seus pioneiros, o certo é que a cana de açúcar encontrada, no massapé pernambucano — cretaceous em decomposição, — terreno esplêndido para medrar e vencer e documentos referidos por Varnhagen falam em que, já em 1526, se pagavam, em Lisboa, direitos sobre açúcares exportados de Pernambuco.

Ponto à margem quaisquer debates teóricos, o que vale acentuar é que Duarte Coelho, ao tomar conta da capitania, tratou de incrementar a lavoura canavieira, tendo como primeira preocupação mandar "se fizerem enjambes daçúqueres que de lá trouxe contratados" abrindo mão dos seus direitos, animado, apena, do propósito de "a hobra yr avante como desejo".

As dificuldades, porém, se amontoavam de todas as bandas.

A corte lusitana se acostumara a olhar o Brasil de esguelha, não tendo, para o mundo cabralino, a migalha das atenções com que tratava o império descoberto por Vasco da Gama, fato, aliás, naturalíssimo e perfeitamente explicável.

O que ditou o imperialismo europeu, a partir do século XV, não foram motivos exclusivos de fé — o plano de ser "não menos certíssima esperança de aumento da pequena cristandade", como nos Lusiadas. Queriam-se riquezas. Trocas, Escambo, "Quem não quer comércio, busca guerra", é o que se lê num dos versos de Caiadas. Certíssimo. Porque o imperialismo fôr mesmo isto: guerra e comércio, em cuja função "os barões assassinados", "dilatando a fôr e o império, andavam talando "as terras viciosas da África e Ásia".

Oras, a terra de Santa Cruz não oferecia nada que se comparasse com a miragem da Índia. Pau-Brasil, canas-fistulas, águas, macacos, índios nus, vibrano — o alimento predileto de Cunhambebe — eis o quadro pouco sedutor dos primeiros reveladores do Brasil — Caminha e Vespuíco à frente. Um "mau negócio", diria Caldeirão. Uma carta de pau arrancada em trunfo de ouro, concluiria agudamente Gilberto Freire.

O certo é que ninguém levou a sério o Brasil, que passou a ser o enjeito da Metrópole, o que, aliás, não escaparia a Duarte Coelho, quando assim se dirigia a el-Rei D. João III: "Nam tenha V. A. em tam pouco esta terra do Brasil, em especial Nova Lusitânia, como mostre ter em pouco, pois nam vays tenho espirito (escrito)".

Qualquer plano de conquista e colonização da terra ameríndia teria de surgir, no princípio, como fruto da iniciativa particular. Portugal, pequeno e pobre, não tinha meios para cuidar da colônia americana. A população total do reino, em 1527, pelos cálculos de Capistrano andava por 1.222.112 almas: como atender, simultaneamente, à colonização de tantas terras, espalhadas por três continentes, sem falar na metrópole?

Nos primeiros anos, portanto, o que se vê são esforços isolados; feitorias quase intermitentes e não menos intermitentes as frotas de patrulhamento dos mares para evitar que os franceses se firmassem nas costas, traficando com pau-brasil.

E não há como deixar de passar em face do que o português conseguiu realizar, graças àquelas qualidades mestras que lhes aponta Gilberto Freire, a mobilidade, e miscibilidade e a aclimatabilidade. — razões do triunfo esplêndido do pequeno reino que tanto se agigantou na tarefa de "novos mundos ao mundo ir mostrando".

Não havia, porém, meios de conter o avanço dos corsários e flibusteiros da França, aos quais as curvaturas portuguesas infligiam pesados danos mas, regressando a Lisboa, deixavam mares livres às suas excursões e investidas. Tão grave era a ameaça das "mair" desavergonhados que, por algum tempo, houve dúvida sobre se o Brasil terminaria sendo lusitano ou gaulês.

Por isso é que D. João III adota o sistema de capitâncias, do modo que se garantisse a descoberta de Cabral por meio da ação individual dos vassalos.

O fracasso da experiência não constitui razão para que se imagine haja sido desacertada a orientação da corte portuguesa, orientação, aliás, que se impôs até como um inevitável.

Homem de largas posses e quinhão com uma das melhores pôrções da colônia, Duarte Coelho esteve a pique de sobrepor, tamanhos eram os encargos da tarefa que lhe foi afeta.

Em uma das cartas ao soberano não se tem em si que não devende o quadro amargo de suas necessidades, agravadas pelas condições especialíssimas que teve de enfrentar na missão

colonizadora. E acentuava: "pera couzas de tamanha ympotancia à mester muito grande gastos e eu estou muito gastado e yndividuado... nem acho no reyno quem me empreite o díl tanto dinheiro a caymbos".

Mas não se tratava apenas do dinheiro imprevisível para atender às exigências da colonização. Surgiam problemas diversos, complicações, desajustamentos, dificuldades nascidas dentro da própria capitania, entraves provocados pela falta de sincronização das capitâncias entre si, lutas com o indígena, o perigo, mais esfogado, do francês flibusteiro, desentendimentos entre os próprios colonizadores.

O que dependia de suas autoridades, Duarte Coelho concertava sem tardança, mas surgiam questões deante das quais se sentia impotente. Sô a autoridade real podendo endireitá-las.

O caso do pau-brasil, por exemplo.

As providências adotadas para o desenvolvimento da lavoura canavieira iam dando certo. "Temos grande soma de canas plantadas... e cedo acabaremos hum engenho muito grande e perfeito e ambo ordenamento de começar ou trots", informava ele para Lisboa. Mas a exploração do pau brasil estava desorganizando os canavais e para oboiar a estes inconvenientes é que o donatário insistia em pedir a ajuda forte do rei.

Não dispõendo de elementos para o cultivo das terras, famoso era aos senhores de engenho recorrer ao indio, sabidamente com horror à agricultura, a que nunca se afizera, pois acostumado à gandaria, em meio à natureza de horizontes largos, sempre se inclinara pela vida livre da caça, da pesca, das guerras continuas.

Doidos por qualquer objeto de ferro, principalmente armas, "quando estavam os ymdeos fiamyntos e desejos de ferramentas, pollo que lhe davam nos vynhão a fazer as levadas e todollas outras obras grossas e nos vynhão a vender os mantimentos de que temos assaz necessaydade", registava o donatário. Mas a que "hussavam fazer brasyll", desejando aumentar a exploração rápida, das florestas, entravam em concorrência aberta com os senhores de engenho, e distribuindo, à larga, ferramentas e apetrechos de caça e pesca, além de contas da Bahia e carapuças de pena e roupas de cores, que homem que (ca) não pode alcançar para

seu vestir", iludiam o seivicola, afastando-o das atividades do campo, e além disso, vendendo-se fardos e sem precisar do amparo dos agricultores, os indios "fazem-se royns do que são e alvorojam-se e levantam-se" contra os fazendeiros. "que, não sendo poderoso para resistir", reclamavam a ajuda de Duarte Coelho.

Já "gastado e yndividuado" com os trabalhos normais da capitania, era-lhe inatural mais este esforço para defender os moradores contra possíveis ataques dos seivicolos, aparecendo, naturalíssima, sua indagação afixativa: "Quem terá tanto dinheiro para polvora e piropus e artelharia e armas e outras couzas necessárias?"

A fim de fazer face à desorganização dos trabalhos agrícolas e à intransquilidade dos moradores da capitania, só enexerga uma solução prática: "que a vynhte legoas de todas estas minhas povoações, s.d.Olymnda vynhte legoas para o sul... e de santa Cruz vynhte legoas para o norte... se não faga brasyll daqui a dez ou doze anos pelos menos".

Quando os governos modernos se atiram, às mais das vezes desaçadamente, a planos de disciplinamento da produção, fixando-lhes quotas, estabelecendo-lhes áreas, executando-lhes o contingente compulsório para evitar crises e coordenar as atividades, repetem o que já reclamava, há quatrocentos anos, o velho Duarte Coelho, que aparece, assim como um dos pioneiros da "economia dirigida", cujo maior talvez consista, não em ser dirigida, mas em que é pessimamente dirigida...

A Coroa portuguesa fechava os olhos às advertências do donatário, a exploração do pau brasil continuando à matroca, sem controle, sem método. E se uma orientação administrativa se aquilata, também, pelos resultados práticos, o velho fidalgo haveria de sorrir triamente ao ver que, não se lhe seguindo as sugestões, em pouco tempo a atividade dos desbravadores, "que não foi uma exploração mas uma destruição", findou esgotando, por intermédio, todas as reservas de madeira de tinta.

Se os "fazedores de brasyll" — e ele se queixa em especial de certos "armadores" de Itamaracá — lhe azucrinavam a vida, muito

mais trabalho e canseiras lhe advinham da natureza da gente que a Metrópole envia para o Brasil.

Numa das cartas a el-Rei, define-se Duarte Coelho como "aspero no reprehender e moderado no castigar". Talvez não tenha sido assim, porque apesar de parecer ter sido ele o afan de manter a ordem, de impor disciplina, de fazer valer sua autoridade na colônia, não suportando nem sofrendo os desmandos e "tyrallaryas", tão comuns noutros pontos, principalmente em Itamaracá, onde campeava o clima do farwest. Rígido em demasia foi o donatário com os "doulos e mal ensinados", a quem sua férula agastada não perdia, nem cessava de surzir continuamente, a começo pelos degradados que a a Metrópole golgava em alviões sobre a colônia.

(Conclue no próximo número)

★

PROVÍNCIA LITERARIA

(Continuação da pag. 9)

... A sua poesia, sim, será eterna, se de fato trouxer à mensagem de fraternidade e beleza para os meus irmãos agoniados com os problemas da vida tempo que para...

Por isso não se deve confundir a verdadeira poesia com essa outra coisa que está por si inundando as redações dos jornais e atrapalhando o senso crítico dos responsáveis pelos suplementos literários. Na verdade, os diretores dos suplementos não só do Recife, como de outras capitais do país, estão sendo afogados num mar de originais de pseudo-poemas que lhes chega diariamente pelo correio, por mão própria e pelas mãos dos amigos. O pior, nessas superproduções de poemas, sonetos e baladas, é que não se aproveita cinco por cento nem do verso livre e nem tampouco do metrificado. Todo-mundo (virgula) prepara e seu sonetinho, o seu poemário e que vío publicado de qualquer maneira, nem que seja na página dos anúncios de aluguer de casas.

Já um dia desses, através do "Jornal do Comércio", nós advertímos à jovem geração da necessidade de não se perder em compor poemas que não são sentidos unicamente pelo prazer de dizer que está fazendo versos. E citávamo o prudente e útil conselho de Rilke a respeito da criação poética. Né entanto, poucos, muitos poucos, foram os que fizeram o seu exame de consciência: — se escreviam por uma necessidade impériosa de criar ou se alinhavavam as palavras somente pelo prazer de se candidarem ao título de poeta. De qualquer maneira não é possível que continuemos a transigir com esses teimosos que num concurso do DASP não chegariam nem a encriturá-los. Infelizmente, não se pode fazer exames e nem concursos para se dar o título de poetas aos que vivem investindo diariamente contra a redação dos jornais e ameaçando todos nós de um naufrágio nesse mar de águas turvas onde a poesia jamais brilhou.

Por isso mesmo a poesia está humilhada e poetas, como Mateus de Lima, não têm coragem de publicar mais nada, porque do jeito que a coisa anda nós terminaremos afogados nesse mar espúrio, como as pobres vítimas das encheres na terra das Alagoas.

UM CONGRESSO DE POESIA EM CAMPINA GRANDE

Numa hora em que os editores e autores estão de olhos esbugalhados deante da crise do livro brasileiro, a atitude dos intelectuais campineiros, promovendo um Congresso de Poesia é extremamente significativa. Da metrópole setaneja chega-nos o apelo dos seus mais jovens poetas para que o Congresso, a ser realizado em fins de maio, possa reunir a maioria dos poetas do nordeste.

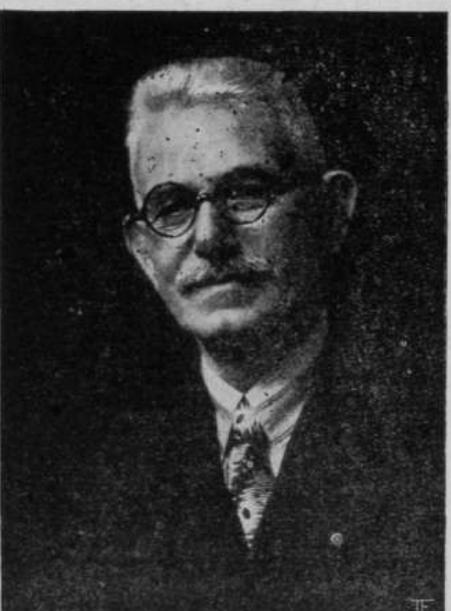
Nenhuma cidade do norte do Brasil está, precisando tanto de um certame dessa natureza como a fabulosa e ianquiada Campina Grande, com os seus negociantes de ouro branco, os seus garimpeiros audaciosos, os seus mercadores de automóveis e geladeiras, os seus itinerantes de todos os recantos do país numa confusão de tipos de diabos e num progresso de todos os dias. Campina Grande é cidade de fama, muito conhecida em Nova York e Londres, Liverpool e Manchester, como o império mais acintosamente progressista do "hinterland" brasileiro, uma espécie de São Francisco da Califórnia na fase áurea. No tempo em que o orgulho era exportado para a Alemanha de antes desta última guerra, corria mundo a anedota do setaria eufórico e gastador, acendendo seus "havaianas" nas pontas das edículas de quinzeiros mil réis.

Numa cidade dessas, preocupada com a cotação da bolsa de Wall Street e esquecida de Walt Whitman, sia que surge de repente uma revista — Ponto e Virgula que é, pelo título, uma exímia advertência à civilização pragmatista do seu povo, e com ela a ideia de um Congresso de Poesia. Caminhamos por, de mãos dadas com os jovens poetas do setaria parabíano para esse futuro conclave. Certame que irá trazer um pouco de serenidade de lago aquile que turbilhão amazônico de competições comerciais. E só assim cumpriremos o nosso destino de não deixar que a Poesia seja abafada neste mundo de ruído das moedas trepidantes. Que a poesia possa ter potencial, dos alagoanos da Borborema, dos futebolistas, dos alagoanos de Picos e o verde do agave que está vencendo o algodão desabrochado em maio como uma flor de muitas faces no seu imenso e universal lirismo.

(Nota: O Congresso foi adiado. Por que?

UMA GRANDE VIDA E UMA GRANDE OBRA

O CRIADOR DA INDÚSTRIA DO CRISTAL DE QUE SE ORGULHA O BRASIL — UM OPERÁRIO ENTRE OS SEUS OPERÁRIOS



Industrial José Vito

Entre as mais vivas demonstrações de entusiasmo e carinho dos seus amigos, admiradores e operários, viu passar no dia 10 de maio, o seu 80.º aniversário o sr. José Vito, chefe da Casa Matriz da firma Fratelli Vito

indústria e Comércio S. A., na Bahia, onde é o aniversariante figura de grande projeção social.

Tendo iniciado muito jovem a sua atividade no grande Estado do sul, cedo constituiu uma importante indústria a que não faltava a característica de

uma administração modelar.

A José Vito estava, porém, re

cevida a missão de dotar o Brasil de uma indústria que é o seu orgulho: a indústria do cristal.

A história do cristal da Bahia

é a própria história glória de José Vito, desse cavalheiro fi-

elado,

cabeça que se embranqueceu na luta de muitos anos por descobrir o segredo da confecção do melhor cristal do mundo.

Entre as manifestações de que

mais trabalho e canseiras lhe advinham da natureza da gente que a Metrópole envia pa-

ra o Brasil.

Numa das cartas a el-Rei, define-se Duarte Coelho como "aspero no reprehender e moderado no castigar". Talvez não tenha sido assim, porque apesar de parecer ter sido ele o afan de manter a ordem, de impor disciplina, de fazer valer sua autoridade na colônia, não suportando nem sofrendo os desmandos e "tyrallaryas", tão comuns noutros pontos, principalmente em Itamaracá, onde campeava o clima do farwest. Rígido em demasia foi o donatário com os "doulos e mal ensinados", a quem sua férula agastada não perdia, nem cessava de surzir continuamente, a começo pelos degradados que a a Metrópole golgava em alviões sobre a colônia.

(Conclue no próximo número)

A MAIS MODERNA INDÚSTRIA DO NORTE DO BRASIL

A COMPANHIA PRODUTOS PILAR S. A., além de manter um cadastro médico completo de todos os seus operários, ainda mantém um restaurante para os mesmos — A história de uma grande indústria de massas



O velho prédio da fábrica que evoca as lutas e canseiras dos Turtons...

A maior e mais sólida indústria de massas alimentícias do norte do Brasil está localizada em Pernambuco. Trata-se de tradicional consórcio industrial que tem uma história das mais importantes para o nosso cadastro histórico-econômico. Nascedo de um simples artesanato, por assim dizer, hoje exporta e abastece a cidade e o interior, mandando ainda, a outros Estados, mercadorias que há 74 anos davam apenas para a distribuição por alguns poucos bairros residenciais do Recife.

Passemos, pois agora, ao histórico da Companhia Produtos Pilar S. A., que hoje têm à frente o snr. Walter Tourton uma das mais impressionantes figuras industrial pernambucano.

FUNDACÃO DA GRANDE INDÚSTRIA

Continuam a passar os Data do ano de 1875 a anos e, finalmente, em fins

fundação da atual Companhia Produtos Pilar S. A. pelo comerciante português Luiz da Fonseca Oliveira. Passam os anos e a indústria progride, lenta mas seguramente. Carecia, então, de uma nova força a impeli-la para campos mais vastos. E essa força chega, precisamente em 1892, quando se associa à firma, o snr. Joseph Leonardo Turton, passando a firma a ser denominada Luiz Fonseca de Oliveira & Cia.

Explora-se, por esse ano já mais ou menos remoto, apenas a indústria de biscoitos. Tudo vai de vento em popa e a indústria progride a olhos vistos, apesar dos métodos comerciais da época limitarem a expansão de uma indústria que acabava de consolidar-se...

NOVOS MÉTODOS COMERCIAIS

Continuam a passar os Data do ano de 1875 a anos e, finalmente, em fins

de 1928 e inicio de 1929 urge uma alteração num dos daquela então já grande indústria: o serviço de entregas dos produtos. E o snr. Joseph Leonardo Turton inaugura o primeiro automóvel para entrega, pelos estabelecimentos comerciais do Recife, das mercadorias de sua fabricação.

Mas não vai parar ai o surto de desenvolvimento, porque no ano seguinte é lançado um novo produto no mercado: o macarrão. E, logo em seguida, são instaladas máquinas para outras massas alimentícias.

Em 1936 resolve o seu proprietário transformar a firma numa sociedade anônima, pois necessidades de ainda maior expansão exigem tal medida. Essa transformação vai dar à pequena incipiente indústria de

há alguns anos o título atual de Companhia Produtos Pilar S. A.

ELEITA A PRIMEIRA DIRETORIA

E, então, eleita a primeira diretoria, ficando o snr. Joseph Leonardo Turton com a direção comercial, o snr. Joseph Turton, como diretor industrial e o snr. Walter Turton como diretor-comercial.

Atualmente é a seguinte a diretoria da Companhia Produtos Pilar S. A.: diretora-presidente, snra. Joana Consera Turton e diretor-gerente, snr. Walter Turton.

UMA MULTIDÃO DE OPERARIOS

Quatrocentos operários regulares povoam, atualmente, as numerosas sec-

ções dessa grande indústria teiro à fábrica, de modo a afastar, por esse meio, a perda de repouso que seria infeliz se tivesse o trabalhador de locomover-se até sua residência para a refeição.

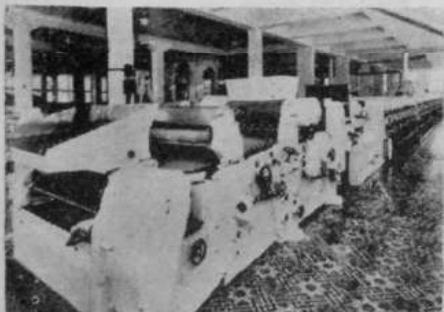
A MAIS MODERNA INDÚSTRIA DO NORTE

Trabalhando com máquinas automáticas, em sua maioria, a Companhia Produtos Pilar S. A. está enquadrada entre as mais modernas indústrias brasileiras, podendo mesmo dizer-se que é a mais moderna do norte do Brasil.

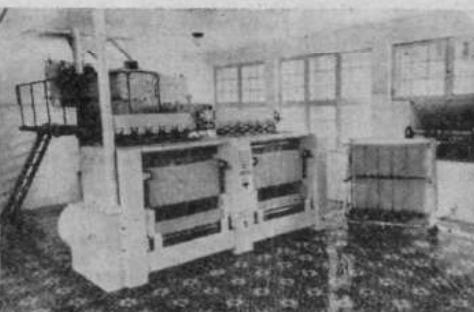
Tendo possibilidades de maior produção, tem a mesma limitada pela falta de matéria prima, que se vem verificando desde que se tirou a Pernambuco a prioridade de importação da farinha de trigo dos países que oferecem o produto por preço mais acessível.



o novo edifício da Companhia Produtos Pilar S. A., símbolo da vitória do trabalho e da inteligência



Conjunto automático para fabricação de biscoitos tipo Cream-Crack



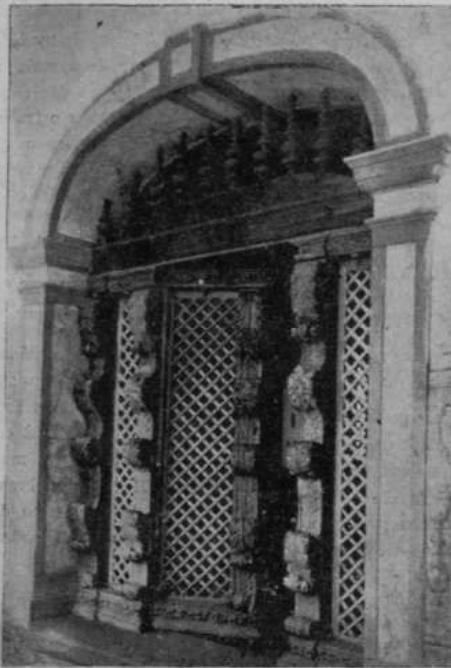
Conjunto automático para fabricação de massas alimentícias — único na América do Sul!



Conjunto automático para fabricação de biscoitos

SALVADOR DA BAHIA

Tilde Canti



(Fig. I) Porta de jacarandá da capela — Convento do Carmo

Terras de todos os Santos...
Nosso Senhor do Bom Fim...

Uma infinitas de igrejas; baianas cheias de "balangandas" e seus tabuleiros cheias de quitutes... acrânj, vatajá, caruru... Cidade baixa, cidade alta, casas coloniais, elevador de cimento armado; ladeiras suportadas por arcos onde se encravam casas que lembram moradias "trotigoditas"...

Nesta cidade das contraste, onde as ruas enladeiradas dos tempos coloniais cruzam com avenidas asfaltadas, sente-se ainda o traço forte de nossos ancestrais portugueses. Salvador da Bahia lembra um pouco Lisboa. Ali nasceu o Brasil colonial tipicamente português e mulato...

Nesta Bahia tradicional, onde em cada esquina lemos páginas de nosso história e em cada canto, onde há um templo, temos a imagem do esplendor e da força da arte colonial, sentimos bem o caldeamento de nossa gente. Pois ao lado do artífice português trabalhavam os escravos indios e pretos.

Procuremos lembrar um pouco dessa história e desse esplendor, descrevendo alguns templos, aqueles que são verdadeiros monumentos artísticos e históricos.

O primitivo Colégio dos Jesuítas, construído em 1579, teve



(Fig. II) Sacristia — Convento do Carmo

um papel preponderante no desenvolvimento da cultura brasileira. Ali o padre Antônio Vieira viveu seus últimos dias, morrendo em 18.VII.1697. Em 1558, quando Cardim andou pela Bahia, nôo esteve: — "Os padres têm aqui colégio novo quasi acabado; é uma quadra formosa com boa capella, litorânia, e alguns trinta cubículos, os mais delles têm as janelas para o mar. O edifício é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa como a de pedra de Portugal. Os cubículos são grandes, os portões de pedra, as portas d'angelim, forradas de cedro;... A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela d'ouro;... painéis da vida de Christo e todos os Apóstolos. Todos os três altares têm doceis, com suas cortinas de tafetá carmesim..." (1). Supomos que essa tenha sido a primeira construção religiosa importante na Bahia.

A atual Catedral Brasileira é a reconstrução da primitiva igreja do colégio da Companhia de Jesus. Presume-se que essa reconstrução tenha começado entre 1674 e 1694, na época das grandes reconstruções na Bahia, depois da guerra com os holandeses. Já em 1696, há o testemunho de Froger, que esteve na Bahia com a esquadra francesa, comandada pelo "monsieur" De Gennes; tendo ele ficado muito impressionado com "os grandes mosteiros, ricos e numerosos, sobretudo o dos Jesuítas, que abrigava 190 religiosos e em cuja igreja havia a mais rica, artística e monumental das sacristias" (2). Entretanto consta que só em 1744 tenha sido terminada a construção da Catedral, que só tomou esse nome depois da expulsão dos jesuítas em 1760. Dis Pedro Calmon que a igreja da Companhia foi feita "segundo o desenho de S. Vicente de Fora em Lisboa e da igreja dos jesuítas de Santarém" e também que: "Ao magestoso templo corresponde uma sacristia em estilo e beleza comparável as melhores obras do século, adornada além disto de retábulos "qu'ils m'ont dit être des meilleures Maîtres d'Italie", no conceito d'um viajante de 1702" (3). Sua fachada é toda revestida de pedra d'Alvântura vindas logo no princípio do Século XVIII, de Portugal. Poin o navegador francês Frezier, em 1714, comenta: — "Na igreja dos Jesuítas, revestida de marmore trazido da Europa, destacava-se a sacristia muito bela, tanto pela elegância da obra dos arcados e mobiliário em geral, feitos de madeira preciosa com embutidos de marfim..." (4). Seu interior é muito interessante pela variedade de estilos encontrados em seus altares. O teto de madeira esculpida em branco e ouro, no estilo correto do Século XVIII no Brasil. Entretanto os altares variam desde este estilo, com anjos coloridos, em barroco pesado, até o estilo florentino com mármores de cér. O altar-mór é todo de talha dourada; tendo os lados painéis pintados sobre madeira, com ricas molduras esculpidas e douradas. Em várias peças de mármore que integram sua construção interna, há esculturas, como nas colunas e alízares das portas. O teto sob o cér tem uma pintura floral no gênero da pintura bizantina. Tendo sofrido várias reformas, imaginamos que essa variedade de estilos nos altares seja decorrente disto. Pois na época colonial, não se costumava usar os marmores coloridos italianos formando desenhos geométricos por incrustação; nesse estilo ainda corrente, hoje em dia, em Florença e Piza. No Brasil do Século XVIII havia em abundância o jacarandá e o ouro, que eram, de preferência, usados pelos artistas que trabalhavam nos templos coloniais.

Dois anos depois de começado o colégio dos jesuítas, chegaram na Bahia em 1581, os beneditinos, que se instalaram na ermida de S. Sebastião então existente. Logo em seguida começaram a construir seu mosteiro que, durante a guerra com os holandeses, foi teatro de acontecimentos históricos. Comemorando esses acontecimentos há uma placa que diz: — "Aos 9 de Maio de 1623 entraram os Holandeses por esta porta. Aos 30 de Março de 1625 este mosteiro foi transformado em quartel General do Sul, onde aos 2 de Abril de 1625 os Holandeses num ataque imprevisto mataram grande parte da guarnição que foi sepultada no seu claustro". Presume-se que seu mosteiro tenha sido reconstruído em 1670 e anos seguintes, tendo como arquiteto Maccario de S. João que faleceu em 1676. A Igreja de S. Bento, porém, no contrário das de Rio e Olinda, não tem nenhum interesse artístico marcante. Construída no S. XIX, pois foi terminada em 1877, tem apenas um ou outro vestígio da riqueza arquitetônica dos tempos coloniais. Sente-se nela a decadência da arte religiosa no Brasil.

Um dos maiores conventos de fins do S. XVI, antes de completadas as construções dos conventos e mosteiros dos franciscanos e beneditinos, foi o Convento do Carmo, cujos irmãos chegaram em 1586. A sacristia desse convento é uma das mais decoradas da Bahia. Em estilo barroco, tem no teto pinturas religiosas, emolduradas em rosáceas douradas; alternando com as pinturas há pinjantes esculpidos. Toda parede é recoberta de entalhes e pinturas. Havendo nos vãos das janelas estátuas de figuras da igreja. A pia também barroca é em mármore. (Fig. III). Os móveis acompanham o estilo manuelino das portas. "A sua bela igreja foi principiada em 1602. Igualmente o mais afastado do centro urbano, desempenharia importante papel militar nas guerras holandesas. Poude servir de quartel general a D. Fradique de Toledo em 1625" — (5).

Com o primeiro surto de construções religiosas no Brasil os franciscanos construiram uma pequena capela, no local da atual portaria do convento, onde existe um modesto altar.

Em 1587 lançaram a pedra fundamental de seu primeiro convento na Bahia que, então, de proporções modestas, foi destruído com a invasão holandesa. Sua reconstrução presume-se que seja anterior a 1633 (pelo menos o início da reconstrução). Entretanto em 1696 ainda se falava ressas reconstruções; pois



Bahia — Igreja de S. Francisco

contribuiu para mesma o Governador Geral do Estado "Marquez das Minas". D. Antônio de Sousa Telles de Menezes (governador entre 1683/7). Essa reconstrução obedeceu ao estilo tipicamente franciscano onde a harmonia das arcadas clássicas que circundam o pátio do claustro, deixa escorar a luz do céu azul sobre os azulejos portugueses que contam histórias religiosas. (Fig. IV). Portas de jacarandá, onde a talha sofreu influências manuelinas, barroca e moçárabe, fecham, aos olhos profanos, as relíquias artísticas do velho convento (Fig. D. Na base do Capitul), além da barra de azulejo, que é uma das características na construção franciscana, e das esculturas douradas do altar, o teto tem pinturas religiosas enquadradas em molduras octogonais e estreladas com frisos e entalhes dourados sobre fundo branco; estando recobertas de motivos barrocos as ricas molduras dos vários quadros da sis-

(Continua na 2a. pág.)



(Fig. IV) Claustro do convento de São Francisco